



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ENTRE MITOS E RITOS: A ROMARIA DA NOSSA
SENHORA DA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS,
EM SANTA MARIA /RS.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Larissa Molinos da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil.
2011**

**ENTRE MITOS E RITOS: A ROMARIA DA NOSSA SENHORA
DA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS,
EM SANTA MARIA /RS.**

por

Larissa Molinos da Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do
Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração
em Antropologia, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

Orientadora: Prof^a Dr^a Ceres Karam Brum

**Santa Maria, RS, Brasil
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**ENTRE MITOS E RITOS: A ROMARIA DA NOSSA SENHORA DA
MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS, EM SANTA MARIA /RS.**

elaborada por:
Larissa Molinos da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

Comissão Examinadora

**Ceres Karam Brum, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)**

Ari Pedro Oro, Dr. (UFRGS)

César Góes, Dr. (UNISC)

**Jorge Luiz da Cunha, Dr. (UFSM)
(Suplente)**

Santa Maria, março 2011.

AGRADECIMENTOS

À toda minha família, pelo apoio e incentivo.

À minha Mãe, pelas palavras de força e pelas incansáveis orações.

Ao meu “Marinoivo”, Lucas, pela compreensão pelos muitos finais de semana distantes.

À pessoa que acreditou nas minhas intenções de pesquisadora no Mestrado, minha orientadora e amiga Prof. Dr^a. Ceres Karam Brum.

À Banca Examinadora, Prof. Dr. Ari Pedro Oro e Prof. Dr. César Góes, pela imensa contribuição sobre meu trabalho.

À Prof. Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini, pela dedicação em mostrar a importância dos “seus italianos” em minha pesquisa.

A todos os amigos que me ajudaram de alguma forma na realização dessa dissertação, em especial, Jean Vasques, e aos meus colegas do Mestrado Suzana Cavalheiro de Jesus, Fernanda Simonetti, Renato Santos Silva, Francieli Rebelatto.

Ao Joãozinho, que além de ter sido muito importante para realização desse trabalho, tornou-se um amigo.

À Secretaria de Turismo Municipal de Santa Maria e ao Exm^o. Sr. Prefeito Municipal César Schirmer, por permitir-me o acesso à pesquisa antes mesmo dessa ser veiculada nos meios de comunicação.

Aos amigos feitos no Senhor Café, por toda a preocupação e aconselhamentos sobre minha dissertação.

À minha eterna companheira nos momentos da escrita da dissertação, me dispersando algumas vezes, mas na grande maioria me acalmando, minha “filha canina” Layla Fiona.

A todos que de alguma forma contribuíram para a construção dessa dissertação.

*A confiança é um ato de fé,
e essa dispensa raciocínio.*
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

ENTRE RITOS E MITOS: A ROMARIA DA NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS, EM SANTA MARIA, RS.

AUTORA: LARISSA MOLINOS DA SILVA

ORIENTADORA: CERES KARAM BRUM

Santa Maria, 28 de março de 2011

Esta dissertação se propõe à observação e à análise da importância da Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças para a cidade de Santa Maria- RS, e de como ela tornou-se uma santa de devoção popular. Através de um trabalho etnográfico desenvolvido entre os anos de 2009 e 2010, com diferentes atores, tais como: Igreja Católica local, fiéis locais, peregrinos, romeiros e turistas, procuro interpretar as diferentes motivações para a participação na Romaria. E, por fim, encaminhar uma reflexão de como esse evento religioso, através de seu mito e de seu rito, influencia no desenvolvimento do turismo religioso na cidade de Santa Maria-RS.

Palavras Chaves: Romaria da Nossa Senhora Medianeira; rito; mito; turismo.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation Project
Masters Degree Program in Social Sciences
Federal University of Santa Maria

Entre ritos e mitos: a Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria, RS.

Between rituals and myths: a Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, in Santa Maria, RS.

AUTHOR: LARISSA MOLINOS DA SILVA
GUIDANCE PROFESSOR: CERES KARAM BRUM

This text is to the observation and analysis of the importance of the Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças for the city of Santa Maria - RS, and how she became a saint of popular devotion. Through an ethnographic study conducted between the years 2009 and 2010, with different actors, such as: the local Catholic Church, local faithful people, pilgrims and tourists; seeking to interpret the different motivations for the participation in the Pilgrimage. And at last, a reflection is carried on how this religious event through its myth and ritual influences on the development of religious tourism in the city of Santa Maria-RS.

Keywords: Romaria da Nossa Senhora Medianeira, ritual, mith, turism.

LISTA DE IMAGENS:

Mapa 1- Mapa do Rio Grande do Sul, em destaque cidade de Santa Maria. Fonte: http://www.santamariatur.com.br/mapaRS.htm	23
Foto 1 - Vista da Basílica as 4h 30min. Fonte: arquivo pessoal.....	55
Foto 2 - Camionete da Brigada Militar enfeitada para receber o quadro com a imagem da Nossa Senhora da Medianeira. Fonte: arquivo pessoal.....	59
Foto 3 - A Procissão saindo do túnel Evandro Beher. Fonte: arquivo pessoal.....	64
Foto 4 - Durante Missa Campal, muita distração perto da bar. Fonte: arquivo pessoal.....	67
Foto 5 - Retorno do quadro da Nossa Senhora Medianeira para a Basílica. Fonte: arquivo pessoal.....	73
Foto 6 - Uma visão parcial da aglomeração de pessoas ao redor do quadro. Fonte: arquivo pessoal.....	81
Foto 7 - As autoridades ao lado do quadro durante a Procissão. Fonte: arquivo pessoal.....	82
Foto 8 - Vendedor ambulante oferecendo calendário aos romeiros Fonte: arquivo pessoal.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: SANTA MARIA DA ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS	22
1.1 Santa Maria - um pouco de sua história	22
1.2 Início da Devoção à Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria-RS	27
1.3 Imigração Italiana e a sua influência na fé Católica.....	30
1.4 (Des) Encontros com informantes - primeiras idas a campo.....	33
Primeiros contatos com a informante principal e a Basílica da Medianeira	33
1.5 Os primeiros preparativos para a Romaria da Nossa Senhora Medianeira	38
1.6 O Reitor da Basílica - Padre Bertilo	39
1.7 Irmã Terezinha, Madre Superior da Ordem das Pequenas Operárias da Nossa Senhora Medianeira.....	43
1.8 Tentativas de conseguir mais informantes.....	44
CAPÍTULO 2: A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA: UMA ETNOGRAFIA DO RITUAL E SEUS PERSONAGENS	46
2.1 Véspera da Romaria da Nossa Senhora Medianeira	46
2.2 Enfim chegou o Grande Dia: a Romaria da Nossa Senhora Medianeira	54
2.3 A Segunda Romaria	73
2.4 O Personagem da Romaria	78
2.5 Início da Procissão.....	80
2.6 <i>Nada é coincidência, tudo é providência</i>	89
2.7 Romaria durante a tarde.....	94
CAPÍTULO 3: A ETERNA BUSCA	97
3.1 A eterna busca: romaria e/ou peregrinação	97
3.2 Turismo Religioso	103
3.3 A Romaria da Nossa Senhora Medianeira entre o sagrado e o profano	110
3.4 A Pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo Municipal	114
CONCLUSÃO	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

INTRODUÇÃO

O Objetivo da execução dessa dissertação é elencar alguns motivos da importância da Romaria da Nossa Senhora da Medianeira de Todas as Graças para a cidade de Santa Maria-RS, confluindo para tal, as diferentes realidades com diferentes atores presentes durante tal evento, tais como: a Igreja Católica Tradicional e seus fiéis locais, os romeiros e os turistas. Tentar entender a motivação desses peregrinos, romeiros, que se dirigem para Santa Maria todo segundo domingo de novembro com intuito de participar da Romaria.

Neste trabalho, estudarei a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira tendo como um dos fortes motivos para a escolha deste tema, a inexistência de trabalhos antropológicos sobre a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, e também a busca por entender alguns aspectos dela, que acredito ser possível somente com um trabalho de campo com os párocos e as paróquias, de modo geral, mais diretamente envolvidas com sua organização. Também procurarei abordar o lado mais secular da Romaria, com a questão do turista movido para cá com intuito de observar a “fé do povo”.

O porquê da escolha do objeto de pesquisa

Sou descendente de uma Família Católica Apostólica Romana, ou melhor, esta característica é verificada apenas nas integrantes do sexo feminino. Desde minhas memórias mais remotas, lembro de ter interesse por assuntos relacionados à religião, pois, como todo indivíduo, fascina-me aquilo que o racional não consegue explicar. Como já colocado por Geertz (1989, p.105), a religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade, que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. E continua, a religião é um sistema simbólico responsável por determinado tipo de comportamento social, isso sendo caracterizado por nossa dependência de sistemas simbólicos a ponto de serem estes responsáveis pela nossa viabilidade como criaturas (1989, p.144). Peter Berger sentencia que a religião serve para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas (1985, p.55).

Minha avó paterna andava 12 quilômetros para ir à Missa, fazia esse trajeto todo final de semana. As Missas ocorriam na zona mais urbanizada de Roque Gonzales, onde residiam no

interior do Rio Grande do Sul, na região das Missões, na época, ainda não emancipada do município de São Luiz Gonzaga.

Já minha avó materna sempre foi o que chamam de “Carola”- senhoras muito assíduas nas Igrejas. Ela frequentava as Missas pelo menos duas vezes ao dia. Para ela, ficava mais fácil o acesso às Missas, devido ao fato de residir em Uruguaiana, mais especificamente, na zona urbana, local fecundo em termos religiosos, com a presença de maior número de paróquias. E, para não fugir à regra, minha Mãe é fiel assídua nas Missas, em especial nas de sábado. Na cidade onde reside, há apenas duas Missas por semana, uma no sábado e outra no domingo. Ela participa dos grupos de oração de Schoenstatt há pelo menos 15 anos, antes dessa época, sempre frequentou a Igreja Católica, mas sem ser devota a um determinado Santo(a) específico. Há também o exemplo de minha Tia Paterna, ela não frequenta tanto as Missas, contudo efetua leituras cotidianamente sobre Deus e Nossa Senhora, participa do mesmo grupo de oração de minha Mãe. Ela é minha Madrinha de Crisma¹.

Como havia dito, essa é uma característica predominante da parte feminina de minha família, uma situação congênere. Já a parte masculina reitera a mesma assertiva: “os Padres falam muita bobagem”, e por consequência não frequenta a Igreja. Nunca anteriormente tinha pensado o porquê acontecia esse fato relevante dentro de minha própria Família, talvez por possuírem um viés sexista. Esse é um contexto muito *en passant* da minha história entremeada pela questão religiosa, ou seja, nasci e dois meses após fui batizada; a partir dos 9 anos de idade frequentei a catequese durante dois anos para poder fazer a 1ª Comunhão. Depois frequentei a catequese por mais 3 anos para poder ser Crismada. Essa segunda fase da catequese eu não gostava muito, pois éramos obrigados a ir à Missa Dominical para depois irmos à catequese, que por consequência da Missa, acabava nem se prolongando, ou seja, nossa catequese acabava sendo na Missa mesmo².

Foi mais ou menos nessa época que minha Madrinha de Batismo (considerada por mim

¹ Crisma é o segundo dos Sacramentos da Iniciação Cristã, que infunde ao batizado o Espírito Santo, assim como aos Apóstolos no dia de Pentecostes. O nome “crisma” vem da unção com óleo de Santa Crisma, que simboliza a impregnação pelo Espírito Santo. Esse sacramento é chamado também de Sacramento da Maturidade Cristã. O cristão, ao se crismar, confirma conscientemente o seu Batismo, a sua opção pelo Cristo e se compromete ser a sua testemunha no mundo. Ratifica as promessas batismais feitas pelos pais e padrinhos no dia do seu batismo.

² A **Crisma** é uma decisão pessoal e uma opção consciente de um cristão, que fortalecido pelos dons do Espírito Santo se torna capaz de cumprir a missão cristã com responsabilidade e coragem. É um sacramento muito importante na vida cristã e a sua prática se dá desde o início da Igreja (Cf. At 8,17; 19,6), o que sugere que foi ordenado pelo próprio Jesus Cristo. O **Espírito Santo** que se recebe no sacramento da Crisma, vem não só para fortalecer uma pessoa na luta com as adversidades, mas também para santificar. Santifica a quem o recebe e também quer santificar o mundo por meio do cristão crismado. Vem ajudar a viver o amor em família e na comunidade, conforme o mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros...”. <http://www.diocesedeapolis.org.br/doutrina/crisma-nic.php>

ainda como Dinda) me apresentou o Espiritismo Kardecista, presenteando-me com o Evangelho segundo o Espiritismo. A partir daí talvez tenha surgido meu interesse por outras religiões, não podendo satisfazer de forma plena minha curiosidade por não haver outro tipo de Instituição religiosa na minha cidade com exceção dos “amém Jesus”- chamados assim por meu pai, ou seja, a Igreja Assembléia de Deus. Eu até poderia ter muita curiosidade gnosiológica, mas era impensável eu participar de algum culto, mesmo sendo apenas para conhecer. Qualquer instituição religiosa que não fosse a Católica, seria considerada em casa praticamente como uma herege, pois a verdade estaria presente somente naquela.

Com 15 anos, passei a morar em Santa Maria, uma cidade multifacetada no que tange o fator religioso. Nas aulas da disciplina de História, deparei-me com a história da Idade Média e de todos os conflitos éticos e morais pelos quais passou a Igreja Católica, comecei a questionar-me se realmente haveria necessidade de uma instituição fazer a mediação entre o Homem e o Sagrado. No mesmo ano da minha chegada, teve repercussão na grande mídia, o famoso “chute na Santa”, protagonizado pelo Bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Propagandeou alguns rituais presentes nos cultos dessa Igreja, comentando como tal Igreja manipulava seus fiéis, prometendo o paraíso aqui e agora - tal ato conhecido pelos estudiosos da área como Teologia da Prosperidade, estudada por Ricardo Mariano. Um ato falho da mídia foi não levar em consideração o que Malinowski já dizia: a religião ajuda as pessoas a suportarem “situações de pressão emocional”, “abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto, através do ritual e da crença no domínio sobrenatural” (Geertz, 1989, p.76). Tive muita vontade de ir presenciá-los de perto, ainda mais que minha escola era praticamente em frente ao maior templo presente em Santa Maria. O meu receio foi maior e acabei não indo conhecer a IURD.

Com 18 anos, comecei a frequentar por um curto espaço de tempo as Missas Carismáticas na Catedral Diocesana, igreja central da cidade de Santa Maria-RS, com uma amiga. Foi um pouco depois que o Padre Marcelo Rossi surgiu com seus CDs de músicas. Foi na verdade minha “primeira saída” realmente das Missas tradicionais para algo um pouco diferente, mesmo sendo ainda na Igreja Católica. Não conseguia sair daquele redemoinho da superestrutura, que olhava com maus olhos a ida a outro tipo de Igreja além da Católica, também pelo fato da pouca idade e, por consequência, a imaturidade inerente a ela, fez com que eu não me interessasse suficientemente para procurar algo que satisfizesse minhas curiosidades gnosiológicas e ânsias de conhecer algo que me ligasse ao “Outro Mundo”.

Depois da minha saída da casa de meus pais, aos 15 anos de idade, frequentei pouquíssimo a Igreja de minha cidade, para ser mais precisa, foram apenas algumas vezes logo

nos anos subsequentes a minha saída, eu acompanhei minha Mãe na missa de celebração da Paixão de Cristo da “Sexta-Feira Santa”.

Aos 22 anos de idade, motivada pela perda de uma grande amiga, comecei fazer peregrinações nas mais diversas crenças. A primeira que frequentei foi o Espiritismo Kardecista por influência de minha dinda, e também pela forma reconfortante que é vislumbrada a morte por este. Gostava de receber os passes e de ouvir as palestras dadas nos centros espíritas. Fiz algumas aulas de iniciação, semelhantes as da catequese da Igreja Católica, porém, como o centro espírita ficava distante de minha casa, eu dependia de ônibus para chegar a ele, e as aulas eram noturnas, decidi parar de frequentar. Os espíritas teriam uma explicação diferente para essa minha desistência, justificando que tal atitude de meu afastamento seria pelo fato de meu espírito ainda não estar preparado para receber aquele determinado conhecimento.

Fui com uma amiga a um Centro de Umbanda da linha branca, íamos nas terças-feiras à noite participar do atendimento que era feito para a comunidade. Chegávamos um pouco mais cedo para conseguir pegar ficha com os que eram considerados melhores guias espirituais, orientadas por amigas dessa minha amiga, famosos por serem os que mais acertavam as previsões. Mas como era difícil conseguir pegar seguidamente o mesmo guia, consultávamos com outros. A consulta era feita numa sala com todos os guias espirituais vestidos de branco um ao lado do outro atendendo o público. Nesta sala havia um altar com uma gama de Santos Católicos e de Pretos Velhos. Não me identifiquei com esse Centro Espírita, principalmente pelo fato de cada guia espiritual me dizer coisas diferentes sobre o mesmo assunto.

Uma amiga da minha irmã, de Porto Alegre, comentou comigo a existência de um Centro Budista aqui em Santa Maria, contudo, não sabia me informar o endereço. Depois de muito procurar, achei-o. Compareci em alguns sábados à tarde, horário destinado aos iniciantes. O Centro nesta época era numa casinha de madeira, com vários painéis com pinturas de Divindades Budistas. Era um local agradabilíssimo, proporcionava uma paz interior, contudo, eles deixavam claro que não bastava frequentar ali, e frisavam a importância de irmos para o Centro Budista de Três Coroas participar de um Retiro Espiritual. Informe-me a respeito dos preços, na época, um Retiro girava em torno de dois salários mínimos, algo praticamente impensável para o meu padrão de vida. Com tudo isso, cheguei a uma triste conclusão, o fato dessa Ideologia de Vida (assim eles se autodenominam) se ocidentalizou e se capitalizou, sendo acessível para uma ínfima minoria da população.

Participei umas quatro vezes da Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, somente da procissão. Nunca cheguei muito próximo do altar-monumento devido à multidão que lá se

encontrava, ou seja, participar da Missa Campal as 10h da manhã sempre foi algo impensável. Durante esses anos, algo observável nitidamente era a tamanha devoção dos participantes de maneira geral, já diferente da minha postura sempre utilitarista, admirada como aquelas pessoas conseguiam crer daquela forma tão intensa, algo que jamais consegui vivenciar.

Assim termina essa breve explanação sobre as minhas peregrinações/incursões pelos mais diversos credos religiosos. Desde então, saiu de cena aquela procura por uma religião que satisfizesse a ânsia por identificação com alguma crença, e entrou em cena a possuidora de um conhecimento básico em antropologia, querendo entender a motivação das pessoas em crer em determinadas denominações religiosas. Exercício considerado desde o início não facilmente exequível, já que lida com sentimentos, com filosofias de vida, com crenças de terceiros. E como não há uma forma de “escanear” os sentimentos dessas pessoas, conto com o uso do conhecimento de antropologia para tentar interpretá-los de melhor forma.

Interesse antropológico tomando forma

Fiz minha monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais (bacharelado) sobre a Igreja Batista Nacional de Santa Maria, intitulada *Igreja Batista Nacional de Santa Maria e sua Visão Celular: um Fenômeno em angariar fiéis* (2005), observando seus cultos e, em especial destaque, a participação das células com outras mulheres pertencentes à IBN. Na célula pude observar muitos aspectos de como se davam as redes dentro da Igreja, quais eram as estratégias utilizadas para conseguir cada vez mais um maior número de adeptos, a força do emocional sobre os fiéis da IBN, em especial durante o culto, tanto para os recém chegados quanto para os demais de longa data. Constatei a célula como um *locus* frequentado por pessoas da sua faixa etária, pertencentes ao mesmo gênero, passando por problemas semelhantes e em especial, ocorrendo uma espécie de grupo de ajuda mútua. Percebia-se que não era a única pessoa com algum tipo de problemas, lá, dividia-se os problemas com as demais para ficar mais fácil encará-los; e por mais modernizada, os preceitos morais continuavam os tradicionais. Este foi meu primeiro exercício nesta linha da antropologia da religião, muito primordial, mas um exercício que foi se aprofundado no decorrer do Mestrado em Ciências Sociais com o estudo sobre a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira.

O interesse pelo tema que um cientista se propõe a pesquisar, muitas vezes, parte da curiosidade do próprio pesquisador ou então de uma interrogação sobre um determinado problema ou fenômeno. No meu caso, em especial, estudo a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira e a confluência das diferentes visões de mundo: da Igreja Católica Tradicional e seus

fiéis locais, dos romeiros, dos turistas. No entanto, a partir do momento que o objeto de pesquisa é escolhido pelo próprio pesquisador, isso, de certa forma, desmistifica o caráter de neutralidade do pesquisador perante a sua pesquisa, já que, na maioria das vezes, a escolha do objeto revela as preocupações científicas do pesquisador que seleciona os fatos a serem coletados, bem como o modo de recolhê-los. Mas, de qualquer forma, nem sempre é fácil determinar aquilo que se pretende pesquisar, pois a investigação pressupõe uma série de conhecimentos anteriores e uma metodologia adequada ao problema a ser investigado. Por mais ingênuo ou simples que sejam suas pretensões, qualquer estudo objetivo da realidade social, além de ser norteado por um arcabouço teórico, deverá informar a escolha do objeto pelo pesquisador e também todos os passos e resultados teóricos e práticos obtidos com essa pesquisa (BECKER, 1994).

A devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças chegou ao Brasil em 1928, quando esta foi introduzida no Seminário São José, da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, através de um santinho³, imagem recebida da Bélgica por Frei Inácio Valle. Dois anos depois, diante da iminência de uma luta armada na cidade de Santa Maria, um pequeno grupo de romeiros foi à igreja do Seminário São José orar pela intervenção de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Logo em seguida, a demanda foi resolvida sem confronto. Então, o povo organizou uma romaria maior e se dirigiu à igreja do Seminário para agradecer a proteção da Mãe Medianeira. É a Romaria mais antiga e tradicional do estado, reunindo, no segundo domingo de novembro, cerca de trezentas mil pessoas em Santa Maria, cidade de aproximadamente duzentos e setenta mil habitantes (BORELLI, 2007, p.78-79).

A Romaria dedicada à Nossa Senhora da Medianeira em Santa Maria-RS vem crescendo em número de fiéis, segundo o que me foi dito pelos párocos da Basílica e a estimativa de público feita pela Brigada Militar durante a Romaria. Seja em função da fé, das promessas, do turismo, ou do consumo, um grande número de pessoas se deslocam de suas casas para acompanhar um símbolo religioso. As representações que o envolvem são muito variadas, permitindo que a cidade, Santa Maria, esteja envolta pelo turismo religioso, atividade buscada por todas as cidades em nome do desenvolvimento. O crescimento desta atividade na cidade objetiva afirmar a cidade como “capital” da festa.

Considero a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira como fato social total de Mauss (2003, p.309, 310 e 311), pois põe em ação a totalidade da sociedade e de suas instituições. Esse fenômeno é ao mesmo tempo religioso, econômico, jurídico, e até mesmo estético e morfológico, enfim, toda a vida social se mistura e está presente ali. É religioso: pois envolve

³São pequenos cartões impressos que retratam a imagem de santos(as) de devoção católica destinado ao uso dos seguidores, já que normalmente no verso há orações, dedicatórias ou homenagens.

tanto a religiosidade popular como a oficial, o mito e o rito. É econômica: pois possui a ideia do útil, de valor, do ganho, da aquisição, do consumo das mercadorias à venda. É jurídico do direito público e privado, da moralidade organizada e difusa, estritamente obrigatória ou simplesmente atitudes aprovadas e reprovadas, interessando tanto as classes sociais como as famílias. O estético: presente nos cantos, na Procissão, nas representações dramáticas dos romeiros, nos objetos que os participantes da Romaria usam, que enfeitam. Tudo, alimentos, objetos e serviços, e até mesmo o respeito é causa de emoção estética e não apenas de emoções da ordem da moral e do interesse. E esse fenômeno é morfológico, pois tudo nele passa durante a Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Considerando o conjunto é que podemos perceber o essencial, o movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugaz em que a sociedade toma, em que os homens tomam consciência sentimental de si mesmos e de sua situação frente a outrem.

Para demonstrar que a Romaria é um fato social total como descrito por Mauss, destaca-se o vulto da mesma, que, num único dia, concentra mais de 300 mil pessoas, contrapondo ao Dia de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida (SP), que reúne apenas 150 mil pessoas. Segundo o site oficial do Santuário da Nossa Senhora Aparecida (<http://www.santuaronacional.com/revistadeaparecida/blog/?p=1767>) o recorde de visitas ocorreu dia 14 de outubro de 2010, em que foi visitada por 245 mil pessoas. Em compensação, durante o ano, o Santuário da Basílica de Nossa Senhora Medianeira é pouquíssimo frequentado por pessoas de outras comunidades, diferentemente do que acontece em Aparecida, visitado anualmente por 10 milhões de pessoas. Santa Maria possui uma população de 270 mil habitantes, enquanto Aparecida possui uma população de 35 mil habitantes, mostrando, dessa forma, como Santa Maria poderia investir mais incisivamente na questão turística em torno da Basílica de Nossa Senhora da Medianeira.

Por conseguinte, a noção de fato social total está em relação direta, ligação do social e do individual, de um lado, o físico (ou fisiológico) e o psíquico, de outro. Tudo isso é claramente social, num certo sentido, uma vez que é somente na forma de fato social que esses elementos de natureza tão diversa podem adquirir uma significação global e tornar-se uma totalidade. Mas o inverso é igualmente verdadeiro, pois a única garantia que podemos ter de que um fato social corresponde à realidade, em vez de ser o acúmulo arbitrário de detalhes mais ou menos verídicos, é que ele seja apreensível numa experiência concreta, primeiramente de uma sociedade localizada no espaço ou no tempo, mas também de um indivíduo qualquer de alguma dessas sociedades. Uma das contribuições centrais de Mauss (*apud* MARTINS, 2005) para a sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, e que o simbolismo é fundamental para a vida social.

Malinowski, ao escrever sobre os dados coletados pessoalmente no campo, a partir das suas experiências, num método de trabalho de campo que expôs na introdução dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1984), relata que o antropólogo deveria passar longos períodos de convivência com os grupos estudados, acompanhar de perto suas atividades diárias, desde as mais triviais até as mais solenes, aprender a língua nativa evitando intérpretes tendenciosos, enfim, absorver os valores e sentimentos do grupo, observando cuidadosamente o que as pessoas fazem e dizem. A ida do antropólogo às terras do outro/nativo, seja este entendido como as sociedades tribais, ou os grupos inseridos nas sociedades urbanas contemporâneas, deveria conter um grande despojamento de si mesmo, uma vocação para a identificação humana apesar das agruras e dificuldades que o contato poderia oferecer. Somente assim, ao final da incursão nas culturas estrangeiras, o antropólogo poderia voltar trazendo o Outro "revivificado" aos olhos dos leitores de suas etnografias.

Já o método etnográfico é a base na qual se apóia o edifício da formação de um(a) antropólogo(a). A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou à pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade, por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA, ECKERT, 2008, p.2)

A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. Esse tipo de coleta de dados muitas vezes leva o pesquisador a adotar temporariamente um estilo de vida que é próprio do grupo que está sendo pesquisado. É preciso adaptar o método de Ciências Sociais para cada grupo. Segundo Benjamin Paul *apud* Cicourel (1975, p.88) “não existe receita para encontrar-se a entrada correta numa nova comunidade. Depende da sofisticação da comunidade e da informação prévia que o pesquisador consegue”. E o autor segue relatando que o apoio de quem controla as comunidades “ao projeto pode ser crucial, e eles podem ser úteis para se fazer outros contatos” (BENJAMIN PAUL *apud* CICOUREL, 1975, p.89).

Realizei uma etnografia empírica e qualitativa, valendo-me de entrevistas com questionários semi-estruturados, para não tornar a pesquisa tão inflexível e “engessada”, já que durante a entrevista podiam surgir novos questionamentos através das respostas dos entrevistados. Como a Romaria é um evento que ocorre em apenas um dia, essa convivência maior com o grupo pesquisado torna-se um pouco mais complexa, já que a grande maioria dos

romeiros frequenta a Basílica somente durante esse dia. Segundo Thompson (1992), a entrevista para ser bem sucedida exige uma certa habilidade do entrevistador(a), demonstrar sempre interesse e respeito pelo entrevistado, flexibilidade nas reações em relação a eles, demonstrando simpatia e compreensão e simpatia pela opinião expressa por eles, não esquecendo, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Nesse questionário, optei por entrevistar um maior número de participantes da Romaria, escolhidos de forma aleatória, para conseguir tentar visualizar melhor o perfil dessas pessoas, e com isso acreditei ser um pouco mais fidedigna à realidade mostrada se conseguisse obter um maior número de dados para analisar.

Gonçalves da Silva (2006) fala dos aspectos quantitativos da investigação, ou seja, a quantidade de pessoas considerada “adequada” para a observação e análise. Observar todas as atividades das pessoas do grupo estudado é um dos objetivos da observação participante. Nas pesquisas em sociedades urbanas, devido à heterogeneidade e variação com que os indivíduos participam de diferentes universos de significação e à alta densidade demográfica dessas populações, a observação participante e a coleta de informação são atividades relativamente mais complexas em termos de definição de quantas e de quais as pessoas com quem estabelecer contato, quais os contextos mais adequados para a observação. Por mais que muitas bibliografias de metodologia de pesquisa qualitativa aconselhem recolher o maior número possível de entrevistas, a experiência mostra que o próprio campo condiciona o que observar e a quem.

Julguei ser mais conveniente não perguntar o nome de meus entrevistados, apenas sua cidade de procedência, idade e profissão. Pois, se caso tivesse o nome deles, esses teriam que preencher o Consentimento Livre e Esclarecido. Postura tomada devido à desconfiança que o grupo poderia ter, e o que seria julgado como inconveniência da minha parte na visão do grupo estudado no que tange a aproximação de uma estranha em meio a um ato particular e ao mesmo tempo coletivo de demonstração de fé, fazendo questionamento sobre a motivação daquele grupo de estar ali. Muitos podem achar inconveniente por simplesmente não gostarem de serem questionados sobre algo que já é estrutural em sua vida, algo que talvez nunca antes houvessem parado para pensar (o porquê da sua real participação na Romaria, qual o verdadeiro significado dela, o que motivava abdicar de fazer qualquer outra atividade naquele domingo, quiçá final de semana para os participantes que vêm de fora da cidade, para irem à Romaria de Nossa Senhora da Medianeira. Procurei com esse tipo de postura mostrá-los que nada seria, e nem poderia ser, usado contra o grupo pesquisado, deixando o mais evidente possível minha postura ética quanto aos resultados obtidos através da entrevista.

Para maior rapidez e celeridade do momento da entrevista, optei pelo uso de gravador,

até mesmo para tentar poupar o máximo de tempo do meu entrevistado, podendo este voltar o mais breve possível para a atividade que estava fazendo antes de minha interrupção. Outro motivo dessa minha opção pelo uso do gravador digital foi conseguir com isso entrevistar um maior número de participantes, e o que considerei de suma importância, olhar nos olhos de meus entrevistados no momento da entrevista, tentando minimizar a desconfiança dos meus entrevistados, já que há um grande número de furtos durante a Romaria, daí o receio das pessoas com qualquer pessoa que a dirija palavra.

Considerei infundado o uso do Consentimento Livre e Esclarecido e optei por fazer uso do consentimento oral, suficiente para garantir que meus questionamentos pudessem ser feitos sem maiores problemas, baseando tal atitude no Código de Ética do Antropólogo, no qual consta como direito do pesquisador o pleno exercício da pesquisa, sobre o tema, metodologia e objeto de investigação. A ética de pesquisa antropológica tem como parâmetros fundamentais a tradição e o respeito pelas pessoas e grupos humanos, pelos seus costumes, comportamentos e práticas, pela diferença. Concordo com Cardoso de Oliveira quando esse considera “pouco produtivo para o trabalho do antropólogo o consentimento informado, já que há a pesquisa de campo onde muitas vezes tem que negociar sua identidade para melhor inserção na comunidade estudada” (2004, p. 34).

Segundo Heloísa Martins, a “pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, caracterizada pela heterodoxia no momento da análise desses dados coletados” (2004, p. 289). As técnicas qualitativas desafiam os Comitês de Ética, segundo Diniz, em geral compostos por uma maioria de pesquisadores da área da saúde, a subjetividade e a reciprocidade são valores importantes para as técnicas qualitativas de pesquisa, e também por não haverem hipóteses levantadas primeiramente, mas as que surgem durante o transcorrer da pesquisa. Esses Comitês de Ética têm que entender, como diz Heloísa Martins *apud* Roberto da Matta, que nesse tipo de pesquisa há uma interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado, e é justamente nesse diálogo que reside a principal diferença com as ciências naturais e o seu objeto.

No Brasil, os Comitês de Ética em Pesquisa revisam seus projetos de acordo com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS 196/ 1996, bem como pelo Código de Nuernberger e pela Declaração de Helsinki. Diniz (2008) lembra-nos que a emergência da ética em pesquisa em Ciências Humanas não se justifica pelo seu caráter restritivo à prática investigativa dos pesquisadores sociais. A aposta de que a ética e a pesquisa acadêmica devam ser campos próximos deve ser concretizada por valores compartilhados universais, promovendo

a ciência como um bem público (2008, p. 423).

Segundo Cardoso de Oliveira (2000), o *métier* do docente e do pesquisador, em especial o que faz trabalho antropológico, deve ter especial cuidado com o exercício de sua atividade articulando a pesquisa empírica com a interpretação dos resultados. Enfatiza o caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever no feitiço do conhecimento próprio das disciplinas sociais. A nossa primeira experiência em campo é o olhar, porém esse deve sofrer uma espécie de domesticação através das lentes teóricas, o objeto é previamente alterado pelo modo que visualizamos, sofre um processo de refração. O olhar e o ouvir complementam-se no processo de investigação, a explicação nativa só pode ser obtida através de entrevistas, portanto havendo a necessidade de um ouvir todo especial por parte do pesquisador. A importância de tentar se posicionar de forma mais neutra possível perante seus informantes, a interação durante a etnografia é chamada de *observação participante*. Já o escrever é uma etapa bem diferente das anteriores, geralmente feita em gabinete, portanto fora da situação de campo. Realiza-se uma interpretação balizada nas categorias e nos conceitos constitutivos da Ciência Social.

A análise e interpretação dos dados terão abordagem qualitativa, utilizando as informações obtidas através dos questionários e da discussão dos casos para ilustrar os principais resultados da pesquisa e o referencial teórico, enfatizando qualitativamente o estudo, bem como os depoimentos da amostra estudada. A maior dificuldade da metodologia qualitativa é saber como se analisam os dados obtidos em campo, ou seja, como se atribui significados a eles. Contudo, essa intuição não é um dom, mas um resultado de uma formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador. O papel do cientista deve ser auxiliar no conhecimento do outro, fortalecendo com sujeito autônomo capaz de elaborar seu próprio projeto político (MARTINS, 2004).

Quando fiz meu projeto para o Mestrado de Ciências Sociais sobre a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, idealizei-o como sendo de fácil execução, pois acreditava que, mesmo conhecendo poucas pessoas, essas me apresentariam aos líderes e autoridades e esses me indicariam outros e assim sucessivamente, criando dessa forma uma rede de contatos. Mas, para minha surpresa, nada disso aconteceu, foi tudo muito truncado, muitos empecilhos, interditos, impossibilidades, dificuldades, para mostrar-me realmente que estava lidando com um Aparelho Ideológico de Estado, algo bem althusseriano, não acessível para alguém *outsider*. Eu deveria estar satisfeita com o que havia sido ensinado, o “*know-how*”, e apenas me submeter a sua ideologia, e não ir até a Igreja questioná-la. Percebi que se eu fosse natural de Santa Maria, e claro, fosse de família influente, as portas abrir-se-iam mais facilmente, pois um dos questionamentos feitos em quase todas as conversas que tive, exceto a com minha informante

principal, que eu já conhecia, foi a respeito da minha procedência. Tal atitude foi estudada por Elias (2000, p.19), quando descreveu uma comunidade onde havia uma divisão em seu interior, entre um grupo estabelecido de longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados como *outsiders*. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, considerava que lhes faltava a virtude humana superior, o carisma grupal distintivo que o grupo dominante atribuía a si mesmo. Verifiquei que se fosse de alguma cidade maior e/ou mais conhecida, ou que pelo menos esses meus informantes tivessem algum conhecido de lá, seria mais fácil.

Esses fatos me deixaram um tanto desmotivada para tentar correr atrás desses informantes receosos e de difícil comunicação, fazendo com que eu mudasse um pouco o meu viés de estudo, já que pretendia primeiramente fazer um trabalho mais antropológico, acompanhando e reconhecendo as piscadelas dos meus informantes, como dizia Geertz⁴, para ser um trabalho mais macro. Referir-me-ei mais sobre a estrutura de como se dá a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, pontuarei alguns dados obtidos nas entrevistas realizadas durante a Romaria e em algumas entrevistas feitas com algumas pessoas envolvidas diretamente com a Romaria.

No primeiro capítulo, elaborei uma breve história da cidade de Santa Maria, relatando também como se deu a sua colonização, a influência dos italianos no início, a consolidação da devoção à Nossa Senhora de Medianeira em Santa Maria e a história do início da devoção na cidade. Relato também nesse capítulo o encontro com um informante-chave e minhas primeiras idas a campo.

Início o segundo capítulo relatando o dia anterior e o dia da Romaria, a minha busca incansável por relatos das pessoas que vieram para participar e as que participavam da Romaria. Efetuei tais entrevistas com o intuito de verificar as motivações que as levaram frequentar a Romaria da Nossa Senhora da Medianeira. Tentei conversar com maior número de pessoas possível para realizar um levantamento qualitativo e quantitativo, já que conversaria com essas pessoas durante aquele curto espaço de tempo, não conseguiria, como disse Geertz, entender as piscadelas de meus informantes. E, munida de tais entrevistas e observações, procurei interpretá-las sob um olhar antropológico. Relato também o encontro com Joãozinho, esse que considero o personagem da minha segunda Romaria, mostrando através de sua história de vida o que esta representa na vida dos fiéis.

No terceiro capítulo falei sobre a incessante busca das pessoas pelo transcendente,

4 Em seu tradicional livro *A Interpretação das Culturas* refere-se que o antropólogo através de sua convivência com o grupo deveria reconhecer a diferença de um tique nervoso e de uma piscadela.

visível em muitos casos através das peregrinações e/ou romarias. Trouxe um pouco da bibliografia sobre turismo religioso e os dados da pesquisa inédita feita pela Secretaria de Turismo de Santa Maria em parceria com o Curso de Turismo do Centro Universitário Franciscano, que propuseram uma investigação descritiva interpretativa da Romaria Estadual da Medianeira. A pesquisa foi realizada no período de 31 de outubro de 2009 a 20 de janeiro de 2010, foi formatada por meio de três momentos (pré, trans e pós-evento). No pré-evento buscou-se dimensionar a participação da comunidade e os envolvimento dos setores público, privado e da sociedade civil organizada na preparação do evento. No trans-evento procurou-se definir as principais características do evento, seu público e os impactos gerados pelo mesmo. E no pós-evento tratou-se de colher informações resultantes da opinião pública formada, para assim estruturar os dados referentes à Romaria.

Na conclusão fiz uma breve retomada histórica da influência da Igreja Católica em Santa Maria e como determinados acontecimentos influenciaram no surgimento do evento da Romaria da Nossa Senhora da Medianeira. Esta considerada por mim como um fato social total de Mauss, já que envolve em torno de si a totalidade da sociedade e de suas instituições, presentes de alguma forma durante esse evento. Através do rito da Romaria e do mito da Nossa Senhora Medianeira demonstro que tais elementos influenciam no desenvolvimento do turismo religioso na cidade de Santa Maria.

CAPÍTULO 1

SANTA MARIA DA ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS

1.1 Santa Maria - um pouco de sua história

Segundo João Belém (2000, p.33), deve-se atribuir o desenvolvimento do povoado nascente ao prestígio da religião católica. A Capela do Acampamento (militar) tinha um maravilhoso poder de atração, pois chegando à expedição em novembro de 1797, já no começo do ano seguinte a população local era de 200 almas, e o primeiro batizado foi feito 1798.

Em 1806, Santa Maria, cidade na qual cem anos após surgiria as primeiras mobilizações para o nascimento de uma das maiores Romarias do Estado do Rio Grande do Sul, era ocupada por mais de oitenta léguas quadradas e por uma população calculada em torno de setecentos indivíduos de ambos os sexos, incluindo quinze ou vinte famílias de índios guaranis, que formaram uma aldeia pouco distante do antigo acampamento militar. Então, surgiu a ideia de construir uma capela. O povo era constituído na maior parte por paulistas, por colonos açorianos ou por descendentes destes, eram todos católicos, e com o fervor daquela época, queriam uma Igreja onde pudessem prestar seu culto a Deus, ao mesmo tempo libertar-se da contingência de ter que ir à Cachoeira do Sul, onde ficava a Paróquia mais próxima. A Diocese que Santa Maria pertencia ficou com um território muito vasto, indo desde Alegrete, Uruguaiana, e parte de São Gabriel, sendo emancipada de Cachoeira do Sul em 1812. Começou a se desenvolver ao entorno do Campanário, melhorou as edificações nas duas únicas ruas, a do Acampamento e a do Comércio. O progresso deu-se de forma lenta devido às dificuldades de comunicação com a capital - Porto Alegre. (Revista Commemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria 1814-1914).



Mapa 1: Mapa atual do Rio Grande do Sul, em destaque a cidade de Santa Maria.

O início da imigração alemã em Santa Maria remonta o ano de 1830, existiu antes disso a presença de alguns imigrantes alemães, mas sua influência foi transitória e apagada. Apesar da boa vontade, as condições não eram favoráveis para conservação da fé católica, a supressão da Companhia de Jesus, a extensão do território e a pouca densidade demográfica, as contínuas incursões bélicas, dentre outras coisas, ajudaram no seu enfraquecimento, aprofundado com a vinda dos alemães, em sua maioria protestantes, introduzindo nas famílias locais o indiferentismo perante aquela nova religiosidade vinda com esses imigrantes e também a pouca identificação com a Igreja Católica.

O município foi criado em 16 de dezembro de 1857 e instalado em 17 de maio de 1858. As várias práticas devocionais da Santa Maria do século XIX, tais como a Festa do Divino Espírito Santo, a da Nossa Senhora do Rosário e a concorrida romaria ao Cerro do Campestre foram manifestações da religiosidade popular que uniam o sagrado e o profano de tal modo que eles não se distinguem. Iniciativa de leigos, à margem da Igreja Católica, mas com o uso dos símbolos dessa Igreja, imitando, ao modo popular, a liturgia oficial, era uma religiosidade com preocupações sociais, em que os fiéis mantinham relações com o sagrado a fim de conseguir bênçãos especiais ou curas milagrosas. Era uma religião “carnavalizada”, segundo os estrangeiros que visitaram o Brasil, “supersticiosa” e “pagã” para outros, mas totalmente legítima para os participantes (KARSBURG, 2007, p.190).

Essa religiosidade popular foi responsável pela aproximação de muitos devotos a preceitos da Igreja Católica. A própria romaria é uma forma de expressão da religiosidade popular. Uma das principais diferenças entre religiosidade popular e oficial, é que uma é representada pelos leigos e outra pelo clero, uma visa mais as festividades enquanto a outra o sacramento. A Igreja Católica apropriou-se de muitas dessas crenças da religiosidade popular usando uma pedagogia de evangelização, aceitou algumas dessas festas populares devido ao crescimento no número de devotos que elas representavam. Através do Concílio do Vaticano II, a religiosidade popular passa a ser respeitada e em alguns casos até promovida, trazendo elementos de uma conscientização político-religiosa. A romaria como representante de um fato social total, congrega ao redor de si não apenas elementos de religiosidade popular e oficial, mas também fatores econômicos e políticos, convivendo com certa harmonia.

Os colonos italianos foram mandados apenas em 1877, ou seja, a primeira expedição de imigrantes destinados a colonizar o núcleo colonial de Silveira Martins, que estava sendo abandonado pelos poloneses. Esse núcleo colonial era composto por setenta famílias de italianos. Os colonos italianos, não satisfeitos com somente a Igreja paroquial, construíram nove capelas em quase todas as linhas. Em todos os núcleos coloniais havia corais de cantores italianos, que, nas festas solenes, acompanhavam os cantos religiosos. A religião foi sempre a grande força que guiou os italianos, tornando-se um fator submetido à vida social e econômica dessa região. A religião se faz presente também na vida social do imigrante italiano, pois seu principal lazer era ligado às funções religiosas. Aos domingos, todos iam à missa da Igreja Paroquial, conversavam em dialeto vênето entre eles, sendo após a missa o momento de fazer compras.

Em 15 de novembro de 1885, foi inaugurada a estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, tendo em Santa Maria uma de suas principais estações, sendo notável o número de passageiros que todos os dias chegavam aqui. A Companhia Belga, responsável pela linha Férrea, estabeleceu sua sede aqui em Santa Maria por considerar esta cidade como ponto central para as facilidades das comunicações (Revista Commemorativa do primeiro centenário da fundação da cidade de Santa Maria 1814-1914).

As lideranças da sociedade santamariense do final do século XIX, constituídas pelos imigrantes alemães e portugueses e seus descendentes, estavam muito distante da religião na qual padre Caetano Pagliuca acreditava. Saltava aos olhos que a instituição mais forte na cidade era a maçonaria, portadora de um discurso liberal, iluminista e modernizante, herdado daquela Europa que insistia em apontar a Igreja Católica como o atraso a ser vencido, o obscurantismo a ser superado. Nessa sociedade, as chances da reforma ultramontana, da qual Pagliuca foi o

maior representante, teria limitadas chances de prosperar. Entretanto, a sociedade santamariense, após o advento da ferrovia, se modificou. A “invasão” dos italianos e seus descendentes, a maior parte deles católicos e sedentos para encontrar um espaço de legitimação em seu novo lar, esses acolhem de maneira diversa os ecos emanados do catolicismo ultramontano (VÉSCIO, 2010, p.7).

O catolicismo ultramontano, por sua vez, centrado na figura do padre, busca manter o controle sobre os diversos grupos de imigrantes, apresentando-se imgeticamente enquanto única instituição efetiva e “desinteressadamente” preocupada com o bem-estar da comunidade, sempre na busca de defender cada um de seus membros. O sacerdote se constitui como indicador do caminho à comunidade, aquele que deseja, acima de tudo, o seu progresso humano e material, diante tanto dos italianos quanto das autoridades brasileiras. Dessa forma, a igreja ultramontana vai articulando em torno de si uma imagem de poder perante o Estado, pois pode subordinar essa camada da população de acordo com sua vontade e perante o colono, pois tem força para advogar sua causa (BENEDUZI *apud* VÉSCIO, 2010, p.9).

Para Karsburg (2007, p.280), houve um exagero nas interpretações dos “adversários da Igreja” na cidade. Primeiro porque a resistência não foi da população, mas sim de uma parte da elite que não simpatizava com a proposta ultramontana de religião. Falavam em nome do povo para verem legitimadas as suas ações perante a opinião pública sul-rio-grandense. Em segundo lugar, havia uma outra elite, que buscava a reforma religiosa, enxergando no padre Carlos Becker, e depois nos palotinos, personagens importantes que auxiliariam no progresso da cidade. Contudo, as elites, como um todo, não concordavam com as atitudes de um bispo que usava seu poder com fins políticos, tentando recuperar ao Estado a tutela da sociedade e passando por cima da autoridade do pai sobre a família. Essa iniciativa do prelado era inaceitável para os republicanos.

Uma parte pertencente a elite política e intelectual demonstrou força ao expulsar o Padre Carlos Becker de Santa Maria. Porém, esse grupo não era homogêneo, e outra parte desse grupo social assinou um documento declarando-se contrários ao grupo que intimou o pároco. Com a chegada em 1896 dos palotinos, houve uma aproximação entre a elite católica e os padres dessa congregação para trabalharem em conjunto a fim de alcançarem o progresso. As atitudes inoportunas do bispo dificultaram a ação dos palotinos e, uma vez criado o clima adverso, tiveram de agir para reverter a situação até reconquistar a confiança da elite santamariense (KARSBURG, 2007, p.281).

Embora fosse um catolicismo popular distante da ortodoxia romana, não há como negar a intensa vida religiosa vivida pelos habitantes de Santa Maria no século XIX. E foi sobre essa

cultura católica luso-brasileira, desprezada no nível do discurso, que se assentou o catolicismo dos palotinos. Esses passaram a controlar as devoções, orientando-as, a fim de mudar suas feições leigas e devocionais em clericais e sacramentais; e tais transformações foram bem-vindas pelos grupos urbanos que tinham a cultura européia como modelo ideal de sociedade. Havia uma demanda por religião reformada. Esses pontos devem ser considerados ao se analisar os motivos do efetivo sucesso da romanização na cidade (Ibidem, p.191).

Vitor Biasoli (2005, p.17) constatou que os palotinos ofereceram um norte religioso para uma sociedade em processo de desenvolvimento por causa do crescimento socioeconômico. A cidade estava em condição de ponto central da malha ferroviária, atraindo pessoas de varias partes do estado e do país, além de imigrantes italianos que cada vez mais se faziam presentes no local. Era urgente e necessário haver um controle sobre a população, uma operação de “disciplinamento social”⁵ especificamente, e uma instituição como a Igreja Católica era poderosa aliada nesse sentido.

Segundo Biasoli (2010, p.145), os ganhos materiais para a Igreja eram feitos com o sentido não apenas de assinalar esse engrandecimento material, mas também demonstrar o que isso significava em termos de adesão da comunidade, em especial da elite. Erguer uma Igreja era erigir um símbolo da Igreja Romana, ter o nome das famílias influentes nos bancos, nos vitrais e nas paredes era enraizar-se na sociedade e crescer em prestígio e influência. O conjunto desses signos materiais e simbólicos indicava a hegemonia católica no campo do sagrado e a derrota dos adversários da “frente liberal” (basicamente os maçons) e também dos “protestantes” (englobando todos os adeptos de outras religiões).

Segundo Daniele Hervieu-Leger, não se trata de um despertar religioso nem de um retorno do sagrado, senão que se está na presença de uma continuidade dentro de uma profunda transformação social. Trata-se da reorganização da presença da religião no contexto da modernidade. Essa continuidade do sagrado que se refere Hervieu-Leger pude observar em meu estudo na cidade de Santa Maria, em que a religiosidade esteve sempre presente, primeiro com as devoções populares da Festa do divino Espírito Santo, a de Santo Antão no Morro do Campestre. A Igreja Católica, após o advento do catolicismo ultramontano, fez uso em especial da devoção à Nossa Senhora Medianeira - que foi trazida pelo Padre Valle da Bélgica, mas tornou-se conhecida e cultuada popularmente em Santa Maria - para realizar uma das maiores Romarias do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ A aproximação entre políticos republicanos, adeptos da modernidade, e os religioso ultramontanos, aconteceu justamente por razão desta preocupação com o ordenamento social da população, com ambos os grupos trabalhando para o “disciplinamento social” (RIBEIRO, 2003, p.17-18).

1.2 Início da Devoção à Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria-RS

Em 15 de agosto de 1910, é criada a Diocese de Santa Maria pelo Papa Pio X. Em 1914 lança-se a pedra fundamental do Seminário São José, e em 1922 fica pronta a primeira ala do Seminário. Em 1926 é concluída a segunda ala, sendo confiada sua administração à Companhia de Jesus. Em 1928 chega ao Seminário São José, para ser prefeito e professor, o Frater Inácio Rafael Valle, devoto pessoal do culto mariano, contagiando rapidamente os alunos.

A Irmã Terezinha, pertencente à Congregação das Pequenas Operárias de Nossa Senhora da Medianeira, foi trazida em 1985 por Dom José Ivo Lorscheiter, que buscou no Rio de Janeiro as primeiras Irmãs. Essa congregação existe somente em quatro locais no Brasil. Irmã Terezinha faz parte dos primórdios dessa Congregação, ela era a segunda na hierarquia, ou seja, estava abaixo somente da Madre Superiora. Ela deu-me o seguinte depoimento sobre o início da devoção à Nossa Senhora Medianeira na cidade de Santa Maria, uma espécie de mito de origem da devoção popular dessa santa, até aquele presente momento desconhecida do grande público.

A devoção popular da Nossa Senhora Medianeira começa em Santa Maria, muitas vezes se refere a Bélgica, porém lá era feita pela alta cúpula da Igreja, cardeal, bispo, teólogos que estavam estudando teologicamente para enviar para o papa um trabalho sobre ela. Aqui em Santa Maria em 1930 aconteceu uma coisa interessante com a brigada militar e com o governo revolucionário, a brigada deu ultimato para artilharia, caso ela não aceitasse iria abrir fogo contra ela, e esse dois quartéis iriam abrir fogo um contra o outro, nesse momento aparece as 23 mulheres que fizeram a caminhada da catedral até o seminário São José onde estava o quadro e pediram a salvação da cidade, rezando o rosário, nisso recebe-se a notícia que o governo tinha entregue o governo no Rio de Janeiro [...] aqui em Santa Maria com as caminhadas da catedral até o seminário onde tinha a imagem de Nossa Senhora Medianeira, para agradecer e pedir outras graças. Daí começa uma corrente com uns pedindo novas graças e vindo agradecer-las, falando para os outros e cada vez mais vindo mais pessoas para pedir e agradecer. Nossa Senhora Medianeira leva nosso pedido para Deus e consegue a graça de Deus para nós, então ela consegue ser a mediadora entre Deus e nós [...] a Romaria é isso, pede graça e agradece as outras alcançadas e isso foi motivando cada vez mais o público. As pessoas que alcançaram graças são propagandistas para os demais, daí por isso que chegou a 300 mil pessoas. Geralmente vem para agradecer e pedir outras graças (fragmento retirado de uma entrevista dada a mim).

Em 1929, a Diocese de Santa Maria, através de seu Vigário Capitular, Mons. Luis Scortegagna, pede ao Papa Pio XI a concessão à Igreja Particular de Santa Maria o privilégio de realizar a Festa de Nossa Senhora de Medianeira, obtendo resposta positiva em novembro desse ano. Em 1930 foi criado o hino e a imagem de Nossa Senhora da Medianeira, esta imagem teve inspiração num Santinho vindo da Bélgica, lugar onde havia iniciado um movimento em torno da mediação de Maria na Obra da Redenção. No dia 31 de maio de 1930 ocorreu pela primeira

vez a Festa de Nossa Senhora da Medianeira, uma semana depois apareceram as primeiras velas em retribuição a uma graça alcançada.

Enquanto animal social, o homem é um animal ritual [...]. O ritual permite, assim, concentrar a atenção, na medida em que fornece um quadro, estimula a memória e liga o presente a um passado pertinente. Facilita, deste modo, a percepção. [...] Não basta, pois, dizer que os ritos nos ajudam a viver com mais intensidade uma experiência que teríamos vivido de qualquer maneira [...]. O rito não só exterioriza a experiência, não só a ilumina, como a modifica pela própria maneira como a exprime. O rito permite suscitar os sentimentos necessários para que os homens desempenhem os papéis que lhes estão atribuídos (DOUGLAS, s.d, p.81 e 83).

Em seguida, foi inaugurado o quadro da Nossa Senhora Medianeira pintada por Ida Stefani (Irmã Angelita), franciscana, que foi colocado em cima de uma mesa à direita do Altar na Capela do Seminário São José. Para lá começaram convergir os devotos da Medianeira. Nesse mesmo ano, um grupo de vinte e três senhoras se ajoelhou diante deste quadro, na capela do Seminário, pedindo proteção contra os efeitos da Revolução prestes a se desencadear. Um mês depois irrompe a Revolução, mas nenhuma arma foi disparada em Santa Maria, fato considerado como uma graça dada por Nossa Senhora de Medianeira para a cidade.

Cria-se, dessa forma, o mito de Nossa Senhora da Medianeira. Tal mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva. O rito possui o poder de suscitar ou, ao menos, de reafirmar o mito. Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. Além do mais, o rito reiterando o mito, aponta o caminho, oferece um modelo exemplar, colocando o homem na contemporaneidade do sagrado.

Segundo Levi-Strauss (1975, p.265), “o objetivo do mito é fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição”. Não existe versão “verdadeira”, da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados, todas as versões pertencem ao mito (1975, p.252). Todavia, cada nova versão cria uma nova camada de significação: “[...] cada qual ligeiramente diferente da que a precedeu”(1975, p. 265). É o que nos diz Mircea Eliade: um objeto ou um ato não se tornam reais, a não ser na medida em que repetem um arquétipo. O arquétipo, segundo a teoria de Jung, são estruturas virtuais, primordiais da psique, responsáveis pelo padrão e tendências de comportamentos comuns. Os arquétipos são anteriores a vida consciente, e não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Assim, a realidade se adquire exclusivamente pela repetição ou participação, tudo que não possui um modelo exemplar é vazio de sentido, isto é, carece de realidade.

A partir deste fato há uma construção social deste símbolo religioso, a Nossa Senhora da

Medianeira, formando um *ethos* católico. A religiosidade está repleta de símbolos e, ao conhecer tais símbolos em suas variadas dimensões, colheremos os elementos para a construção social da realidade, assim como os valores e os modelos que preparam o comportamento na sociedade. Para Geertz, o símbolo “é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o significado do símbolo” (1989, p.110). De acordo com Cipriani (1988), a utilização de um símbolo nunca é fortuita e a escolha de um certo ícone como sinal de comunicação expressa em geral uma vontade de diálogo sem intermediários, entre população e instituições. Os símbolos são amplamente compartilhados na cultura popular e estão presentes de maneira difusa nas atividades predominantemente sociais.

[...] uma simbologia plena de eficácia, onde o que mais importa não é uma relação de sinonímia entre termos que sinalizam (signos), mas a de ambos com aquilo que é simbolizado; o símbolo sendo entendido como expressão possível daquilo que assumidamente não é conhecido, não sendo, portanto, substituível com proveito (VELHO, 1995, p.17)

Como sugere Turner (2005, p.56), não se pode entender os símbolos apenas escutando o que se diz sobre eles: é necessário também entender o que se faz com eles. Isso porque, na maioria das vezes, é possível surpreender, na manipulação dos símbolos, significados que o discurso explicativo não menciona, seja por não julgar necessário, por considerá-los óbvios, ou por preferirem ou não conseguirem explicá-los. “Os grupos mobilizam-se ao seu redor, cultuam-no, desempenham outras atividades simbólicas perto dele, e acrescentam-lhe outros objetos simbólicos, freqüentemente para formar santuários compostos” (TURNER, 2005, p.52).

Em 1932 assume o Bispo Dom Antonio Reis, marcando profundamente a história da Diocese de Santa Maria como promotor entusiasta do culto à Nossa Senhora da Medianeira. Em agosto de 1935, D. Antonio Reis, 3º Bispo de Santa Maria, o “Bispo da Medianeira”, deu início à construção do Santuário, lançando a pedra fundamental. Em 1942 a Ação Católica consegue consagrar a Nossa Senhora da Medianeira como Padroeira do Estado, acontecendo em dezembro de 1943 a primeira Romaria Estadual. A partir daí, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira começa ser reconhecida em todo Estado, surgindo um rito. Terrin recorda que o rito abarca diversos âmbitos: teológico, fenomenológico, histórico religioso, antropológico, linguístico, psicológico, sociológico, etnológico e biológico. O fato de o rito ser interpretado segundo cada uma dessas dimensões faz com que sua definição possa abraçar o conceito mesmo de cultura. Etimologicamente, rito vem do latim *ritus*, que indica ordem estabelecida; na perspectiva das religiões, a ordem cósmica universal estabelecida pelos deuses, fundamento de

todo o universo. O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível (TERRIN, 2004, p.19). O rito tem a função de recriar periodicamente um ser moral do qual a sociedade depende, tal como ele depende da sociedade. Vivemos em vários mundos quase sem perceber que estamos projetados para planos diferentes dependendo dos campos simbólicos que colocamos em prática. Ainda segundo Terrin, a partir daí entram as performances: “elas nada mais são que o espelho desses mundos e dessas realidades múltiplas” (2004, p.370).

De acordo com essas teorias abordadas acima sobre rito e mito baseadas na Romaria da Nossa Senhora Medianeira é que pensei o título da minha dissertação. Assim, considero esse mito da Nossa Senhora Medianeira, que se tornou popular em Santa Maria-RS graças à crença inicial daquele grupo de mulheres em sua proteção à cidade, e propagou-se como Santa milagrosa, surgindo a partir daí o rito da Romaria, e em 1943 essa Santa torna-se a Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul, ganha maior visibilidade, e sua fama de milagrosa espalha-se graças as benesses/ graças alcançadas pelos fiéis que se responsabilizaram por espalhar a notícia.

Porém, a Romaria não é feita apenas pelo clero, mas também pela ajuda das Comissões de pessoas pertencentes à comunidade, formadas em sua maior parte por descendentes de italianos. A intensidade de fé é tomada como valor étnico, e o clero estimulou essa concepção que persiste até hoje. Os imigrantes italianos confundiam fé católica com nacionalismo e, segundo Seyferth *apud* Azevedo, a religião funciona como catalizadora da *italianità*. A religião atuou como um elo entre os italianos: a quase totalidade confessava-se católica, e a fé forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individualmente e coletivamente, a existência (DE BONI, 1992, p.235).

1.3 Imigração Italiana e a sua influência na fé Católica

A partir de 1874 iniciou-se a vinda dos imigrantes italianos ao extremo sul do Brasil, completando-se a última etapa de povoamento da região. As transformações socioeconômicas, culturais e demográficas acarretadas pela entrada de milhares de estrangeiros no Rio Grande do Sul foram profundas e múltiplas, alterando definitivamente o perfil do Estado já nos primeiros anos do século XX. Destaca-se um aspecto cultural presente nas duas maiores imigrações vindas para cá, os alemães e os italianos, o componente religioso como elemento central na elaboração

da identidade social dos imigrantes. Segundo Giralda Seyferth, na década de 1880 intensificou-se a imigração italiana para o Brasil e, logo após, em 1888 ultrapassou o número 100.000 indivíduos.

Havia uma carência de sacerdotes aqui no Estado, sendo agravado com a entrada de grandes massas de imigrantes europeus, já que pelo lado italiano, sua quase totalidade era composta de católicos, ao passo que, pelo lado alemão, cerca da metade da população migrante era católica. São os italianos e os alemães que, pela própria história dos seus respectivos países, desenvolveram marcantes identidades regionais, que no caso dos alemães são exacerbadas pela dicotomia entre católicos e luteranos. Os italianos foram um dos maiores números de sacerdotes para o clero gaúcho, embora o estado de São Paulo ter recebido contingente de imigrantes italianos muito maior que o do Rio Grande do Sul, o total de obras (escolas, seminários, paróquias e outras) pertencentes a congregações ou ordens italianas é exatamente o mesmo nos dois estados (SEIDL, 2003). O trabalho de construção institucional e de penetração social das ordens religiosas demarcou, por sua vez, zonas de recrutamento vocacional e de atuação pastoral que, além de revelar as características próprias a cada instituição, em linguagem nativa, “o carisma”, como tipos de atendimento oferecido (serviços espirituais, escolares, de saúde, associativos), grau de envolvimento em atividades “leigas”, deram contornos étnicos bastante precisos à imagem da Igreja local.

Segundo Seidl (2003), seria um erro entender as categorias alemãs e italianas como identidades preexistentes à imigração e colonização, visto que nem a Alemanha nem a Itália haviam consolidado seus processos de unificação nacional e de, portanto, prevalecerem as identidades regionais daqueles territórios, como é o caso dos vênets, alsacianos e lombardos italianos. Em contrapartida, há que se considerar igualmente os efeitos de apagamento das diferenças culturais de caráter regional em situações de mudança de país e de crescente contato com outras etnias, em que o regionalismo perde sua importância como critério de definição dos grupos étnicos na medida em que as identidades vão se construindo em oposição aos brasileiros. Hobsbawm (1997, p.21) lembra que “muitas vezes a história é utilizada como legitimadora das ações e como cimento de coesão de um grupo. Muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade real seja pela lenda ou pela pura invenção”. Na invenção de uma tradição, tenta-se sempre que possível estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado

Ainda de acordo com Seidl (2003) a religião estruturava a vida familiar e comunitária nas colônias, funcionando como fator decisivo de identificação cultural. Considerando o sistema

de colonização adotado, as condições de isolamento e a heterogeneidade dialetal e de origem geográfica dos colonos, o pertencimento católico compartilhado emergiu como importante mecanismo de agregação. De outro lado, a própria estruturação física das colônias teve peso acentuado no tipo de rede de organizações socioculturais e religiosas que animariam e caracterizariam a vida dos colonos, praticamente sem a marginalização de ninguém que compusesse essa comunidade rural, considerando a alta homogeneidade étnica, linguística e confessional. Pois, embora viessem de várias regiões de seus países e falassem os dialetos correspondentes, a organização das colônias seguiu majoritariamente o princípio de distribuição por nacionalidade, havendo, no entanto, áreas compartilhadas por alemães e italianos, conhecidas como colônias mistas. Porém, em qualquer desses casos, o fato comum era a ausência ou a presença minoritária do elemento “brasileiro”.

Juntamente com as práticas de âmbito doméstico da oração, incluindo a reza do terço, a frequência regular à missa e a participação nas várias celebrações religiosas, o desenvolvimento de um extenso sistema de capelas, sobretudo nas colônias italianas, criou espaços não apenas para a manifestação da fé dos habitantes locais, mas também para sua sociabilidade. Com o tempo, a capela passou a organizar a vida social e religiosa dos colonos e se tornou centro de atividades diversas e berço de outras associações e de lideranças comunitárias. Por outro lado, a ausência de um agente oficial da Igreja fez surgir a figura do “padre leigo”, indivíduo com alguns conhecimentos de latim e de liturgia que cumpria parte das funções de sacerdote. Em tal contexto, participar da organização comunitária, ocupar algum cargo na comunidade ou na capela, ou ainda simplesmente externalizar a devoção através de doações, de demonstrações de piedade, de fé e de virtudes católicas como o engajamento e a frequência aos eventos religiosos, significava obter visibilidade e respeito frente aos demais (SEIDL, 2003).

No início da colonização, a sociedade da capela, segundo Giralda Seyferth, exercia um controle social absoluto sobre seus membros, sob a orientação de um padre ou do “padre leigo”, auxiliavam-se mutuamente, administravam uma justiça social entre os imigrantes, inclusive do seu lazer. A figura do “padre leigo” esteve presente na sociedade da capela e em muitos lugares precedeu a vinda de um sacerdote na organização da atividade religiosa dos imigrantes. Esse “padre leigo” geralmente era um imigrante alfabetizado que conhecia os livros de orações, o catecismo, presidia as rezas, batizava as crianças, só não podia rezar a missa.

A igreja não era uma identidade isolada, caracterizada apenas pela atividade religiosa. A capela constitui o marco inicial de muitos povoados e vilas, mas a função social da capela era particularmente importante no caso dos italianos, como um local de culto, assumiu um papel de aglutinadora dos fiéis. Além disso, os italianos estabeleceram com a sociedade da capela,

entidade que controlava praticamente toda atividade comunitária. A capela podia ser local de culto, sala de aula, salão paroquial, dentre outras coisas.

As referências a um ambiente sacral, ao status social gozado pelos padres e religiosos, à harmonia entre o trabalho na roça e a oração, à prática integral da religião, à possibilidade de mais estudo através do ingresso na vida religiosa, são todas elas parte de um universo discursivo altamente homogêneo sobre as bases do catolicismo no Rio Grande do Sul. São os descendentes de imigrantes alemães, poloneses e italianos do Sul do Brasil que fornecem os maiores contingentes de religiosos do país, segundo Seidl. Houve, desde o início da imigração européia vinda a partir de século XIX, uma preocupação da Igreja Católica com a formação do clero local e um incentivo por parte das famílias para que seus filhos e filhas seguissem a carreira eclesiástica. A presença, em especial, de italianos em Santa Maria, foi primordial para o desenvolvimento e perpetuação da devoção de Nossa Senhora Medianeira, já que a religiosidade para esse grupo étnico representava a sua própria identidade.

1.4 (Des) Encontros com informantes - primeiras idas a campo

Primeiros contatos com a informante principal e a Basílica da Medianeira

Encontrei na Procissão do dia 1º maio de 2009 minha principal informante na esquina da Rua do Acampamento com a Av. Nossa Senhora das Dores, uma senhora de 64 anos, mãe de um amigo meu e Ministra da Eucaristia da Basílica de Nossa Senhora de Medianeira. Explicou-me sobre aquela procissão, que tinha saído as 13h e 30min da Igreja São José na Av. Borges de Medeiros até o Santuário de Nossa Senhora de Schoenstatt na Av. Nossa Senhora das Dores, levando a imagem de Jesus Cristo do Pai até a Mãe. A missa seria realizada no Santuário às 16h. Os fiéis caminhavam atrás de um carro de som, rezando o terço durante todo trajeto. Na procissão, em sua esmagadora maioria frequentada por mulheres com mais de 50 anos, havia no máximo 300 pessoas. Combinei com ela a minha ida a campo na sexta subsequente, ela disse-me que seria muito difícil neste dia eu conseguir falar com o Padre, respondi que meu interesse inicial era ir numa Missa e me ambientar melhor com o local de pesquisa, até pessoalmente para ver se surgia mais questionamentos a respeito da conjuntura.

Neste mesmo dia, houve a Marcha de Jesus -organizada por várias Igrejas Evangélicas Neopentecostais- no período da manhã, que iniciou às 9h. Havia um caminhão de som na

esquina das ruas Venâncio Aires e a Av. Rio Branco, em frente ao edifício da antiga SUCV⁶. Em frente a esse caminhão de som havia muitas pessoas com camisetas de suas respectivas igrejas, e esse local onde elas estavam estava apenas uns 50 metros da Igreja Matriz de onde parte a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira. O Prefeito Municipal discursou e contou sobre a aprovação da lei municipal 5091, que determinou a entrada da Marcha de Jesus no calendário de festividades de Santa Maria. Constatei que a data escolhida para a realização da Marcha de Jesus foi propositadamente o Dia do Trabalhador, já que a grande maioria são comerciários e, graças a tal feriado, estariam de folga, podendo dessa forma participar da Marcha. A Marcha de Jesus foi composta da seguinte forma: para iniciá-la, foram 14 motos, logo após o caminhão de som principal, depois os fiéis, outro caminhão de som, outro grupo de fiéis, uma camionete cabine dupla com reboque, em cima desse reboque estava uma menina chamada Tanise - que deduzi que fosse cantora evangélica - mais fiéis e, por último, um caminhão menor de som. Observou-se um grande número de pessoas, em torno de 70% era do sexo feminino, de classe média baixa e uma presença maciça de jovens e adultos, com no máximo 40 anos de idade. Ocuparam mais ou menos três quadras da Rua Acampamento com fiéis. Fiz questão de falar sobre essa Marcha de Jesus aqui neste trabalho, para poder fazer um paralelo com a Procissão Católica ocorrida neste mesmo dia à tarde em Santa Maria. Na Marcha de Jesus observei um maior número de pessoas, diferente da Procissão da tarde, mas foi nesta que encontrei uma das minhas principais informantes.

Havia ido à Basílica apenas uma única vez, na minha formatura do Ensino Médio, anteriormente a essa minha primeira ida a campo. Fui até o apartamento da minha principal informante, no dia 8 de maio de 2009, que encontra-se no caminho para a Basílica de Nossa Senhora da Medianeira. Fomos caminhando até a Basílica, ela levava em suas mãos um jaleco branco para colocar em cima da sua roupa durante a Missa, justificou seu gosto por esse acessório, já que assim ela poderia ir com qualquer roupa embaixo. Ela me avisou que eu não conseguiria falar com o Reitor da Basílica, o Padre Bertilo, já que ele estava envolvido com a Clausura do Diácono João Luiz Pozzobon - a qual explicarei mais tarde - algo que eu já estava sabendo por ter me sido dito por uma colega. Reiterei não haver problema, demonstrando meu interesse em acompanhar primeiramente a Missa das 18 horas.

Ao chegarmos na Basílica, nos dirigimos para a Lojinha de artigos religiosos localizada ao lado direito da Cripta. A minha informante me apresentou como sua sobrinha, depois

⁶ Sociedade União dos Caixeiros Viajantes, um prédio histórico de Santa Maria. Em 1993 esse prédio teve suas fachadas reconhecidas oficialmente como Patrimônio Histórico de Santa Maria.

retificou e disse para as duas mulheres funcionárias da lojinha que na verdade eu era amiga dos filhos dela. Com a J. (funcionária da lojinha da Basílica), soube que já havia sido escolhido na semana corrente o tema e o lema da Romaria daquele ano (2009). A organização da Romaria é incumbência do Conselho, este formado por fiéis da Diocese da Basílica de Nossa Senhora de Medianeira, dividindo-se em membros eleitos pela Diocese e alguns membros natos, geralmente formados por fiéis pertencentes ao grupo de Terceira Idade da Diocese. Os padres de outras paróquias ajudam somente para rezar as diversas missas e nas confissões no dia da Romaria, colaboram na novena que precede a Romaria, que ocorre concomitantemente em todas as paróquias de Santa Maria.

Estava quase na hora da Missa começar, e vários fatos estavam contribuindo para que o clima fosse pouco amistoso: minha informante havia saído para ir para Cripta, havia um entra e sai de pessoas na lojinha, e eu não possuía um documento da Universidade me identificando como aluna do mestrado. Como havíamos recém sido apresentadas, percebia um certo olhar questionador sobre a minha presença ali dentro da lojinha por parte da funcionária J., com uma aparente pouca vontade de me responder aos meus questionamentos. J. reiterava a cada nova pergunta a necessidade de conversar com o Padre Bertilo, ela pediu a sua colega para dirigir-se ao depósito e pegar dois livros para me emprestar, um com o título “Medianeira”, outro “Povo Gaúcho, eis aí tua Mãe!”. Nessa lojinha havia muitos artigos religiosos, terços, pulseiras, imagens de vários Santos, fitas de Nossa Senhora de Medianeira, livros, calendários, quadros, bottons, camisetas, escapulários, velas, correntes, imãs de geladeira, adesivos, *souvenires* em geral, era uma sala de tamanho mediano, com as prateleiras em madeira, o balcão onde estavam algumas mercadorias era feito de madeira e vidro. O ambiente era relativamente escuro, motivado pelo entardecer do dia e pelo fato das paredes serem escuras.

Segui para a Cripta com intuito de assistir à missa, na entrada, ao lado esquerdo havia uma mesa com um Senhor que aparentava ter mais de 60 anos, vestido com uma camisa azul e uma gravata com a imagem de Nossa Senhora de Medianeira. Mais tarde descobri que ele era um dos que são conhecidos como Guardiões⁷. Ele estava sentado numa cadeira com os livros de cânticos a sua frente.

Quanto à visão que se tem ao entrar na Cripta, enxerga-se o altar lateralmente, e os bancos estão organizados/distribuídos numa espécie de L. Foi a primeira vez que estive na Cripta, achei relativamente mórbido aquele local, todas aquelas lápides em toda extensão das paredes, o ambiente estava mal iluminado, com apenas algumas lâmpadas acesas. Deixa o ambiente ainda

⁷ São uma espécie de guardas/seguranças da Basílica, o seu trabalho é voluntário. São atualmente 76 guardiões que se revezam nos cuidados com o patrimônio da Basílica.

mais mórbido a presença dos túmulos localizados atrás dos bancos, ou seja, do lado oposto ao altar. Esses túmulos são de alguns bispos e padres que tiveram importante relevância para a Basílica, e de pessoas da própria comunidade, pois, quem tiver interesse pode comprar um local para serem depositados seus ossos. No altar havia vários quadros e estátuas de diversas Nossas Senhoras, algumas eu conhecia, e várias outras era a primeira vez que eu estava vendo.

Minha informante estava atrás dos bancos conversando com uma senhora, esta pretendia confessar-se com Padre Renato. Neste momento minha informante já estava com o jaleco de ministra da Eucaristia, aguardando o Padre para dirigir-se ao altar, chegou para conversar com ela a senhora responsável pela leitura da missa, perguntou para mim se eu não queria ajudar na missa fazendo uma leitura. Minha informante ficou constrangida, pois sabia que meu interesse ali naquele momento era bem distinto desse convite, e até respondeu por mim que não, antes mesmo de eu conseguir manifestar-me. A senhora insistiu perguntando se eu nunca havia feito leituras em missas, respondi positivamente, porém ressaltando que as últimas leituras feitas em missas eram de muitos anos antes. Pediu que eu sentasse bem na frente para eu observar como se fazia para na próxima vez eu ajudar. Essa foi uma situação bem embaraçosa, tanto para mim, como para minha informante, mesmo não sabendo ao certo quais eram minhas reais intenções e motivações, mas uma coisa, com certeza, ela tinha nítida, meu interesse não era participar através de uma participação observante das missas. Bem diferente do que fez Wacquant no seu trabalho sobre boxe em Chicago, no qual se tornou pugilista. Mesmo com a minha ida à missa, não queria tornar-me uma ajudante da liturgia, estava ali para observar as pessoas durante a celebração daquele ritual, e não para fazer parte dele como fiel.

O fato de eu ter sentado nos primeiros bancos, bem na frente do altar, fez com que não tivesse noção do todo, não conseguisse observar melhor as pessoas que estavam participando da missa. Um dos meus maiores receios, ainda mais por eu estar bem em frente, era participar completando de maneira errônea a parte do ritual que incumbe aos fiéis durante a celebração. Quando a missa iniciou, concomitante iniciou minha “encenação de conhecimento” dos cânticos, pois nos iniciais não disseram qual era o número correspondente deles no livro de cânticos. Percebi o quanto fica introjetado nas lembranças mais antigas a parte do sermão do Padre, aquelas partes às quais temos que completar/responder, um exemplo típico da força do “know-how” desse ritual pertencente a esse Aparelho Ideológico do Estado. Na hora da Eucaristia, consegui ter uma visão mais geral do todo, constatei um pequeno número de pessoas, em sua maioria com mais de 50 anos de idade, com exceção de umas cinco pessoas. Havia no máximo quarenta pessoas na Missa, junto com os Padres e as Freiras da Congregação Pequenas Operárias de Nossa Senhora de Medianeira. Os cânticos eram todos feitos por aquela Senhora

responsável pela liturgia da missa, todos muito melancólicos e tristes. No final da missa, fui olhar os *banners* ao lado esquerdo do altar, neles estava inscrita a história da Romaria. Soube que atrás do altar há várias galerias com muitas lápides com os ossos das pessoas, já que só são trazidos e colocados na Cripta depois de ter passado o estágio de putrefação da carne.

Soube através da minha informante que a senhora responsável pela liturgia da missa havia perdido a sua única filha num acidente de automóvel e havia conseguido superar tal perda com a dedicação e entrega aos afazeres da vida religiosa, tanto ela como o seu esposo. Dedicam muito de seu tempo, já que ambos são aposentados, a trabalhos voluntários na Basílica, tais como, feitiço de velas, arrecadação de doações para a Romaria, dentre outras atividades.

Depois da missa, fui para a Basílica, ou seja, a Igreja Principal, para participar da Clausura do João Luiz Pozzobon, considerado um servo de Cristo em 1994. Clausura nada mais é do que fechar todas as caixas com as documentações necessárias para o processo de beatificação feito em Roma. A Igreja não estava lotada, percebeu-se a presença de pessoas idosas durante essa cerimônia, e de algumas autoridades políticas locais e autoridades eclesásticas nacionais e internacionais (presença de um padre argentino). No lado direito do altar, havia faixas homenageando São João do Polêsine - RS e o seu filho mais ilustre. No altar tinha um telão onde ficava passando imagens do trabalho de reunião da documentação para a canonização, trabalho realizado pelo curso de arquivologia da UFSM, encabeçado pela prof^a. Rosane.

Já na entrada da Basílica, junto às mesinhas dos livros de cânticos, estavam distribuindo santinhos com a imagem de João Luiz Pozzobon e uma relíquia, pedacinho do pano que cobriu o corpo dele durante o velório, lembrando o famoso Santo Sudário de Jesus Cristo; do outro lado estava a imagem de Nossa Senhora de Schoenstatt, na parte central havia um pequena biografia da vida desse Servo de Deus e uma oração para a sua canonização. A cerimônia começou sendo presidida pelo bispo local Dom Hélio Rubert, referindo-se a importância daquela sessão para a canonização de João Luiz Pozzobon. Não houve cânticos durante a Clausura, foi algo muito ritualístico e formal. Presentes muitos atores do Direito Canônico, os Padres juraram não poder revelar muitas coisas que leram e que escutaram durante esse processo da reunião dos papéis, mas ao mesmo tempo prometeram não faltar com a verdade, ritual semelhante à leitura de uma sentença em júri popular. Mostrando, em minha concepção, um viés muito velado perante seus fiéis, cheio de interditos. Nada foi muito claro e bem explicado, houve muitos tabus, misticismos, assim, tem-se que simplesmente crer de maneira cega, ratificando os “discursos meio-ditos”. Isso fez, talvez, com que a grande maioria das pessoas ali presentes não compreendesse, em sua plenitude, muitos momentos daquele ritual. Na verdade,

muitos estavam participando para poderem contar depois que fizeram parte daquele momento histórico, no qual um fiel de Santa Maria poderia tornar-se um santo da Igreja Católica, e a postura da minha principal informante. Daí encontra-se uma das explicações de muitas p moradoras de Santa Maria, ditas católicos não praticantes, participarem apenas da Procissão da Romaria de Nossa Senhora Medianeira, sem rezarem, percorrendo-a como algo costumeiro. Fazendo da Procissão um momento cume de sua vida religiosa, o auge do seu ano, considerando o dever cumprido, já que não participam de mais nada relativo à Igreja Católica, em muitos casos pelo fato do ritual ocorrido nas celebrações dessa Igreja não terem nenhum significado prático e inteligível para sua vida.

1.5 Os primeiros preparativos para a Romaria da Nossa Senhora Medianeira

Dia 29 de maio de 2009, formulei algumas questões em minha agenda sabendo que essas abririam um leque para outras, e munida do atestado da Coordenação do Mestrado me apresentando como aluna interessada em estudar a Romaria, porém, infelizmente, sem um gravador de voz, dirigi-me à Basílica de Nossa Senhora de Medianeira.

Fui direto à Secretaria da Basílica, onde se encontra também a lojinha de artigos religiosos, falar com secretária, a qual havia me emprestado os livros na outra vez. Apresentei-me novamente, dessa vez com meu atestado, disse estar de posse de seus livros, contudo não tinha condições de devolvê-los ainda. Pedi para ela marcar uma reunião com o Padre Bertilo Morsch, reitor da Basílica, e ela me respondeu novamente relatando a dificuldade que isso representaria, já que além dos serviços ali, ele era Professor na FAPAS (Faculdade Palotina), visitava as Dioceses de Uruguaiana, Cachoeira do Sul dentre outras. Comentei estar ciente desses fatos, mas que na verdade meu intuito era falar com mais pessoas envolvidas com a Romaria, mas não necessariamente apenas com o corpo Eclesiástico, obtendo como resposta a necessidade de falar anteriormente com Padre Bertilo e após ele me diria com quem eu deveria falar. Mostrando, dessa forma, que há uma hierarquia, deixando nítido o fato de que se eu falasse com pessoas não autorizadas, elas poderiam responder alguma “bobagem” ou algo inverídico, não levando em conta as motivações pessoais dos fiéis que disponibilizam de seu tempo para ajudar de forma voluntária na Romaria.

Consegui que ela me respondesse algumas questões formuladas em casa. O Lema da Romaria naquele ano (2009) seria “Eu te agradeço Senhor, pelo Teu imenso amor”. Não haveria menção de nenhuma Beatificação, como houve no ano anterior, da Beata Albertina

Berkenbrock, pois esse mesmo ano comemora-se o Centenário da Diocese de Santa Maria. A Diocese de Santa Maria é constituída por 14 Paróquias daqui de Santa Maria e 23 do interior (cidades vizinhas). Fiz essa pergunta sobre o número de paróquias para outra moça que trabalha na Secretaria, já que naquele momento a Secretária estava no telefone, senti um embaraço nela ao responder-me, pois não sabia tais dados, deu-me um livrinho para procurar essa informação. Nesse momento percebi aquilo que a Secretaria J. já tinha me falado antes, que eu teria que falar antes com o Padre, e este me diria com quem deveria falar, e pelo o que pude notar antecipadamente, ela não seria uma das autorizadas a falar.

A divulgação da Romaria é feita por uma equipe encabeçada pelo Padre Silvio Weber, responsável pela comunicação de toda Romaria, é ele quem entra em contato com os meios de comunicação, por exemplo, a Rede Vida, Canção Nova, rádios da cidade e das cidades vizinhas, entra em contato também com as demais dioceses do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para enviar os cartazes para as paróquias interessadas em expô-los em suas Igrejas. Distribui cartazes em algumas lojas laicas da cidade, em empresas de ônibus municipais, mas qualquer pessoa interessada em ajudar na divulgação da Romaria de Nossa Senhora Medianeira pode pegar cartaz para ajudar a divulgá-la, basta passar na Secretaria da Basílica.

O único assunto que a Prefeitura Municipal de Santa Maria toma conhecimento e se envolve no que tange a realização da Romaria de Nossa Senhora de Medianeira é na venda de lotes para os ambulantes, segundo o que me foi informado na Secretaria da Basílica. Esses ambulantes, no dia da Romaria, localizam-se nas ruas em frente à Basílica de Nossa Senhora Medianeira vendendo produtos semelhantes aos vendidos nos comércios informais das cidades brasileiras. Cada ambulante com os seus respectivos crachás de vendedores cadastrados, fornecidos pela Prefeitura Municipal. Esses ambulantes pagam uma taxa destinada ao fisco do município, nada é revertido para a Basílica. Apenas o dinheiro ganho com a venda da comida e de artigos religiosos dentro do Parque Medianeira é destinado à Basílica para pagar as despesas do ano corrente, como obras, luz, funcionários.

1.6 O Reitor da Basílica - Padre Bertilo

Enquanto fiz uma pausa nos meus questionamentos, entrou o Reitor da Basílica na secretaria, ou seja, o Padre Bertilo na Secretaria, eis um imponderável da vida real de Malinowski (1984, p.29), já que, como havia dito anteriormente, não tinha um gravador comigo e não conseguiria lembrar da conversa depois em sua plenitude. A secretária J. mostrou a ele o atestado da Coordenação do Mestrado que estava em cima do balcão. Ela lhe falou que eu

gostaria de saber qual era o envolvimento a Prefeitura Municipal com a Romaria, obtendo como resposta do Padre um riso, me retornando a pergunta. Respondi dizendo acreditar haver uma ajuda e/ou envolvimento, pelo menos com a divulgação. O Padre pediu que eu passasse na Prefeitura e depois dissesse a resposta dos responsáveis pela Secretaria do Turismo qual era o valor dado à Romaria por parte do Poder Público Municipal. Contou que fazia mais ou menos 10 anos que a Romaria coincidia com o último dia da FEISMA (Feira Industrial de Santa Maria - Multifeira de Santa Maria), considerou que ambas poderiam ocorrer no mês de novembro, mas em datas diferentes, já que teoricamente um não excluía o outro, mesmo considerando que a cidade de Santa Maria é mais projetada, no Estado e também fora dele, com a Romaria do que com a FEISMA. Relatou que já tiveram diversas discussões na Prefeitura para que ela tomasse alguma providência a respeito, não obtendo nenhum êxito. Falou da Novena que antecede a Romaria, na qual a imagem da Nossa Senhora da Medianeira percorre nove paróquias, saindo da Basílica em direção à Igreja das Dores no primeiro dia, depois indo para a Igreja do Patronato no segundo dia, e assim sucessivamente em mais sete paróquias até chegar à Catedral no sábado, de onde parte no domingo da Romaria rumo à Basílica. Durante esse período, poderia haver um envolvimento maior do comércio, enfeitando suas vitrines com símbolos religiosos, como o fazem em datas como Dia das Mães, Natal, Páscoa e demais datas comemorativas. O Padre Bertilo acredita que um dos motivos seja o envolvimento dos lojistas com a FEISMA, e falta de “tino” por parte dos empresários da quantidade de pessoas que a Romaria atrai para Santa Maria, pois, segundo o Padre, em sua maioria, são fiéis de fora da cidade que vêm para cá devido à Romaria.

Padre Bertilo falou que estava sendo cogitada a hipótese de ser construído um monumento com a imagem de Nossa Senhora da Medianeira num morro em Santa Maria. Considera irrelevante a construção de algo tão grandioso assim, mas que se houvesse uma participação maciça dos Governos Municipal e Estadual na Romaria, esta poderia quem sabe atrair 1 milhão de pessoas, como o Sírrio de Nazaré do Pará. Assim como o Sírrio de Nazaré de que fala a Bíblia, ou seja, há uma história que o ratifica, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira também tem seu marco inicial ocorrido na eminência de um conflito, os fiéis que rezaram para Medianeira e foram atendidos, percorreram esse caminho como forma de agradecimento da prece/grança atendida. Além disso, o Padre contou que a Prefeitura queria fazer também um projeto parecido com o que há no Caminho de Compostela, o Caminho da Nossa Senhora Medianeira, desenhando, no trajeto que passa a Procissão, quadros no chão das calçadas e nas paredes sobre a sua história.

Na opinião do Padre Bertilo, há necessidade das universidades envolverem-se mais com

a Romaria da Nossa Senhora Medianeira, criando uma mentalidade da relevância da ajuda delas, por exemplo, através de voluntários para fazer teatros ou shows durante aquele período da Novena que antecede a Romaria. Esses shows poderiam ser feitos na área da Basílica, isso atrairia mais pessoas, não apenas para participar da Romaria, mas também para os nove dias antecedentes, movimentando mais significativamente a Rede Hoteleira, o comércio, enfim, a cidade como um todo.

Ainda segundo o Padre Bertilo, há dificuldade de se mensurar em termos estatísticos perfeitos o perfil dos participantes da Romaria, mas relatou que entre estes, há o romeiro devoto, há os que vão agradecer as graças alcançadas, há outros que vão pedir que sejam atendidas suas graças e outros que vão para passear mesmo, chamados por ele como o curioso. Há também os que vão para trabalhar, os ambulantes cadastrados e também os que não são, estes se arriscando, pois se os fiscais da Prefeitura os pegarem terão todo o seu material apreendido. Há, contudo, os aproveitadores, que vão apenas para tirar proveito da multidão que se aglomera em função da Romaria para praticar delitos, roubar os fiéis, sempre há esse perfil, infelizmente, enquanto alguns fiéis estão ali acreditando estarem participando de algo religioso e, por consequência santo, acontece de terem sua carteira furtada. A Basílica contrata seguranças particulares para a Romaria, em torno de 50, e a Brigada Militar disponibiliza em torno de 80 policiais. As ambulâncias que são disponibilizadas no dia da Romaria são da Unimed, da Prefeitura Municipal, da Cruz Vermelha, da Unifra, do Colégio Fátima e da antiga Faculdade Santa Clara.

No dia da Romaria as missas começam as 5 horas da manhã, sendo o Padre Bertilo o responsável pela missa das 5 horas, ocorrida na Basílica. Segundo o Padre Bertilo, no geral, as missas ocorridas na Catedral antes da saída da Procissão contavam com mais participantes do que as demais, pois os ônibus com o pessoal de outras cidades os deixam na Catedral, já que há muitas pessoas idosas que não teriam condições de ir da Basílica à Catedral e depois voltar novamente, por ser um percurso de 2,5 Km. Alguns fiéis participam das missas na Basílica depois se dirigem para a Catedral. Há também os fiéis que saem antes da procissão iniciar, motivados pelo interesse de percorrer aquele caminho, aguardando a imagem da Nossa Senhora Medianeira na Basílica. No dia Romaria, há em torno de 70 Padres de outras paróquias e também de outras Dioceses, que ajudam nas confissões dos fiéis.

Quanto à disposição das pessoas ao redor do quadro da Nossa Senhora Medianeira na hora da Procissão, o Padre Bertilo acredita que deveriam ficar apenas os Padres e algumas pessoas envolvidas diretamente com a Romaria, entretanto, relatou que os “políticos se acham do direito de subir ali”. Demonstrando, dessa forma, uma crítica aos políticos, que na hora de aparecerem na Procissão eles estão sempre presentes, mas na hora de ajudar a Romaria se

eximem. Destacou a dificuldade, quase impossibilidade, de conseguir controlar os ambulantes na hora que as pessoas estão chegando com a Procissão na Basílica. Os ambulantes gritam anunciando seus produtos, isso quando não dispõem de aparelhos de som num volume altíssimo.

Através dessa conversa que tive com o Padre Bertilo, pude ver bem a postura desse agente representante da voz oficial da Romaria, ou seja, da própria Instituição representada através da pessoa dele. Nessa conversa, pode-se perceber nitidamente a disputa por reconhecimento e, em especial, por campo, segundo Bourdieu. Segundo Ortiz (1983, p.21; 24), campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele estrutura a partir da distribuição desigual de capital social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. A convivência entre os agentes determina o consenso a respeito da situação, ou seja, o que merece ser ou não levado em consideração. O consenso se fundamenta, pois, no desconhecimento pelos agentes de que o mundo social é um espaço de conflito, de concorrência entre grupos com interesses distintos. Esse desconhecimento corresponde a uma “crença coletiva” que solda, no interior do campo, agentes que ocupam posições assimétricas de poder, neste sentido, pode-se dizer que as práticas heréticas “reavivam a fé”, pois elas sempre se referem, sem questioná-lo, a este fundamento último do campo, lócus onde se sedimenta o consenso. Demonstrando, através dessa disputa pelo campo, uma necessidade de autoafirmação perante a cidade como um todo, da importância da Romaria da Nossa Senhora Medianeira.

1.7 Irmã Terezinha, Madre Superior da Ordem das Pequenas Operárias da Nossa Senhora Medianeira

Conversei com a Irmã Terezinha, da Ordem das Pequenas Operárias da Nossa Senhora Medianeira. Ela contou-me a história dessa Congregação tão pequena, de apenas trinta Irmãs em todo o Brasil, e tão recente em termos históricos. O Padre Leopoldo Bretano idealizador da idéia da criação dessa Congregação, esse foi responsável pela criação do Ciclo Operário de Pelotas, em 1937, baseando seu discurso na carta do Papa Pio III de 1893, que dizia que todos os trabalhadores tinham necessidade de receber uma quantidade suficiente de dinheiro que pudesse mantê-lo a si e a sua família dignamente. Havia na época um Padre muito estudado no Rio de Janeiro, que decidiu, graças às demandas da época, procurar alguém que entendesse das classes trabalhadoras/operárias, pois seu conhecimento resumia-se às classes mais abastadas. Para ajudar nesse seu projeto, chamou esse Padre Gaúcho ligado aos Ciclos Operários de Pelotas. Foi feita uma reunião dos bispos, na qual iriam discutir sobre a condição do operariado, tendo voz ativa todos os segmentos, exceto o maior conhecedor do assunto - o operário. O Padre gaúcho conseguiu com que um operário da cidade de Rio Grande - RS falasse nessa reunião, na qual havia a participação da Polícia secreta de Getúlio Vargas. O operário começou falando dessa carta do Papa Pio III, e da questão do salário digno, que já constava até na Bíblia. Ele foi muito aplaudido e cumprimentado pessoalmente pelo Bispo, o que equivaleria nos dias de hoje o presidente da CNBB (Conferência Nacional de Bispos dos Brasil). Foi chamado o Padre no Palácio do Catete para falar a respeito dos operários, da necessidade de haver um salário digno, e não de obras de assistencialismo por parte do Governo. Disso resultou a CLT de 1943.

Nessa época esse mesmo Padre Leopoldo Bretano viu a necessidade de haver Irmãs que soubessem das mazelas que viviam as classes operárias e que, de alguma forma, as vivesse em seu dia a dia, porém, para isso, essas mesmas mulheres tinham que fazer parte dos Ciclos de Operários, algo até então inexistente. Esse Padre sofreu muita pressão para desistir de seus ideais, porém, depois de dirigir-se a Santa Maria e pedir para Nossa Senhora de Medianeira que intercedesse por ele junto ao Pai, teve atendidas as suas preces, por isso o nome dessa Congregação ficou “Pequenas Operárias de Nossa Senhora da Medianeira”. Uma Congregação bem diferente das demais, pois suas Freiras são assalariadas, não há nenhuma instituição mantenedora como nas demais. Elas trabalham, estudam, ajudam a comunidade, e como todo contribuinte, se aposentam. A questão da herança de família é deixada livre para que a Freira opte se quer deixar para Congregação ou para algum parente.

Irmã Terezinha veio do Rio de Janeiro trazida por Dom Ivo em 1985, sendo cedido um terreno para elas construírem sua casa, algo não creditado por muitas pessoas, inclusive por Padres daqui da Igreja. Duvidavam que algumas Irmãs, através de seus ganhos salariais, conseguiriam construir uma casa, algo que aconteceu depois de dois anos do recebimento do terreno.

No dia da inauguração da Basílica, no mesmo decreto, veio o reconhecimento das Pequenas Operárias de Nossa Senhora da Medianeira como Guardiãs da Basílica. Atualmente a Irmã Terezinha é a Madre Superiora de toda Congregação. Ela me disse que fica todas as manhãs na Basílica e à tarde faz trabalhos voluntários fora.

Dirigi-me com ela até a Cripta para participar da Missa das 18 horas. Nessa missa havia mais pessoas, em torno de 50 pessoas, mesmo com o frio que estava fazendo. Porém, havia sido pedido como intenções da missa para lembrar uma semana, um mês e nove anos de falecimento dos entes queridos, talvez por isso uma presença maior de pessoas. O sermão falava em autoconfiança e de sua importância na vida do fiel. Era aniversário do Padre Serafim, 83 anos de vida e 55 anos de vida religiosa, foi cantado parabéns no final da celebração.

Aqui nesse depoimento percebi o quão distinta é essa devoção à Nossa Senhora Medianeira, que mesmo com pouco tempo de existência de sua devoção popular, tornou-se a Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e surgiu uma Congregação de Irmãs em sua homenagem.

1.8 Tentativas de conseguir mais informantes

No dia 1º de junho de 2009 passei em um Jornal de circulação local conhecido como “A Razão” por orientação da Professora Maria Catarina, da disciplina Etnicidade, Migrações e Poder, para tentar ver os arquivos das Romarias passadas e com isso vislumbrar alguns detalhes que somente podiam ser observados e detectados nessas reportagens. Por exemplo, quem mais era citado como ajudante e voluntário da Romaria, qual o principal enfoque dado à Romaria, quem ficava ao lado do quadro durante a Procissão. Não consegui vê-las, já que não era disponível esse tipo de acesso para os interessados, pelo motivo de não haver um arquivo apenas com esse tipo de material e também pela falta de funcionários para acompanhar-me. Porém, consegui falar com a psicóloga do jornal, expliquei-a o porquê do meu interesse no assunto, comentando das dificuldades que estava tendo em minha entrada em campo, as resistências que estavam acontecendo. A psicóloga mostrou-se muito solícita comigo, ligou para o Padre Silvio Weber, responsável pela parte de comunicação da Romaria, pediu autorização para me dar o

número do seu celular para marcarmos uma reunião. Padre Silvio respondeu que não teria problema dar seu telefone, a psicóloga insistiu que eu o procurasse, já que ele era muito acessível e provavelmente me ajudaria muito em meu trabalho.

Contudo, os acontecimentos não transcorreram como o esperado, para mim pelo menos, pois fiquei ligando duas vezes na semana no período de quatro semanas seguidas para o referido padre, porém sua agenda estava sempre lotada. Seus compromissos com a sua paróquia na cidade de Itaara (antigo distrito de Santa Maria), com o Jornal *O Santuário* e com a sua dissertação de Mestrado criaram esses contratempos para a realização da nossa conversa. Isso resultou numa certa desmotivação com meu objeto, pois sabia que não conseguiria seguir em busca de outros informantes, sem antes ter falado com esses que se encontravam no topo da hierarquia responsável pela Romaria. Segundo o que meu campo estava mostrando, eram esses eclesiásticos que deveriam me indicar o caminho a seguir, as pessoas apropriadas para me passarem as informações certas. Levando-me a mudar um pouco o enfoque pretendido inicialmente em meu trabalho, tornando-se dessa forma menos detalhista e minucioso para observações mais macro-estruturais, mas sempre dando a devida voz e reconhecimento aos meus informantes obtidos durante o dia da Romaria da Nossa Senhora Medianeira.

Sendo assim, depois de ter descrito um pouco dos dados atuais e também ter feito uma breve história da cidade de Santa Maria, que teve influência daqueles primeiros habitantes que aqui viveram. Atenho-me em relacionar a importância dos imigrantes, em especial os italianos, e a construção da ferrovia para o crescimento e estabelecimento definitivo da Igreja Católica no recente povoado. Com os ideais ultramontanos aqui presentes, inicia a partir da década de 30 do século XX a devoção popular à Nossa Senhora Medianeira, uma santa até então desconhecida do grande público. Através do pedido de um grupo de senhoras para a Nossa Senhora Medianeira, não teria ocorrido uma revolução na cidade de Santa Maria, eis o seu mito de origem local. Finalizo com a exposição das minhas primeiras idas a campo com todos os imponderáveis da vida real ocorridos durante a pesquisa, ocasionando uma mudança em meu enfoque pretendido no projeto de pesquisa.

CAPÍTULO 2

A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA: UMA ETNOGRAFIA DO RITUAL E SEUS PERSONAGENS

Pretendo com este capítulo descrever a Romaria da Nossa Senhora Medianeira dos dois anos - 2009 e 2010 - em que a acompanhei. Mostrar, através das entrevistas realizadas com diversas pessoas no ano de 2009 e com o aquele que considerei como o meu personagem da Romaria de 2010, a importância desse evento em suas vidas. Procurarei interpretar tais entrevistas sob um olhar antropológico.

2.1 Véspera da Romaria da Nossa Senhora Medianeira

No dia 7 de novembro de 2009, o sábado que antecedeu a Romaria, fui durante a manhã à Basílica com o intuito de aplicar alguns questionários por mim elaborados e tentar conversar com o maior número de pessoas para verificar as motivações que as levavam a frequentar a Romaria da Nossa Senhora da Medianeira. Esse dia foi muito chuvoso, isso prejudicou a ida de muitas pessoas à Basílica, entre os meus entrevistados, havia, inclusive, certo receio de como seria o domingo da Romaria, pois se perpetuasse a chuva, iria atrapalhar o bom andamento da mesma. Estava em frente à Basílica e, coincidentemente, o Bispo D. Hélio Rubert estava dando uma entrevista para uma rádio local, aproximei-me e consegui conversar com ele por alguns minutos. Para D. Hélio, o fiel vai à Romaria, acima de tudo, movido pelo amor à Nossa Senhora, reconheceu que há outras motivações, mas considera-as de menor relevância.

[...] os fiéis vêm por muitos motivos, cada um claro, tem os seus motivos pessoais, agradecer, pedir uma graça ou fez uma promessa e vêm pagar, ou pode ser que venha como turista, pois vêm muita gente que se aproveita da Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Mas eu acredito que o principal para essas pessoas para vir à Romaria na basílica de Nossa Senhora Medianeira é que o povo usufrui do amor de Nossa Senhora. Jesus no alto da cruz entregou a Maria como um anjo para a humanidade e disse eis aqui a tua mãe. Essa mãe que nos acompanha que está na glória celeste, ela é aquela que liga Jesus, é recrutável e gloriosamente por obra de Jesus, é uma reta, um semáforo que nos leva para Jesus. Nossa Senhora, em toda sua experiência de vida, foi a mais fiel discípula de Jesus, então o povo intuiu que na presença, atitude de Maria e na sua figura transcende o Império de Deus e isso é o que atrai as pessoas para Romaria da Nossa Senhora Medianeira. O povo de Santa Maria tem um carinho muito especial por Medianeira, pois teve uma experiência, uma realidade de vida que ela protegeu a cidade. Em 1930, quando deu Revolução a cidade foi tomadas por forças diferentes,

por um lado a brigada militar e por outro lado o exército, e a cidade iria ser tombada devido aos combates que haveriam aqui em Santa Maria, daí o povo pediu a Nossa Senhora Medianeira que protegesse a cidade. Prevendo uma catástrofe, no dia 14 de maio daquele mesmo ano um grupo de senhoras fez uma caminhada [que depois em 1930 iniciou a 1ª procissão/romaria] e pediram para Medianeira que não deixasse a cidade ser destruída com os combates. A Revolução estourou dia 13 de outubro de 1930 e durou em pouco menos de 24 horas, as 20 horas trouxeram o ultimato para ver se iriam entregar-se, a meia-noite a infantaria cruzou a acordo e às 9 horas as outras repartições entraram em acordo e as 10 horas a cidade estava livre. Na ocasião o povo disse Santa Maria foi salva pela Nossa Senhora Medianeira, esse fato marcou a história. Foi uma devoção que manteve devido aos Círculos Operários e também com as Pequenas Operárias de Nossa Senhora Medianeira. Atualmente é transmitida pelos meios de comunicação [Rede Vida] e que no ano passado quando teve problema na transmissão, houve muitas reclamações tanto para a emissora como para a Diocese. Há pessoas de outros países, Argentina, Uruguai, Paraguai que vêm para a Romaria, mas eles vêm individualmente e não com excursões para participar da Romaria, muitos desses estrangeiros têm familiares aqui em Santa Maria.
(Bispo D. Hélio Rubert em entrevista concedida a mim)

O Bispo depois de conversar comigo saiu rapidamente à Basílica, comentou que tinha muitos compromissos e que no final de semana da Romaria sua agenda fica lotada. Como eu estava com um crachá, onde estava escrito meu nome e embaixo deste escrito pesquisadora, um senhor Guardião da Basílica veio conversar comigo. Depois de uma breve explicação sobre meu trabalho, quis saber um pouco da história dos Guardiões da Basílica de Nossa Senhora da Medianeira.

Em 15 de agosto de 1998, quando o Reitor da Basílica era o Dom Hélio, ele criou os guardiões, hoje são 76 guardiões trabalhando, mas tem poucos com menos de 65 anos, tem guardião com 92 anos. Considero algo gratificante trabalhar com essas pessoas e nisso. Os primeiros guardiões foi o D. Hélio que fez o convite, ele quis porque estava havendo problemas no santuário, o pessoal entrava, chegava gente que levava coisa, roubava. Daí ele resolveu convidar uns homens para serem guardiões, pois esse serviço é voluntário. Um senhor Catarinense que veio visitar ontem a Basílica e a Cripta foi auxiliado por um dos guardiões com explicações sobre algumas coisas, no final sendo questionado quanto ganham por aquele serviço, que devia ser muito dinheiro no mínimo R\$1000,00; recebendo como resposta que o trabalho deles é voluntário e ainda pagamos R\$3,00 por mês para a caixinha e que, quando um colega falece, eles deixam uma coroa para ele. Tem guardião que tira dois serviços por mês, e outros como eu que são aposentado. Os que ainda trabalham têm seu dia marcado para trabalhar, exceto dia da Romaria de Nossa Senhora da Medianeira que todos trabalham, uns na cripta, outros no santuário, outros no altar monumento, outros também caminham com caixinhas de contribuição do meio povo. Porque no dia da Romaria é muito complicado porque vem gente de tudo que é tipo [...].
(Guardião Djanir)

Encontrei o pai de uma amiga minha, que também é Guardiã da Basílica, estava terminando a explicação sobre a Basílica para um grupo de pessoas de Farroupilha - RS. Disse que muitos vão à Romaria à espera de algo melhor para suas vidas, suprir uma falta, uma lacuna existente. Ressaltou a mudança na fisionomia das pessoas quando saem da Romaria, pois creem

que alcançarão as suas graças com a ajuda da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

As pessoas vêm para Romaria movidas por algum desejo de ser melhor e conseguir um amparo para ser melhor. Tem haver com desejo de ter uma coisa melhor pra eles, suprir o que faz falta para eles, então uma busca, e também os que vêm para agradecer, pedir mais graças com Nossa Senhora da Medianeira que é a intermediária entre Deus e os homens. Então ela alcança umas coisas que às vezes as pessoas não têm, que é a graça, alguma saúde, pois vêm muitas pessoas doentes, e essas pessoas dá para perceber que quando elas saem do santuário melhores pelo menos na fisionomia, quando ficam nos portões percebem que as pessoas chegam de uma jeito e saem de outro, então isso significa uma melhora. Essa melhora tem um sentido muito grande para o Santuário Basílica de Nossa Senhora da Medianeira. O que motiva os guardiões é que cada ser humano, a princípio vive numa comunidade/ sociedade, como o homem não pode viver isoladamente, não contribui para o bem-estar dessa comunidade. Eu me envolvi para ser útil, ser informativo para alguém que não sabe determinado assunto que eu sei, então Nossa Senhora Medianeira não precisa da ajuda dos homens, mas esses precisam da ajuda de um e de outro. Eu fiz o 1º plantão dos guardiões em 1998, quando foi constituído esse ministério. Na época surgiu coisas interessantes, eu era coordenador do cursinho, fui questionado pelo Reitor Hélio o que achava a respeito de fazer esse Ministério. Respondi que tinha gostado, achei que era mais uma coisa que somava. A comunidade ficará melhor, pois as coisas estão melhor, uma cascata, efeito dominó.
(Guardião Casildo)

Conversei com uma senhora da excursão de Farroupilha-RS, enquanto leva-a com o guarda-chuva até o seu ônibus. Ela disse que o maior motivo da sua presença na Romaria foi a fé. Ela relatou que pertencia ao Circulo Operário e a Nossa Senhora Medianeira era uma presença constante lá.

Vim umas 5 vezes para a Romaria, venho pela fé, para pedir benção pra família, e a fé na Nossa Senhora Aparecida, porque na semana passada eu fui em Aparecida. Na minha excursão tem pessoas que vieram mais vezes e elas vêm pela fé em Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Pertencemos ao Circulo Operário de Farroupilha, sou sócia remida e o meu marido foi presidente. A importância de Nossa Senhora Medianeira é a paz que ela transmite, pela família, pelos jovens que tem muitos perdidos.

No intervalo de uma entrevista e outra para rádio, consegui conversar com o Padre Silvio Weber, responsável pela divulgação da Romaria nos meios de comunicação e entre as outras paróquias. Ressaltou a fé como mola propulsora para as pessoas irem à Romaria, e quando o retruquei perguntando se era só por isso, ele disse que fé é tudo. Referiu-se aos diferentes perfis dos frequentadores da Romaria e a atitude destes perante a Igreja Católica.

Considero o que motiva as pessoas a virem na Romaria de Nossa Senhora da Medianeira é a fé, para agradecer, para pedir, para superar obstáculos, romper barreiras, dificuldades de tudo que gira em torno da fé. Pois sem a fé nada disso acontece. A Romaria tem o lado econômico, nem todos vêm motivados pela fé, tem o pessoal que

vem para vender, para fazer o seu faturamento, tem o pessoal que vem como turista para ver o movimento/observar. Também tem o pessoal da imprensa que vem fazer cobertura, tem os que vem para fazer pesquisa, e tem romeiro que vem pra pagar promessa, para agradecer e para pedir, então tem vários tipos. Uns frequentam regularmente a Igreja, outros não. Tem pessoas que só participam da Romaria, nunca vão na Igreja noutra data, tem gente de outras Igrejas que participam, nunca perdem a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira.
(Padre Silvio)

Reencontrei a Irmã Terezinha, ela contou-me um pouco sobre a Congregação das Pequenas Operárias de Nossa Senhora da Medianeira, a sua fundação tanto aqui em Santa Maria como no Brasil.

Da minha Congregação, as que conviveram com o fundador agora só tem eu, todas as outras já faleceram. Eu conheci o Dom Ivo em Brasília, eu trabalhava na Sede Nacional dos Círculos Operários ligados à CNBB, ele perguntou-me se eu não queria vir antes para Santa Maria, pois o Conselho paroquial concordou em doar um terreno do lado de onde seria posteriormente a Basílica para a construção da casa da Irmã Pequenas Operárias de Nossa Senhora da Medianeira. Para nós podermos cuidar do santuário depois que ele tivesse pronto, eu falei com a Madre e vim ver o terreno e também uma casa para alugarmos até ser construída a nossa casa, conseguimos uma casa de madeira de fundo na Av. Medianeira mesmo, com um preço que podíamos pagar, eu trabalhei na secretaria para ajudar Dr. Eri Camargo na tesouraria com os donativos para poder pagar os operários da construção da Basílica. Dom Ivo deu muita palestra fora e não aceitava nada de pagamento, daí davam um dinheiro para as obras dele aqui do santuário, ele trazia muitos marcos, dólares e dava para Dr. Eri para as obras. No dia 15 de agosto de 1985 estava inaugurando o santuário, e dois anos depois João Paulo II proclamou-a de basílica ligada ao papa, com seu brasão na frente, e há também um quadro na Basílica que mostra as graças e as indulgências recebidas pelos fiéis quem vêm nesse santuário, ele foi dado por João Paulo II. A minha ligação com o santuário é muito grande.
(Irmã Terezinha)

Enquanto falava com a Irmã Terezinha, uma senhora de pouco mais de oitenta anos se aproximou e contou que o seu marido tinha sido muito doente, que ela não tinha ninguém para ajudá-la e que para aliviar-se ia para a Igreja e chorava muito. Até que resolveu pedir ajuda para Nossa Senhora Medianeira e foi atendida, isso ocorreu num dia em que ela estava saindo da Igreja e um senhor indicou um médico que o curou. Faz mais de trinta anos que, segundo ela, o seu marido está bem, depois disso ele conseguiu trabalhar. Hoje ele já está aposentado, por isso, ela relatou que só tem a agradecer à Nossa Senhora Medianeira, e considera demasiadamente importante sua fé.

A Basílica estava sendo decorada com flores por uma senhora, após o término do seu trabalho, resolvi abordá-la. Falou da importância do trabalho voluntário, de ajudar quem necessita. Demonstrou disposição e boa vontade de colaborar com diversas paróquias.

Acho que na Igreja, em primeiro lugar, tem que colaborar, não tem que ficar só pra gente, tem que ajudar quem precisa. Eu me sinto bem doando o meu serviço, eu faço há muito tempo esse trabalho. Sou natural de Vale Vêneto, na festa de Corpus Christi eu sempre vou e ajudo quando eles precisam. A Igreja da Glória em Camobi, o Centro Imaculado Coração de Maria de Camobi, o Santuário do Divino sempre que eles precisam, eu estou disposta a ajudar. Na Romaria de Nossa Senhora da Medianeira já faz 5 anos que eu ajudo como decoradora do altar principal. Eu acho que maioria vem para pedir graças, para pedir saúde. Considero a Basílica um lugar de oração, local espiritual, onde as pessoas se sentem bem, onde se recebe o conforto espiritual, é uma Romaria conhecida no Brasil todo como a de Aparecida, ela é Mãe de Jesus e também nossa Mãe, sem ela não somos nada e não fazemos nada, eu me sinto muito apoiada em Maria.
(Dona Iva)

Na saída da Basílica, conversei com um senhor, que demonstrou nitidamente o receio das pessoas, em conversar, ainda mais no momento da entrevista em que relatou sobre a sua condição financeira, mesmo eu reiterando o desconhecimento do seu nome e do seu endereço. Percebe-se o quanto há a crença em Nossa Senhora, independente de qual seja:

Eu venho pela 10ª vez, vim a primeira vez graças a um cunhado meu, que disse que era bom. Vô todo domingo na Igreja e a cada 15 dias vou a Nossa Senhora do Caravaggio, vou na Romaria de Caravaggio também. Melhorou muito a minha vida depois que comecei a frequentar a Romaria da Medianeira, consegui abri um negócio em Carlos Barbosa. [e negou-se a falar mais comigo, pois temeu alguma coisa, mas lembrei-lhe que nem sabia seu nome e que não tinha como usar algo contra ele. Agradei-o, com ele andando/afastando-se de mim e batendo na boca].

Depois dessas entrevistas, fui para casa pensar como seria melhor agir durante a tarde, para onde ir, se seria mais proveitoso ficar de prontidão em frente aos hotéis, ir à Basílica ou à Catedral Diocesana, local onde as 18 horas chegaria a imagem de Nossa Senhora Medianeira em seu último dia de novena, dia que antecede a Romaria. Após alguns telefonemas para alguns hotéis, consegui ajuda de um recepcionista de um deles, que informou que havia conversado com um grupo de hóspedes que tinha vindo de excursão de Palmares do Sul-RS para Santa Maria, motivados pela Romaria. Combinei de passar nesse hotel as 17h e 30min. Fui até o Seminário São José para ver se conseguia falar com romeiros hospedados lá, porém disseram-me que não poderia ficar lá e que os seus hóspedes estavam na rua. Os únicos que estavam no Seminário era o pessoal do canal de televisão católico Canção Nova.

Dirigi-me então para a Casa de Retiros, consegui conversar com um grupo proveniente de Porto Alegre. Era uma excursão de pessoas com mais de 60 anos de idade, com exceção de uma senhora e de sua filha. Peguei-os levantando de sua sesta, dirigindo-se rapidamente para o ônibus que os aguardava para levá-los para passear. Conversei com algumas senhoras no *hall* de entrada, estas aguardavam os demais descerem, por isso da minha “escolha” por elas. São de

Porto Alegre, quase todas vão há 10 anos à Romaria, exceto uma de 77 anos de idade que relatou que pelo o que ela lembrava, havia faltado pouquíssimos anos. A motivação dessas senhoras para irem à Romaria da Nossa Senhora Medianeira, segundo elas, era a fé que têm na santa, pois ela é Maria como Medianeira de todas as graças, tudo o que elas pedem, ou que pedem para a Santa pedir para Jesus, elas alcançam. Consideram que a fé move o mundo, e as montanhas, como bem diz a parábola. Além disso, disseram frequentar regularmente a Igreja. Um depoimento interessante de uma das senhoras, no qual conta um pouco do seu trânsito religioso e, ao final de suas buscas, o seu retorno à Igreja Católica:

Sou Católica Apostólica de berço, mas quando a minha mãe faleceu, eu enlouqueci, daí onde dizem que tem não sei o que, eu vou lá, eu escuto, eu estudo pra ver do que se trata e daí acabei voltando para a Igreja Católica. Sabe e até todo aquele estudo do espiritismo que eu fiz para estudar para saber pra conhecer as demais Igrejas, só reforçou minha fé, o que fiz nas outras igrejas não me serviu pra nada só para reforçar minha parte como católica, pois a Igreja Católica tem uma linguagem muito alta, ela tem vocabulário que não é muito acessível para as camadas mais de baixo, e eu sou de uma época em que a gente não lia a Bíblia, os padres rezavam a missa em latim de costas para o povo. Agora tu entende Deus e vê que ele é fora de série, é fabuloso. Pois eu sou daquelas que mata a cobra e mostra o pau, eu quero saber bem da onde que saiu, porque que é assim e porque que não é. Sou professora aposentada com faculdade com tudo, mas quanto à crença, quando vem me dizer aiiii não sei o que, eu não acredito, primeiro tem que me provar por “a+b”, e daí essa parte me reforçou, pois eu vivia olhando, quando todo mundo baixava a cabeça eu olhava para frente para ver o que estava acontecendo, aí eu tenho que ver se o espírito santo baixava mesmo, daí tu entende Deus como espírito, tu aprende ver Deus como espírito superior. Eu consigo tudo que peço para Nossa Senhora de Medianeira. (senhora entrevistada na Casa de Retiros)

Outra senhora, que estava junto quando me foi dado esse depoimento, mostrou-se mais conservadora e menos questionadora sobre os mitos e ritos católicos. Diz que não se deve ser como São Tomé, e reafirma a importância da disciplina em todos os aspectos, inclusive o religioso.

Eu acredito em Jesus está em tudo que é parte, Deus está lá, e porque ter pensamento crítico pra ver, eu não sou São Tomé pra ficar duvidando. A minha mãe era muito católica e impunha disciplina religiosa para mim e minha irmã, eu acho muito bom ter disciplina, pois para tudo tem que ter disciplina e para crer não. Eu sou muito disciplinada para tudo, e a Romaria faz parte daquela disciplina que falei antes, por que eu não iria participar de uma coisa que é bom pra minha vida?! Vim agradecer à Nossa Senhora Medianeira por todas as graças que tive durante minha vida, e vou voltar todo ano pois é muito bom, vim umas 32 vezes, e o que é mais importante que agradecer?

Após essa conversa, já estava na hora de eles fazerem o passeio, ajudei umas senhoras a subirem no ônibus. A senhora que organizou a excursão perguntou se eu queria ir junto com eles

até a Catedral, pois o motorista não sabia ao certo como chegar até lá, prontifiquei-me tão logo recebido o convite, com intuito de aproveitar o trajeto para conversar com mais algumas pessoas. Conversei com um casal que me contou que resolveu vir com essa excursão, pois viram que era uma senhora que já fazia há muitos anos essa excursão e principalmente por ser uma pessoa idônea e não visar lucro nenhum com ela. Ele tinha vindo à Romaria da Nossa Senhora Medianeira há 57 anos e a sua esposa há 54 anos. Naquela época, eles vieram de Maria Fumaça, agora vieram para recordar aquele tempo. A senhora contou que tem um irmão muito crente na Nossa Senhora Schoestant, eles conheceram a capela dessa Nossa Senhora em Santa Cruz do Sul, em Porto Alegre, e faltava a de Santa Maria. Aproveitaram essa vinda para fazer isso também, por ele, já poderiam voltar no sábado para casa, mas pretendiam participar da procissão no domingo e da missa campal. Disseram que é um dom de Deus ter fé, e que há uma idade em que muitos não participam desse tipo de evento, mas que a semente já havia sido plantada e um dia ela germinaria. Disseram que frequentam regularmente a Igreja e que iriam à Romaria da Madre Paulina. Vieram para agradecer por tantas bênçãos e para recordar.

Ao chegar à Catedral, despedi-me deles, alguns entraram na Igreja, outros foram passear no calçadão e umas três senhoras dirigiram-se aos camelôs que se localizavam em frente à Catedral. Como já estava próximo da hora que havia combinado com o recepcionista do hotel, dirigi-me até lá. Ao chegar, fui informada que a excursão não havia chegado do passeio da tarde, pediu que aguardasse um pouco. Enquanto aguardava, passou um casal pelo *hall* do hotel e questionei-os se estavam em Santa Maria por causa da Romaria, responderam-me que sim, ele era a segunda vez que vinha e sua esposa a primeira vez, a motivação para virem também foi a fé. Disseram frequentar assiduamente a Igreja Católica, e justificaram a importância da Romaria da Nossa Senhora Medianeira pelo fato de ela ser a maior Romaria do Estado. Uma senhora de Cidreira disse que conheceu a fama de milagreira da Nossa Senhora Medianeira com sua tia, e depois da sua cura, frequentou praticamente todos os anos a Romaria. Naquele ano, em especial, foi agradecer pela saúde de seu marido.

[...] é a 10ª vez que venho, uma tia minha falô da Nossa Senhora Medianeira para mim quando eu ia fazê uma cirurgia, disse que eu pedisse à Nossa Senhora Medianeira e se fosse bem na minha cirurgia viria na Romaria, e isso foi em 1996, não vim apenas 1999 e num outro ano que coincidiu com feriadão. Mas ano passado o meu marido teve uma isquemia no final de outubro, na 1ª tomografia que fez o neurologista acho que ele estivesse com câncer no cérebro, daí eu fiz uma promessa que se não fosse câncer eu entrava de joelho na Basílica, essa promessa eu paguei hoje. Recebo muitas graças, vim agradecer e pedi novamente. Só quem vem pode sentir aquilo que a gente sente.
(senhora de Cidreira-RS)

Conversei com um casal de Porto Alegre, o senhor disse vir para acompanhar a filha e a esposa e compartilhar a fé com os demais romeiros.

É a terceira vez que estamos vindo na Romaria, viemos por questão da nossa fé, para compartilhar convicções, não frequentamos regularmente a Igreja, eu venho pela fé da minha mulher e de minha filha que está chegando agora, por isso venho junto, para compartilhar a fé junto com outras pessoas.
(casal de Porto Alegre-RS).

Uma moça que estava chegando ao hotel com seus pais relatou que considerava uma tradição em sua família a participação na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, bem como na da Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre. Vieram à Romaria para agradecer as suas conquistas e pedir proteção.

Eu acompanho os meus pais faz uns 4 anos, mas a minha família vem há muitos anos na Romaria. Nós viemos para Romaria da Nossa Senhora Medianeira por sermos muito devotos, eu considero uma tradição de família a vinda pra Romaria, algo que é passado de geração em geração. Frequentamos a Igreja do Carmo em Porto Alegre-RS regularmente, frequentamos também a Romaria de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre-RS. A importância da Romaria, para mim, é uma forma de agradecimento às conquistas e pedi proteção para o próximo ano.
(moça de 18 anos)

Entrevistei a senhora responsável pela excursão vinda de Palmares do Sul-RS, contou-me que soube através de uma amiga que a Nossa Senhora Medianeira era muito milagrosa. Vinham, inicialmente, apenas na madrugada de domingo para a Romaria, até ela e sua filha decidirem organizar uma excursão que chega no sábado, podendo dessa forma descansarem no hotel. Elas são motivadas pela fé e cientes dos benefícios acarretados pela organização dessa excursão, pois o lucro que retiram dela é a isenção do custo das suas viagens, entre transporte e hotel.

Faz uns 20 anos que eu venho na Romaria de Nossa Senhora Medianeira, vim porque fui convidada porque era muito bom, e ela era milagrosa, as primeiras vezes que viemos era muito sacrificado, não que a Nossa Senhora não merecesse, mas ficávamos a noite inteira viajando e chegávamos as 5 da manhã na Igreja, agora fazem 14 anos que eu e a minha filha fazemos excursão pra cá, e agora nós contratamos um hotel e viemos sábado de manhã pra Santa Maria, saímos as 4 da manhã e as 11 estamos chegando aqui, frequento regularmente a Igreja e sou até do apostolado da oração, faz uns 20 dias que nós fomos numa romaria em Santo Antônio, lá havia um “povarél, povarél” e também tava um calor. Nós temos sempre que agradecer a Nossa Senhora Medianeira que fez muita coisa, muito milagre, toda noite eu rezo, as 10 horas tem um terço na Rede Vida e as 11 tem na Canção Nova, as 5 horas tem a novena do pai eterno, as 6 o terço. Olha meu terço chega tá lustroso de tanto que eu rezo, também rezo por

tudo, rezo pelos vizinhos, rezo até pelo que não vão na Igreja. A importância da romaria ela é de uma força incrível, como é bom como eu me sinto bem é uma maravilha, não tem graça que eu não peça que a Nossa Senhora Medianeira não me atenda, eu peço pelas pessoas que não vem, que não rezam e mesmo assim eu sou atendida. A Romaria Nossa Senhora de Medianeira não perco por nada nesse mundo, a distância não é problema já que são 400km, mas eu venho sempre. Em dezembro passado, eu tive um AVC e ainda não estou muito bem, mas mesmo assim eu venho e irei acompanhar a procissão amanhã. É muito bom isso aqui, desde o ano que eu conheci, eu nunca mais faltei, eu venho sempre mesmo que as vezes não tenha dinheiro, dou um jeito e arrume emprestado, pago com cheque pré-datado, depois eu pago.

(senhora de Palmares do Sul-RS, organizadora da excursão para a Romaria).

Enquanto fazia as entrevistas, passou pela frente do Hotel a carreta carregando o quadro da Nossa Senhora Medianeira, da Igreja do Bairro Itararé para a Catedral Diocesana, onde partiria na manhã seguinte à Basílica. Como a Padre Bertilo já havia comentado comigo, havia poucos carros acompanhando-a. Já que muitos romeiros da Romaria da Nossa Senhora Medianeira consideram realmente válida a participação na Procissão, sendo essa uma forma de pagamento de suas promessas ou agradecimento de suas graças alcançadas, a novena que antecede a Romaria é conhecida e/ou valorizada por poucos.

2.2 Enfim chegou o Grande Dia: a Romaria da Nossa Senhora Medianeira

No dia 8 de novembro de 2009, data da Romaria da Nossa Senhora Medianeira, fui as 04h30min da manhã para a Basílica da Medianeira, tive o cuidado em escolher a roupa que usaria, optei por calça legging, casaco de abrigo e embaixo uma camiseta branca com o seguinte dizer: “*gentileza gera gentileza*”, não escolhida por acaso. Não pretendia destoar dos demais, num evento desse tipo, é ponto comum as pessoas vestirem-se de maneira confortável, já que muitos permanecem muitas horas longe de suas casas. Qualquer pessoa vestida de maneira mais formal chama bastante atenção, e esse em definitivo não era o meu intuito durante a realização do meu trabalho. Fiz cinco crachás com o logotipo da UFSM, com o nome e logo abaixo escrito pesquisador, para mim e para quatro colegas que me auxiliaram na aplicação de alguns questionários durante a Romaria. Não fiz uso de prancheta, pois muitas pessoas ligam essa atitude à venda de algo, e não oportunizam a aproximação, acabei considerando o seu uso inapropriado para a pesquisa. Levei uma agenda e o gravador digital dentro da mochila.

A Basílica estava muito bonita, com luzes indiretas refletidas nas paredes externas. Na avenida em frente já tinha poucas barraquinhas abertas vendendo comida, um dos motivos deveria ser o pequeno fluxo de pessoas na Basílica naquele horário.



Foto 1: Vista da Basílica as 4h e 30min. Fonte: arquivo pessoal

Conversei com um rapaz de 19 anos de idade que estava tirando algumas fotos em frente à Basílica antes da 5h da manhã, contou-me que era evangélico, mas que foi ali para tirar fotos já que tinha gostado da decoração. Ele estava trabalhando e recém tinha chegado em casa, esta localizada nas redondezas da Basílica e justificou sua presença ali por ser apaixonado por fotografia e aproveitou aquele horário devido ao pouco movimento para poder tirar umas fotos. Considera-se um turista na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, ele contou que a Romaria influencia em sua rotina devido ao transtorno causado pelo trânsito. No dia da Romaria, muitas ruas ficam interrompidas, mas no resto não interfere em nada, pois ele acredita que cada um tem o direito de escolher a religião que quer seguir.

[...] se acha que aquela é a religião certa, beleza. Eu, por exemplo, acho um desperdício, mas se a pessoa achar que serve, tudo bem, sou da Igreja Quadrangular, e venho para olhar as pessoas, que tem cada figurinha na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, não tem como não vir assistir, ainda mais que moro aqui perto. Muitos amigos meus dizem que me veem aqui, mas também, eles querem o quê, se moro aqui do lado.

(rapaz, 19 anos).

Falei rapidamente com um senhor, pois a missa das 5 da manhã estava iniciando. Ele tinha 52 anos de idade, vinha há 10 anos à Romaria da Nossa Senhora Medianeira, disse-me que vinha porque Medianeira ajuda-o em todos os seus pedidos. Contou não frequentar assiduamente a Igreja, mas a ida à Romaria era muito importante em sua vida de cristão, daí a motivação da sua caminhada de 24 km percorridos a pé, em que ele e seus amigos fizeram desde as 2 da manhã. Assistiram a primeira missa, depois voltaram de ônibus para casa no Distrito de Arroio Grande (pertencente a Santa Maria). Esse senhor começou a tradição de ir caminhando para a Romaria da Nossa Senhora Medianeira e, com o passar do tempo, foi convidando seus amigos para irem junto. Atualmente, são nove amigos que vão a pé, e a Romaria, para esse grupo de amigos, resume-se nessa caminhada e ao ato de assistir à primeira missa na Basílica.

Fiquei caminhando em frente à Basílica, aguardando a chegada das excursões de outros municípios. Muitos passavam rapidamente por mim, não me oportunizando chegar próximo a eles, e dirigiam-se direto para dentro da Basílica para assistir à missa que acontecia. Outros passavam rapidamente simplesmente pelo fato do receio de serem assaltados ou importunados. Em sua grande maioria, foram entrevistas curtas, em torno de 1 minuto, as pessoas respondiam através de monossílabos e saíam rapidamente. Os que mais davam sinais de disponibilidade e aceitação de uma aproximação para a realização dos questionários eram pessoas pertencentes às classes populares. Em quase totalidade responderam-me iam à Romaria por causa da fé, e também em agradecimento à Nossa Senhora Medianeira às preces atendidas, demonstrando a sua “fama” de ser milagreira.

É a 1ª vez que venho na Romaria, sô de Rio Pardo, do interior - Bexiga, a minha esposa vem todo ano. Eu fiz uma promessa, pois fiz um exame e deu uma dúvida daí disseram que eu fosse em frente do hospital e rezasse para a Nossa Senhora Medianeira [pois havia uma imagem dela lá]. Eu fiz uma promessa que se eu fizesse outro exame e desse negativo eu viria junto com a minha esposa na Romaria de Nossa Senhora Medianeira. Parei na frente da Santa e rezei. Vamô seguido na Igreja, inclusive temô uma Associação de Agricultores e todo mês tem missa lá eu e a esposa que organizamo a missa, limpamo o galpão, o padre vai para lá toma café e tudo com a gente. A religião é muito interessante para cada um de nós, eu acho que tem que ter fé nas coisa, como eu tenho na religião Católica.
(senhor de 75 anos).

Vim umas cinco vezes na Romaria, eu venho porque tenho muita fé na Nossa Senhora Medianeira, tudo que eu peço sô atendida, tanto para mim como pro meus filho, vou regularmente na Igreja. Eu fui em Aparecida, lá é tudo muito lindo e maravilhoso praticamente otro mundo. A importância da Romaria não tem como expressar com palavras, é uma coisa que a gente vê as pessoa demonstrando aquele amor e aquele carinho por Nossa Senhora Medianeira, e se as pessoa tem esse carinho por ela é porque ela dá o que as elas pedem. Eu acho que esse é maior sentido para as pessoa é a fé, pois a fé remove montanhas, para mim tanto a Nossa Senhora Medianeira como a

Aparecida e a Navegantes não existe igual. Pois quando eu encontrei a religião foi incrível, já que antes eu não dava bola pra nada, depois que eu encontrei a religião nada me separa mais dela. Quando a minha filha tinha 12 anos, ela saiu de casa daí eu me apeguei com Nossa Senhora Medianeira e consegui tudo aquilo que eu desejava que era a volta de minha filha para mim.

(senhora de Pelotas-RS, terminou o depoimento chorando)

Sou natural de Bagé, mas moro em Pelotas, acompanho a Procissão desde jovem, e todos os anos nós fazia excursão de gente conhecida e ia no santuário no dia 25 de outubro no dia de Nossa Senhora Conquistadora, e sempre que tenho oportunidade vô em todas as procissões que existem no Estado da Igreja Católica. No ano passado, no dia do trabalhador, dia da romaria da terra aqui, sempre que fazem excursão e pretendo voltar sempre que puderem. Eu e minha esposa só não podemos vir uns 4 anos devido a doença dela, tirando essas vez viemô sempre na Romaria Nossa Senhora Medianeira. Não vô muito na Igreja, pois não gostava do Bispo, mas agora trocou daí eu vou vê se começo a ir mais na missa. A parte da pessoa ser católico e crente e fazê oração e ver aquelas pessoas que são necessitadas, e junto com os padres, bispos que conhecem o irmão ou a irmã necessitado de alguma coisa para a gente estendê a mão, e como nossa vida é curta temô que olhar pela aquela criatura que está mal, às vezes não tem nem comida daí deve-se reparti aquilo que tem. Fazê uma obra de caridade e está sendo gentil e católico, e demonstra amor por si e pelos seus semelhante, para os outros que não tem uma oportunidade de trabalho, por isso eu venho para Romaria, pois assim eu demonstro como é ser católico e ter fé. Mesmo aquelas pessoa que não podem vir aqui pessoalmente, quando olham pela televisão em casa é mesma coisa. Tudo que se faz tem que ter fé, pois não tendo, mesmo tomando água essa fará mal, tem que crê na natureza que Deus fez.

(senhor de Pelotas com 68 anos).

Esse senhor demonstrou uma espécie de “relação comercial” com a Nossa Senhora Medianeira, na qual ele faz o pedido, é atendido, e vai à Romaria para pagar a promessa, e sente-se dessa forma quite, ou seja, sem nenhuma “dívida pendente”, finalizando assim a sua relação com a santa. Isso até quando houver um próximo problema no qual recorrerá a Nossa Senhora Medianeira solicitando a sua intersecção.

É primeira vez que venho na Romaria Nossa Senhora Medianeira, vim para pagá uma promessa, Ela me ajudou. Vou seguido na Igreja, não fui em nenhuma outra Romaria. Essa Romaria é importante para mim porque Nossa Senhora Medianeira me ajudou, mas não sei se voltarei de novo, pois venho apenas pagar uma promessa. (senhor de 50 e poucos anos)

Após essa primeira sessão de entrevistas na Basílica, dirigi-me para a Catedral Diocesana, já eram 06h15min da manhã, já havia muitas pessoas chegando. A missa estava praticamente lotada depois das 7 horas, muitas pessoas dirigiram-se para o Salão Paroquial, onde estava sendo vendido café da manhã para os Romeiros, com preços relativamente acessíveis, R\$ 3,50, sanduíche e café com leite. Dentro do salão paroquial, à direita de quem entrava, havia uma mesa comprida com bandejões com lanches prontos, e muitos voluntários

com as camisetas de 100 anos de Diocese de Santa Maria e da Nossa Senhora Medianeira. Em frente, havia mesas feitas com uma madeira retangular e cavaletes, cobertas com toalhas brancas e em volta da mesa havia cadeiras de plástico brancas. Durante o café, optei por não conversar com ninguém. Porém, ao sair desse salão, reiniciei minhas entrevistas.

Uma senhora de Bagé contou-me que era a quarta vez que ia à Romaria, ela disse que ia pela fé, pelas promessas atendidas, ela se emocionou ao falar sobre isso, considerando tudo isso uma coisa maravilhosa. Relatou que não ia todos os domingos à Igreja, contou isso com um tom de quem estivesse confessando, justificando sua ausência com os compromissos, com o fato de cuidar dos seus netos. A importância da Romaria para ela é a união entre as pessoas, as pessoas ficam mais unidas, uma pessoa conta um problema, outra quer dar uma palavra e ela conta que também passa por isso, dessa forma, passa pelo menos uma força, e isso acontece, segundo ela, na hora da procissão e do café da manhã na Catedral.

Depois falei com um senhor que aparentava ter pouco mais de 40 anos, de São Sepé -RS, disse participar há mais de 10 anos, ele vinha por ser muito devoto da Nossa Senhora Medianeira, e tudo que ele pedia, ele alcançava, anualmente seu pedido era saúde. Naquele ano ele foi à Romaria junto com a sua mãe e levou também a sua filhinha, de 3 meses de vida. No ano anterior, pediram a gravidez, mas sua esposa não sabia que já estava grávida na época, com 3 semanas de gestação. Como ocorreu tudo bem, a filha nasceu perfeita e com saúde, ele foram agradecer. Para ele, a importância da Romaria é a realização da oração anualmente, ele disse crer muito nela. Relatou que iriam embora antes do meio-dia, pois iam à Romaria, realizavam suas orações, acompanhavam a procissão até a Basílica, depois voltavam para casa.

Nós somos de São Borja, é quarta vez que viemos na Romaria Nossa Senhora de Medianeira. Viemos, pois consideramos uma Santa milagrosa, a gente vem rezar fazer pedido, pagar promessa. Pedimos pela saúde de toda família. De vez em quando, vamos antes que sai a procissão, porque na hora da procissão dá aquele entrevero de gente. Vamos regularmente à Igreja, participamos da Romaria que tem em Uruguaiana. A importância da Medianeira é que tudo que pedimos, ela nos ajuda.
(Casal com mais de 60 anos e a filha, estavam sentados numas cadeiras de abrir em frente ao salão do café da manhã).

Estava em frente à Catedral, aguardando a saída da imagem de Nossa Senhora Medianeira. Neste momento, já tinha muitas pessoas aguardando a saída da procissão, muitos policiais militares fizeram uma corrente humana ao redor das escadas da Catedral e na rua em frente para abrir espaço para a saída do quadro da Nossa Senhora Medianeira para a camionete da Brigada Militar. Essa camionete estava toda enfeitada com laços de papel em tons de azul e flores artificiais, estacionada em frente à Catedral à espera do quadro.



Foto 2: Camionete da Brigada Militar enfeitada para receber o quadro Fonte: arquivo pessoal

Sorri para uma senhora e ela retribuiu-me, cheguei perto dela e me apresentei. Ela contou-me como a Nossa Senhora estava presente em sua vida, pois disse que considerava Maria como Mãe de Todos. Ela demonstrou-se extremamente devota, relatou que era ministra da Eucaristia, e sempre que possível participava de alguma romaria. Contou como a Nossa Senhora protegeu o seu filho de ser morto numa ação contra assaltantes.

[...] é a terceira ou quarta vez que venho na Romaria de Nossa Senhora Medianeira, sou de Uruguaiana, da Paróquia de São Miguel, mas as vezes que vim anteriormente sempre saí “fugida”, já que sempre chovia e eu não vinha prevenida. Essa é a primeira vez que pego céu limpo, eu vim por ser católica praticante, sou ministra de eucaristia, e devota de Maria de todos os nomes, então dentro do possível, onde tem Romaria eu lá estou. Eu acho que a Romaria de Nossa Senhora Medianeira uma Romaria que congrega, que atrai, porque Maria é realmente a mãe de tudo que tem, mãe de todos que não tem mãe, principalmente desses, penso nela como uma maternidade muito intensa, essa devoção à mãe humana e à mãe divina é muito importante e tudo me atrai para segui-la. O meu filho é devoto de Maria de todos os nomes, ele trabalha em São Francisco de Paula. Quando ele retornava do almoço estava ocorrendo um assalto, os bandidos perceberam o carro da polícia passando, voltaram e metralharam o carro, o colega dele que vinha na direção tinha dois celulares no bolso, perfurou ambos e os destroços adentraram no aparelho digestivo do colega, meu filho levou o colega no hospital. E como havia reféns, era uma quadrilha furiosa, pertencia ao Seco [conhecido bandido assaltante de bancos do estado] o meu filho voltou. Ele tem como hábito carregar Nossa Senhora Aparecida dentro da gola da camisa, a Mãe Peregrina dentro da carteira. Ele levou 10 tiros de metralhadora, fuzil, estava apenas com uma pistola “furreca” que o governo concede para seus oficiais, ele levou tiro apenas na coxa e no pé, perdeu uma parte do pé. Fora isso não houve nada com ele, e todas as pessoas que estavam lá e viram como ficou o carro disseram que o que aconteceu com ele foi um milagre. Fazem três anos disso, e hoje ele está caminhando que ninguém percebe que ele tem uma falta no pé.

(Senhora de Uruguaiana com 65 anos).

Tentei pegar o maior número de depoimentos, antes que começasse a Procissão, pois, durante essa, achava inconveniente abordar as pessoas para conversar. A grande maioria das pessoas que eu conversei tinha ido à Romaria no máximo dez vezes e, em muitos casos, iam pagar promessas feitas para Nossa Senhora Medianeira. Eram moradores do Estado do Rio Grande do Sul, não consegui entrevistar nenhum estrangeiro, nem moradores de outros Estados brasileiros. A motivação da grande maioria dos participantes era a fé na Nossa Senhora Medianeira, como bem tinha dito Padre Silvio em sua conversa comigo no dia anterior. Relembrei o momento em que eu perguntei a ele se era “apenas” isso que motivava as pessoas, e ele riu e respondeu que a “fé é tudo”.

Falei com duas senhoras de mais ou menos oitenta anos de idade, irmãs, de Porto Alegre, que vieram com a filha de uma delas, ambas estavam numa espécie de andador. Uma delas era a primeira vez que participava, foi trazida pela sua irmã, que participa há mais de 30 anos. Essa que veio pela primeira vez, disse que tinha vindo recém agora, pois antes não tinha condições de caminhar, mas que agora com aquele andador que sua irmã havia lhe dado, conseguia permanecer mais tempo em pé. Assistiram uma missa no sábado, já estavam cansadas, mesmo tendo caminhado apenas uns 50 metros, iriam de carro até a Basílica e lá assistiriam a missa das 10h. Disseram-me que pretendiam ir embora só na segunda-feira. Informaram frequentar regularmente a Igreja, e assistir muito pela televisão, além disso, relataram que foram criadas

em escola de freira, ou seja, já frequentaram muitas missas durante a vida. Segundo elas, a importância da Romaria é a fé delas, pois consideram que quem não tem fé, não tem esperança, já que sem fé não adianta ter esperança.

Uma senhora que estava com sua filha adolescente contou que a sua família veio morar em Santa Maria para fazer cirurgia em sua filha mais nova, essa tinha câncer. Eles eram “papeleiros” e hoje tinham seu próprio negócio e sua filha estava bem, ou seja, tudo melhorou em suas vidas. Vieram pagar uma promessa, mas pretendiam voltar todo ano à Romaria.

Uma moça que estava com sua filha de 4 anos de idade vestida de anjo, contou que isso foi uma promessa feita por sua mãe, se sua filha sobrevivesse, iria à Romaria durante sete anos com ela vestida de anjo e carregada no colo em todo o trajeto da Procissão. Já um casal disse acreditar nos milagres da Nossa Senhora Medianeira, os quais começaram a perceber mais nitidamente com o nascimento de sua filha, que agora tinha 4 anos de idade.

Moro aqui em Santa Maria, é primeira vez que venho. Faz dois anos que minha família mora aqui, vim para pagar uma promessa para uma filha que está ali. Ela teve que fazer uma cirurgia no coração, na verdade ela teve que fazer 3 cirurgias, fiz uma promessa que se ela se salvasse, já que o médico disse que era muito difícil, viríamos pagar a promessa. Minha filha hoje está bem forte, bem curada, está fazendo as quimioterapias. Nossa família era de Porto Alegre e viemos fazer o tratamento na universidade. Vamos regularmente à igreja, de agora para frente pretendo vir em todas as romarias. A importância é que quando peço ajuda para a Medianeira ela me ajuda. Nós era papeleiros, e hoje temos um comércio, o meu esposo não veio, pois tinha que ficar com a minha filha menor, mas a vontade dele era estar aqui junto com nós.
(Senhora de aparentemente quarenta anos)

Somos de Cachoeira do Sul, é o quarto ano que viemos. Viemos, pois fizemos uma promessa pela minha filha, que nasceu prematura, e prometemos que, se ela sobrevivesse, viríamos todo ano com a ela no colo, até ela completar 7 anos de idade. Minha filha está muito bem graças à Medianeira. Nós vamos regularmente na Igreja, o que nos trás na Romaria é a nossa fé.
(Moça de pouco mais de 20 anos, que estava com sua mãe e com uma criança de 4 anos vestida de anjo).

Somos de Santa Maria, depois que a minha filha nasceu, há 4 anos, começamos a vir mais na Romaria. O que nos trás aqui é porque acreditamos nos milagres de Nossa Senhora de Medianeira, pois pedimos com fé e o milagre está ali [apontando para criança]. Vamos na medida do possível na Igreja, mas temos muita fé na Medianeira e para mim não tem nada como a fé.
(Casal de aparentemente vinte anos, com sua filhinha vestida de anjo no colo).

Nessas entrevistas transcritas acima, observei que esses romeiros haviam participado poucas vezes da Romaria da Nossa Senhora Medianeira, esta não fazia parte de um hábito presente em seus calendários anuais.

Esse casal da citação abaixo pretende, com sua participação na Romaria, adquirir um pouco mais de espiritualidade em suas vidas, já que há tantos romeiros que creem fervorosamente, acreditam que através desses momentos de *communitas* que ocorrem na Romaria isso também possa ocorrer com eles.

Somos de Santa Maria, é segunda vez que viemos na Romaria. Estamos aqui, pois consideramos que precisamos de um pouco de espiritualidade, já que nem vamos regularmente na Igreja. A importância da Romaria de Medianeira é adquirirmos um pouco de fé, pois a fé está muito difícil, pois essa tem-se ou não, mas creio que possamos adquiri-la.
(casal de cinquenta anos).

Entrevistei diversos romeiros, os quais disseram que independente da distância que tivessem que percorrer, frequentavam há pelo menos vinte anos a Romaria. Alguns já residiram em Santa Maria, porém, muitos nunca, e mesmo assim esses romeiros aderiram a esse ritual da Romaria através de sua participação na Procissão e na missa campal, tudo isso veiculado ao mito envolta da Nossa Senhora Medianeira, vista como uma santa milagreira. Muitos veem a Romaria como um momento de fortalecimento de sua fé, mesmo com todos os imponderáveis da vida real, não deixam de acreditar que tudo irá melhorar. É uma ocasião de renovação de suas crenças, e de manter a tradição de família.

Vemos na Romaria de Nossa Senhora de Medianeira desde quando me conheço por gente, é que o nosso pai, falecido há mais de 30 anos, nos trazia na Romaria. Viemos pela nossa fé, frequentamos a Basílica de Medianeira, e vamos também na Romaria da Nossa Senhora da Saúde. A importância da Medianeira é continuar fortalecendo a nossa fé, e principalmente eu estou em pé graças a minha fé, pois eu perdi um filho fazem dois anos e só a minha fé mantêm.
(Duas mulheres de uns quarenta anos).

Nasci em Formigueiro, mas moro no interior de Itaara, todos os anos há mais de 40 anos eu participo. Eu faço promessas para Nossa Senhora Medianeira que é muito milagrosa, e todos os pedidos que eu fiz sempre são atendidos. É meio difícil eu ir na Igreja, pois é muito longe do centro a minha casa, mas quando posso eu vou. A importância da Romaria, não sei nem como dizer, eu gosto muito de participar.
(senhora de mais ou menos sessenta anos).

A Romaria da Nossa Senhora Medianeira, para esses romeiros, passa a ser um local de agradecimento e pagamento de promessas. Nesse momento relembra fatos vivenciados há décadas atrás nas outras vezes em que participaram da Romaria, esta também foi um local onde fizeram muitas amizades.

Venho na Romaria de Nossa Senhora Medianeira desde quando tinha uns treze anos, e desde lá venho todo ano. Sempre venho para agradecer, mas esse ano eu vim fazer um pedido para ela, consegui um apartamento do PAR. Eu sempre faço a procissão descalço, é um meio de agradecimento, mas além de agradecer eu vô pedi esse ano. Vô todo domingo na Igreja, é uma renovação de fé todo ano eu renovo a minha fé vindo na Romaria.

(Senhora de quarenta anos)

Sou engenheiro químico, natural de Porto Alegre, comecei frequentar a Romaria quando eu estudava aqui na Universidade Federal. Venho para agradecer, pedir e o que me motiva é a minha fé, não vou na Igreja regularmente. Conheço vários santuários no mundo inteiro, mas que eu me lembre não fui em nenhuma outra Romaria. Venho na Romaria por eu ser católico e a fé que eu tenho, essa é a maior importância da Romaria de Medianeira.

(Senhor de pouco mais de quarenta anos).

Pertencia ao grupo de escoteiros ligado ao Ciclo Operário de Porto Alegre, onde o Padre Valle dava assistência espiritual muito grande. Sou muito grato a isso e à Romaria da Nossa Senhora Medianeira por tudo que recebi. Sinto saudades do tempo que vinha à Romaria de trem - Maria Fumaça - na minha juventude para participar da Romaria. Naquela época, a infraestrutura era outra é lógico, mas se superava tanto que estou há 66 anos participando da Romaria da Nossa Senhora Medianeira.

(senhor de 77 anos).

Há 41 anos participo da Romaria, uma vez antes de vir morar aqui vim de excursão e parei no Hospital de Caridade, daí fiz amizade com as freiras e arrumei um emprego para vir morar aqui em Santa Maria. Venho na Romaria mais para agradecer do que para pedir, eu alcanço tudo o que peço, pois é a Medianeira de todas as graças. Eu tenho um irmão que estava separado há 9 anos da esposa e de tanto eu rezar e pedir eles agora estão se reconciliando graças à Nossa Senhora Medianeira. Eu frequento a Igreja Católica regularmente dia de semana e nos domingos também. Considero a Romaria como o ponto da fé, porque se peço no ano inteiro e no dia da Romaria é o ápice dos pedidos e dos agradecimentos do ano todo, todo ano as graças, as preces que eu peço e agradeço ainda mais nesse ano que é do centenário da diocese.

(Senhora de 65 anos, natural de Chapada - RS).

Perdi as contas que quantos anos venho à Romaria, o que me trás aqui é a fé, para passear, e conhecer outras pessoas, fazer amizades. Frequento Igreja regularmente, vou na Romaria de Cachoeira do Sul. A importância da Romaria é a minha fé, e agradecer as graças, pagar promessa que são sempre atendidas.

(Senhora de 46 anos de Cachoeira do Sul - RS)

Durante a procissão, dei uma pausa nas entrevistas, observei mais atentamente as pessoas. A grande maioria vestia roupas confortáveis, como abrigos, calças *leagging* e camisetas, essas de todas as cores, porém, predominando as das cores claras. Não era um grupo homogêneo, uns percorriam o caminho rezando conjuntamente o terço, que estava sendo rezado pelos padres e transmitido via alto-falante, outros simplesmente caminhavam silenciosos, mas também havia muita conversa paralela, risos, pareciam estar fazendo um passeio turístico.

Contudo, todos convivendo harmoniosamente, os mais fervorosos não se incomodavam, pelo menos aparentemente, com os que estavam conversando. Nesse instante consegui visualizar essencialmente a “*communitas*” espontâneo e imediato de Turner (1974, p.161), para ele, consistia em uma relação entre os indivíduos concretos, históricos e idiossincráticos, mais especificamente, a “*communitas*” existencial e espontânea, ou seja, aquela considerada o fugaz momento que passa e o perdão mútuo dos defeitos de cada um. O tipo de “*communitas*” desejado pelos participantes da Romaria, em especial durante a procissão, não é uma camaradagem aprazível e sem esforços que pode surgir entre amigos, mas uma experiência transformadora que vai até as raízes do ser de cada pessoa, e encontra nessas raízes algo profundamente comunal e compartilhado (Ibidem, 1974, p. 169). Turner, referindo-se a São Francisco de Assis, considerava a religião uma “*communitas*” entre o homem e Deus, e entre os homens entre si (1974, p.178).



Foto 3: A Procissão saindo do túnel Evandro Beher. Fonte: arquivo pessoal.

A liminarietà ocorrida durante esse momento é um tempo e um lugar de retiro dos modos normais de ação social, podendo ser encarada como um momento de potencial exame dos valores e axiomas centrais de cada indivíduo (TURNER, 1974, p.202). Por mais que eu

quisesse caminhar mais à frente em alguns momentos, isso era difícil, pela quantidade de pessoas na procissão, não havia muitos espaços vagos onde eu pudesse andar mais livremente. Em muitos momentos eu fui observada, pois andava com uma agenda nas mãos anotando as impressões captadas, e isso chamava bastante atenção das pessoas, e ao invés de eu passar despercebida e observar acabava sendo observada, mesmo que fosse “de canto de olho”. Mais de 60% dos participantes eram de classes populares, pude perceber isso através de suas vestimentas, do modo de conversar, enfim dos sinais distintivos observáveis externamente entre as classes. O gosto então, enquanto conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou grupo, funciona como operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, possibilitando que as diferenças de ordem material se convertam em diferenças de ordem simbólica e vice-versa (BOURDIEU, 2007, p.166).

A procissão passa por uma loja de produtos religiosos, entretanto, seu público alvo são os participantes das religiões afro-brasileiras, pois vende imagens de santos sincréticos, como Ogum, Oxum, Iemanjá, Xangô, Oxossi e também imagens dos Pretos Velhos, além de baralho cigano, velas, guias, dentre outros artigos. Muitos participantes da procissão entraram na loja, alguns de modo muito discreto, observando atentamente seu entorno e adentrando rapidamente na loja. Já outros pareciam nem se importar com os olhares e opiniões dos demais, paravam na porta de entrada e olhavam para dentro da loja, depois de observar os produtos disponíveis, decidiam entrar. Em uns participantes da procissão, percebia-se nitidamente que eram participantes das religiões afros, pois usavam camisetas e calças brancas e uma guia de proteção no pescoço. No Brasil esse trânsito religioso (ALMEIDA & MONTERO, 2001), ou seja, as rápidas idas e vindas dos indivíduos entre as diferentes denominações, não é algo raro de ocorrer. Esse trânsito religioso fixado no fluxo das pessoas entre as diversas denominações religiosas, em especial durante algum rito, mostra-nos a maneira de ser religioso no Brasil, ou seja, aquela em que se transita entre as religiões e a consciência religiosa de cada indivíduo não acusa nenhuma incongruência cognitiva. Esses indivíduos circulam entre as diversas alternativas através de um movimento dialético, fluindo entre os símbolos religiosos.

Nasci em Manuel Vianna, mas moro em Santa Maria, faz doze anos que eu moro aqui, e essa é a 3ª vez que eu participo da Romaria. Eu estava bem deitada em casa, e daí comecei a pensar que vem gente de toda parte para Romaria, e daí fiquei com vergonha e resolvi vir. Não vou regularmente na Igreja, a importância da Romaria é que no fundo no fundo sempre se tem uma fé, no final é a fé mesmo, só que as vezes o relaxamento não me deixa frequentar mais. Uma vez eu até pensei em vir ajudar fazer doces, mas as minhas dores nas pernas não me permitiram.
(Senhora de cerca de 50 anos).

Sou de Manuel Vianna, eu perdi as contas de quantas vezes já vim, mas acho que mais de 10 vezes. Venho para fortalecer mais a minha fé, eu não vou regularmente à Igreja, pois sou adepta do Seicho no iê, importância da Romaria é que se as pessoas participassem mais, mas com coração, acho que o mundo não estaria assim, ele seria mais humanitário, assim Deus tocaria mais no coração das pessoas e talvez a humanidade pare um pouco de brigar e ter mais fé, acreditar no irmão.
(Senhora de aproximadamente quarenta anos).

Venho na Romaria da Nossa Senhora Medianeira para agradecer ter passado no curso, e por eu ser uma campeã hoje. É a terceira vez que eu venho na Romaria, vim, pois estou pagando promessa por sete anos, não vou regularmente na Igreja. Vim agradecer pela saúde da minha mãe, que os meus filhos e meus amigos estão tudo numa boa e eu quero agradecer a essa Mãe chamada de Nossa Senhora Medianeira, pois o que ela fez na minha vida foi incrível, pois eu sou de religião. [Nesse instante ela começa a chorar]. Eu choro por emoção e por alegria e devoção por Deus, pois foi graças a Nossa Senhora Medianeira que eu consegui dar a casa para a minha mãe, eu não quero sofrer preconceito por ser um travesti, pois eu posso ser travesti, mas sou um ser humano como qualquer outro. Agradeço a essa Mãe por tudo, por ter conseguido a minha casa em Santiago e também a casa da minha mãe. Eu passei por muito preconceito, mas venci-o, e hoje eu sou a Dona G. Eu adoro crianças e meu sonho é tratar de crianças com câncer. [Chorava e agradecia para a Nossa Senhora Medianeira por mais um ano que ela venceu].
(Travesti de 34 anos)

No momento em que estava chegando na Basílica, já havia um grande número de pessoas que retornava para suas casas, muitos com produtos comprados nos camelôs. Como já era do meu conhecimento, muitas pessoas realizavam apenas a Procissão, e a Romaria da Nossa Senhora Medianeira, para estas pessoas, resume-se nisso. Consideram cumprida suas “dívidas com a santa”, já que realizaram o pagamento de suas promessas, ou o contrário, em outros casos, é a santa que está em “débito” com eles, já que efetuaram o pagamento da promessa antes mesmo de alcançar a graça desejada. Ao chegar à Basílica, por volta das 10 horas e 30 minutos, havia uma multidão de pessoas, que nem os olhares mais treinados em antropologia conseguiriam diferenciar o romeiro do peregrino, ou este do turista. Exceção aqueles que já estavam fazendo compras nos camelôs em frente à Basílica. Esta não se encontrava tão bonita como estava durante a madrugada, já havia muita sujeira no chão, não havia espaços vagos na rua a sua frente, tanto a rua como as calçadas estavam completamente tomadas por ambulantes. Mesmo com todas as caixas de som espalhadas nos postes de luz transmitindo a missa campal, ficava difícil de escutá-la, devido aos gritos dos ambulantes anunciando seus produtos.

A missa campal das 10 horas ocorre sempre no Parque Medianeira, localizado ao lado da Basílica. Os diversos Padres e Bispos ficaram no altar monumento, localizado no meio do Parque, tendo sua frente voltada à Basílica. Quase toda a extensão do Parque estava coberta por gramíneas e algumas árvores, mas como havia chovido no dia anterior, o barro estava presente

em toda parte, não tinha como escapar de sujar pelo menos os sapatos. Durante a missa campal, havia uma maior dispersão das pessoas, as filas dos sanitários, em especial o feminino, estavam alcançando quase o salão paroquial, onde os voluntários estavam vendendo os doces, pastéis e cachorro-quente.



Foto 4: durante Missa Campal, muita distração perto do bar. Fonte: arquivo pessoal.

Parei, por um curto período de tempo, com as entrevistas durante a missa campal, até avistar uma tia de uma amiga minha de infância, que é natural de Santa Maria e muito fiel à Nossa Senhora Medianeira. Percebe-se a força que tem a tradição na participação da Romaria, o quão importante e valorizada ela é, essa mulher atribui todas as benesses vividas à Nossa Senhora Medianeira.

Venho há uns 40 anos, pois venho desde muito pequena. Estou com toda a família aqui, meu esposo, minha filha, minha irmã e meu cunhado, e claro quem iniciô esse hábito em nós foram meus pais, ambos estão com oitenta e poucos anos. Eles vêm há pelo menos uns 50 anos. Nós viemos porque Nossa Senhora Medianeira está conservando meus pais e todos nós com saúde, paz e amor na família. Vamos regularmente na Igreja, o mais importante da Romaria é a fé, a união da família, já que viemos todos juntos para cá.
(Senhora de 44 anos, Santa Maria).

Realizei mais algumas entrevistas antes de ir almoçar em casa para poder deixar meu casaco, descansar um pouco e organizar melhor meus pensamentos. Depois da conversa, transcrita abaixo, que tive com uma senhora, constatei que, mesmo que os acontecimentos não ocorressem como o desejado, os fiéis não perdiam a sua fé nem a oportunidade de ir agradecer a Nossa Senhora Medianeira.

Participo da Romaria da Nossa Senhora Medianeira desde quando eu me conheço por gente, desde pequena venho. Faltei no máximo uns três anos, eu não estava aqui na época da Romaria por motivo de trabalho, mas sempre que eu posso, eu participo. Eu venho pela minha fé, para agradecer, para pedir proteção para o ano inteiro, religiosidade. Não vou regularmente a Igreja. A Romaria me acalenta, ainda mais nesse ano que foi atípico, perdi muitas pessoas, mas mesmo assim eu venho agradecer, pois é assim que é o ciclo da vida, temos que ter noção que estamos aqui de passagem. Todos os anos eu fazia um pedido, de saúde sempre, porém nesse ano eu vim só agradecer. (Senhora de 53 anos, de Santa Maria, que terminou a entrevista com os olhos cheios de lágrimas)

Em frente à Basílica, encontrei uma Senhora, esposa do secretário municipal do planejamento urbano. Todas as vezes que a vi sempre estava bem arrumada, e naquele momento a vi de calça de abrigo e camiseta, muito diferente das suas vestimentas diárias.

Venho na Romaria Nossa Senhora Medianeira por amar essa Mãe e acreditar que onde ela está Deus sempre se faz presente, e que as maravilhas que Ele fez na vida Dela também faça na nossa. Vou regularmente à Igreja, participo de um grupo de oração que se reúne todas as quintas na Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim. A Medianeira é início de toda essa caminhada, que um dia eu acredito que chegaremos a esse Reino. O sim Dela nos trouxe o Cristo para nos ensinar que é caminho, a verdade e a vida e graças ao sim dessa mulher extraordinária, e para mim Maria é aquele caminho que aponta para o Cristo Ressuscitado, não é um Cristo Morto na cruz. (Senhora de pouco mais de cinquenta anos, de Santa Maria)

A partir dessa entrevista, percebi que apenas conseguiria me aproximar das pessoas das classes mais abastadas se as conhecesse anteriormente, pois, caso contrário, elas não estavam dispostas a serem receptivas à minha aproximação, e caso insistisse, elas davam um jeito de afastarem-se rapidamente, não me dando chance nem de mostrar minha carta de apresentação do curso. Inicialmente, considerei esse fato um grande problema, ou melhor, um grande lapso em minha pesquisa, já que estava entrevistando apenas pessoas de classes populares. Depois percebi que realmente eram essas pessoas que estavam mais dispostas a falar e contar suas experiências, em especial, as de cunho religioso. Pelo fato de essas classes muitas vezes serem reféns de um sistema falido, onde lhes falta quase tudo, em especial acesso à saúde, procuram a cura de

muitos de seus problemas na Nossa Senhora Medianeira. Ela acaba sendo responsável pelos mais diversos setores da vida desses fiéis, por alcançar as mais variadas graças, recebendo como “recompensa” a constante presença desses pagadores de promessa durante a Romaria.

Para alguns fiéis, a Romaria da Nossa Senhora Medianeira transpõe o simples pagamento de promessas, para tornar-se uma espécie de obrigação em participar, mesmo admitindo o quão prazerosa ela é.

Faz uns trinta anos que venho na Romaria Nossa Senhora Medianeira, e quando vim a primeira vez, pedi umas graças e fui atendida. Daí, cada vez que eu retorno, peço mais e novamente sou atendida. Vou regularmente na Igreja e fui também na Romaria de Cachoeira do Sul ano passado. A Romaria Nossa Senhora Medianeira é uma obrigação na minha vida, chega ano eu tenho que vir, parece obrigação, mas eu gosto muito de vir.

(Senhora de 45 anos de Paraíso do Sul)

Alguns participantes da Romaria não sabiam ao certo que tipo de denominação melhor lhes representava: se a de romeiro, peregrino ou turista. Como foi o caso de um entrevistado, pois ao mesmo tempo em que dirigiu-se à Romaria para pagar promessa, tinha o intuito de observar a fé do povo, como se após o pagamento de sua promessa ele deixasse de fazer parte daquela massa de “pagadores de promessa” e tornava-se um observador da fé do povo. Dessa forma, durante a Romaria pode-se observar diferentes formas de explicitar as religiosidades presentes numa mesma pessoa, a qual não considerava nenhuma contradição em dizer que ia para pagar promessa e também observar a fé do povo.

Vim umas três vezes na Romaria Nossa Senhora Medianeira. Venho por causa das promessas que fiz, fazer mais promessas e cumprir as feitas. Vou regularmente na Igreja da Linha Quarta em Silveira Martins. Venho observar a fé do povo e procurar ter paz no espírito.

(Senhor de pouco mais de cinquenta anos, Pinhal Grande-RS)

Vim já umas dez vezes na Romaria, venho agradecer as graças alcançadas. Vou uma vez por mês na Igreja, a importância da Romaria da Nossa Senhora Medianeira é agradecer e pedir mais pouco para pagar na próxima romaria. Eu venho, participo das missas, dou uma olhada nos camelôs, saio um pouco de casa, considero uma espécie de turismo também. Eu gosto muito de Santa Maria, minha mãe é natural daqui, desde pequena venho para cá, gosto bastante daqui e também um pouco para vir rezar, e na minha cidade não tem algo assim grandioso. Espero vir no ano que vem agradecer o que pedi hoje, acho que a Romaria está cada vez melhor e maior.

(Jovem de 22 anos de São Gabriel-RS)

Há os fiéis que, por estarem na terceira idade, acabam procurando mais a religiosidade, em especial aquela na qual foram criados, consideram ter encontrado o numinoso como descrito

por Otto (2007). O numinoso, para Otto (2007), seria um aspecto ativo e experiencial da vivência religiosa e essa categoria se aplica quando o numinoso se manifesta no indivíduo e encontra eco na experiência vivida, sensações provocadas pelo sagrado nos indivíduos, manifesta-se de uma forma simples, mas complexa, através do *mysterium tremendum et fascinans*.

Venho na Romaria da Nossa Senhora Medianeira toda vida, sou daqui de Santa Maria. Venho por hábito e depois pela fé, pois conforme a idade vai chegando, a pessoa apela, né. Sou católica apostólica romana frequentadora. A Romaria é muito importante, pois quem pede com fé e devoção alcança os pedidos possíveis, pois nem tudo Ela pode alcançar. Mas Nossa Senhora Medianeira “nunca me deixou a pé”. Eu participo da procissão e, se possível, vou na novena de manhã. Venho também de tarde na benção da saúde.

(Senhora de 65 anos)

Venho na Romaria direto há uns 5 anos, eu vinha depois parei. Eu venho, porque acho que tenho que procurar já que minha família não procura. Vou regularmente na Igreja, é muito importante como fortalecimento da minha fé, para arranjar forças para seguir a jornada.

(Senhora de 62 anos de São Sepé-RS)

Retornei para a Basílica as 14 horas, o trânsito nas ruas próximas estava interrompido. Havia muitos flanelinhas nas ruas transversais e nas paralelas a Avenida Medianeira, e alguns policiais militares a cavalo organizando um pouco o trânsito, que nessa hora estava um tanto caótico, pois essas ruas próximas são muito estreitas e incapazes de suportar o tráfego em duas mãos. Após alguns bons minutos tentando estacionar, consegui chegar novamente à Basílica. Encontrei alguns entrevistadores da pesquisa da Prefeitura Municipal realizando entrevistas, inclusive, até antes do meio-dia, a Secretária e o Secretário Adjunto do Turismo do Município estavam numa barraca montada pela Prefeitura Municipal na entrada do Parque Medianeira.

Nessa hora as pessoas estavam mais dispersas do que pela manhã, pareciam mais descontraídas, muitos aparentavam estar passeando. O movimento dos ambulantes em frente à Basílica era grande, eles realmente vendiam de tudo um pouco, artigos corriqueiros presentes em mercados informais, e até mesmo animais de estimação, tais como: cachorros, hamsters e coelhos.

Muitos romeiros entravam e saíam de dentro da Basílica durante a realização das missas. No Parque Medianeira, muitos idosos aguardavam a missa das 15 horas em suas cadeiras de abrir. Essa Missa é dedicada à benção da saúde.

Venho todo ano na Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Venho, pois considero a Santinha milagrosa, gosto muito dela. Eu venho de uma família católica e acredito que a fé Nela me ajudará a melhorar. Participo de toda procissão, antes como eu trabalhava não ia muito na Igreja, agora me aposentei tenho mais tempo daí vou mais. O meu filho é mórmon, e minha mãe queria muito que ele fosse padre, a minha filha teve que se operar da vesícula e tivemos que se mudar de São Gabriel para cá, para ter recursos para tratar da doença dela.
(Senhora de 74 anos)

Participo da Romaria da Nossa Senhora Medianeira há 25 anos. Eu venho porque a Romaria representa uma coisa muito boa na minha vida, eu acredito muito nos poderes Dela. Não vou regularmente na Igreja. A importância da Romaria é muito grande por tudo que ela fez na minha vida e de minha família, eu pretendo voltar enquanto tiver saúde para isso.
(Senhora de 65 anos de Santa Maria)

Eu já participei algumas vezes da Romaria da Nossa Senhora Medianeira, mas não sei ao certo de quantas. Venho motivada pela minha fé, eu tenho muito a agradecer a Nossa Senhora Medianeira. Sou católica, mas não praticante, vou na Romaria Nossa Senhora Desadora dos Nós, feita na zona sul de Porto Alegre. A importância da Romaria, a considero uma maneira de agradecer a Deus pelas graças alcançadas.
(Senhora de 71 anos, moradora de Porto Alegre)

A Romaria também se torna um acalanto para muitos jovens, principalmente às vésperas do vestibular. Alguns levam velas para pagar promessas na Capela da queima de velas. Conversei com uma estudante proveniente de Porto Alegre, que morava atualmente em Santa Maria para estudar, estava na fila da Capela de queima de velas com uma vela do tamanho dela.

Pretendo vir todos os anos, fiz uma promessa e minhas preces foram atendidas. Vou regularmente na Igreja, e a importância da Romaria da Nossa Senhora Medianeira é que para mim ela muito boa, um presente, tem-se que achar uma forma de retribuir o que recebi. Eu me sinto bem vindo na Romaria.
(Jovem de 19 anos)

Após as 17 horas, o movimento diminuiu drasticamente, muitas excursões já haviam ido embora, muitos romeiros sentados pelas escadas e nos muros da Basílica, alguns até mesmo no chão do Parque Medianeira, com aparência de cansados, mas realizados com o dia que passaram envolvidos na devoção à Nossa Senhora Medianeira. Alguns neófitos na participação da Romaria estavam maravilhados, que ali puderam conversar com Deus e perceber que ainda há muita fé existente nas pessoas.

É a primeira vez que venho, primeiramente eu tinha objetivo de visitar uma amiga minha que está muito doente, em segundo lugar para conhecer, já que eu nunca tinha estado aqui na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, e os comentários eram

maravilhosos. Eu cheguei de manhã e irei embora agora. Vou regularmente na Igreja. Achei a Romaria uma coisa maravilhosa, onde se pode conversar com Deus diretamente e avaliar a vida da gente, avaliar o que é a vida e o que somos aqui nessa vida terrestre, tão pequenos diante de algo tão grandioso.
(Senhora de São Martinho da Serra-RS)

É a primeira vez que venho na Romaria, tinha muita curiosidade de vir conhecer. Frequento regularmente a igreja e vou todo ano na Romaria de Cachoeira do Sul. O que mais me chamou atenção foi a quantia de gente que participa da Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Vou voltar novamente ano que vem para a Romaria, pois gostei muito.
(Senhora de cerca de cinquenta anos, de Cachoeira do Sul-RS)

É a primeira vez que venho a Romaria, estou achando maravilhoso uma benção a Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Vim agradecer a minha cura, frequento regularmente a Igreja e sou líder dos idosos, a única Romaria que participei é essa pois eu fiz promessa para Nossa Senhora Medianeira e vim para agradecer. A importância da Romaria é me fortalecer espiritualmente, agradecer e pedir que nunca mais fique doente como estava.
(Senhora de 42 anos, de São Gabriel-RS).

É a primeira vez que venho na Romaria, estou gostando muito. Tenho como objetivo as muitas graças que espero alcançar, vim pelo religioso mesmo. Frequento a Igreja Católica, a importância da Romaria é alcançar graças para vir de novo agradecer.
(Senhora de 68 anos de Caçapava do Sul-RS).

Na missa das 18 horas, a última celebração do dia, levaram a imagem da Nossa Senhora Medianeira, que estava no altar monumento, para dentro da Basílica, indicando dessa forma, o final de mais uma Romaria. Esse momento foi acompanhado por um número relativamente pequeno de fiéis, os camelôs em frente à Basílica estavam com movimento maior que esse ritual do retorno da imagem para o seu lugar, mostrando-se ser um evento, pelo menos nesse momento, mais profano do que sagrado em si.



Foto 5: Retorno do quadro da Nossa Senhora Medianeira para a Basílica Fonte: arquivo pessoal

2.3 A Segunda Romaria

Tentarei fazer um relato coerente de uma sequência de acontecimentos, com significado e direção, conforme sugere Bourdieu (2000). Acordei às 04h15min do dia 14 de novembro de 2010 para ir à Basílica com intuito de conversar com o grupo de amigos que vinham do Distrito de Arroio Grande a pé, como fiz no ano anterior. Porém, como estava muito sonolenta, não consegui banhar-me, acordar meu noivo, enfrentar o friozinho que fazia de 13°C e tomar café rápido o suficiente para pegá-los antes que iniciasse a primeira missa do dia na Basílica da Nossa Senhora Medianeira. Vesti a camiseta branca escrita “gentileza gera gentileza” - mensagem que ultrapassa a sublimariedade - como já tinha feito no ano anterior, meu noivo levou-me até a Basílica e de lá à Catedral. Ele foi incumbido de tirar as fotos da Procissão baseado no que havíamos conversado sobre o que pretendia retratar nessas fotos. Tomei tal atitude tendo em mente as leituras feitas sobre Margaret Mead (MINAYO, 1994) quando se referia à importância de treinar um grupo para ajudar na realização do trabalho de campo, em especial, quando esse campo ocorre em apenas um dia, como a Romaria, onde eu não conseguiria estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Cheguei à Basílica as 05h02min. e a missa já havia iniciado, para minha tristeza, não consegui falar com ninguém. Tinha três jovens rapazes em frente, no lado esquerdo, num canto muito escuro, dando risadinhas e fumando, em definitivo, aquilo não passou uma boa impressão, pois, pelas suas atitudes, não estavam ali para rezar, e o que poderia estar protelando qualquer acontecimento era a presença de dois policiais militares na porta de entrada da Basílica e um carro da Polícia com quatro policiais na esquina.

A Basílica não estava bonita como no ano anterior, em que aquelas luzes indiretas que a iluminavam a deixavam com uma beleza ímpar. Percebi um maior número de banheiros químicos. A missa das 5 horas da manhã foi rezada pelo Padre Bertilo - o Reitor da Basílica da Medianeira - estava presente um maior público que no ano anterior. Muitas pessoas chegaram atrasadas para essa primeira missa, pois era 05h15min e ainda havia pessoas entrando para participar. Havia um cinegrafista filmando a missa. No posto localizado na calçada em frente da Basílica, havia barraquinhas de lona branca vendendo lanches em toda sua extensão, e nesse horário a metade delas já estavam com vendedores que ficaram durante toda madrugada vendendo seus lanches, tais como: cachorro-quente, pastel, pizza, xis, crepes. Esses vendedores fazem parte do projeto Cooesperança da Irmã Lurdes, e participam da Romaria há pelo menos oito anos nesse mesmo local.

As 05h45min começaram chegar os ônibus de excursão na Basílica, muitas pessoas já se dirigiam em grupo a pé para a Catedral, e muitos já haviam parado na Catedral vindo apenas os ônibus para o estacionamento que há atrás do Parque Medianeira. Conversei com quatro seminaristas do Seminário São José que estavam sentados nas escadarias da Basílica, me disseram que foram para participar como coroinhas da missa das 6 da manhã. Contaram-me um pouco sobre o Seminário São José, onde há atualmente 14 seminaristas, todos pretendiam se tornarem padres, pelo menos os que eu conversei, e pelo que consegui observar apenas através de seus estereótipos, são todos de descendência germânica ou italiana. Já havia uma fila que chegava até a porta da Basílica para tocar na imagem da Nossa Senhora Medianeira.

Conversei com um taxista que estava em frente à Basílica, que confirmou que realmente na Romaria o movimento aumentava, mas mais para os taxistas com pontos nos entornos da Basílica e da Catedral. Comparou o aumento do movimento com a época do vestibular, e esse movimento permanecia até o final da missa campal, e após a bênção da saúde, as 15h, depois desse horário, havia uma diminuição drástica das corridas, considerado por esse taxista como “*certo aspecto perigoso ficar no ponto*” em frente à Basílica. Comentou que das 05h30min até as 8h havia movimento dos romeiros que chegavam com as excursões e queriam se dirigir à Catedral. O seu ponto de táxi localizava-se ao lado da Galeria do Comércio, e desde a sexta-

feira, dia 12/11/2010, conseguia perceber as pessoas que “*são de fora*” de Santa Maria, pois andavam em dupla ou em grupos maiores, olhando para os lados com sacolas das Lojas Enny (Loja tradicional de calçados de Santa Maria). Esse taxista, como trabalhava sozinho no carro, estava desde a sexta de manhã trabalhando, tirou apenas alguns cochilos no ponto de táxi mesmo.

Uma moça chegou com sua mãe e com sua irmã um pouco antes do início da missa das 6h, cumprimentei-as e simpaticamente obtive resposta, permitindo-me, dessa forma, ir conversar com elas. Apenas uma das filhas conversou comigo, contando-me que faziam três anos que vinham à Romaria, desde quando vieram morar em Santa Maria, eram naturais de Caçapava do Sul-RS. Gostavam de ir à missa nesse horário, pois nela não havia tanto tumulto e porque, após a missa, elas ainda tinham disponibilidade de tempo para se dirigirem ao seu apartamento, tomar café para seguirem a caminhada até a Catedral, depois retornavam com a Procissão e iam para casa. Ela relatou que era técnica em segurança do trabalho e estava desempregada há meio ano, mas não perdia a sua fé e considerava um momento do ápice de sua vida como católica a participação da Romaria. Considera a Romaria como um momento de agradecer o ano que passou e pedir novas graças para o vindouro. A diversidade dos motivos e a gravidade em que são expressos demonstram uma variada convicção da fé na Nossa Senhora Medianeira e nos rituais que a reverenciam. Muitos romeiros, motivados ou não por milagres alcançados, peregrinam à Basílica anualmente, sem interrupção.

Próximo das 6h, chegou à Basílica um conhecido meu com um colete idêntico ao do cinegrafista que estava filmando a missa das 5h. Ele disse-me que estava trabalhando para uma produtora de Santa Maria, ajudaria a filmar a Romaria visando à realização de um documentário intitulado “Alegoria da Fé”. Conversou muito rapidamente comigo, pois tinha que achar um grupo de romeiros que estava pré-determinado para filmar.

Logo em seguida, chegou outro moço, com o mesmo colete de cinegrafista, não segurei minha curiosidade e fui conversar, quando soube que ele era o Fabiano, diretor do documentário. Disse sempre ter chamado muito a sua atenção a grandiosidade da Romaria, até que veio a idéia de produzir um documentário sobre ela, que seriam apenas imagens de missas e da procissão, e a voz de alguns personagens escolhidos previamente. Um desses personagens era Joãozinho, que ele soube através de uma amiga que trabalha no Jornal Diário de Santa Maria, do Grupo RBS, filiada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. Joãozinho é um senhor mineiro de Belo Horizonte, cego, que vem há 26 anos sozinho na Romaria, dependendo exclusivamente dos olhos dos outros. Quando Fabiano me falou desse senhor, achei uma meta a ser cumprida naquela Romaria, achar o Joãozinho e conversar com ele para saber o que o motivava vir de tão

longe para a Romaria de uma santa que não é muito conhecida fora do Estado do Rio Grande do Sul. Conversei mais um pouco com Fabiano, fiquei sabendo que ele pretendia lançar esse documentário em abril de 2011. Ofereci a ele carona para ir à Catedral, agradeceu-me e disse que a van estava vindo buscá-lo.

Bem como minha Professora Orientadora havia me dito, o campo me diria o que precisaria para esse ano, pois estava decida que não queria fazer aquela quantidade de entrevistas feitas no ano anterior. Uma por considerar que não me dariam uma noção do macro, outra por ter me deparado com poucas pessoas dispostas a conversar comigo de forma mais reflexiva e, acima de tudo, a falta de tempo que teria para transcrever todas aquelas entrevistas. Claro, sem esquecer a minha artrose no quadril, que me acompanha intensamente desde o final de 2009, não me permitindo planejar uma jornada muito exaustiva, mesmo medicada com muito anti-inflamatório, sabia que a minha dor não me deixaria ir muito longe. Pretendia algo mais específico como uma pequena história de vida, perpassando as motivações iniciais e as atuais de um romeiro, acreditava que através dessa forma conseguiria ilustrar melhor o que é ser realmente um romeiro da Nossa Senhora Medianeira.

Ao estacionar em frente à Catedral, uma das coisas que mais chamava atenção era a ausência dos camelôs, que por muitos anos fizeram parte de um cartão-postal não muito bem quisto de Santa Maria, esses foram retirados em junho do corrente ano da Avenida Rio Branco. Havia poucos carros estacionados na rua em frente à Catedral, mesmo com o movimento intenso de pessoas se dirigindo a ela, mas nada que não fosse esperado, mesmo sendo apenas 06h40min. Muitas pessoas levavam flores para colocarem junto ao quadro da Nossa Senhora Medianeira, outros levavam objetos para encostar na santa, e algumas mulheres entravam de joelhos e de pés descalços dentro da Catedral com flores nas mãos para levar até o quadro da santa. É justamente esse quadro que sai em Procissão até a Basílica, por isso a ânsia dos romeiros em tocá-lo e ali depositar suas flores. De acordo com Cipriani (1988), a utilização de um símbolo nunca é fortuita e a escolha de um determinado ícone como sinal de comunicação expressa em geral uma vontade de diálogo sem intermediários, entre população e instituições. Os símbolos são amplamente compartilhados na cultura popular e estão presentes de maneira difusa nas atividades predominantemente sociais.

Os símbolos são estimuladores e motivadores de estados internos dos participantes, provocando modificações na ação dos participantes frente a uma nova visão da realidade criada pelo ritual. Símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo. Esses símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro. As

atividades religiosas nos induzem a duas espécies de disposições: disposição e motivação. As motivações são “tornadas significativas” no que se refere aos fins para os quais são concebidas e conduzidas, enquanto as disposições são “tornadas significativas” no que diz respeito às condições a partir das quais se concebe que elas surjam. Interpretam-se os motivos em termos de sua consumação e as disposições em termos de suas fontes (GEERTZ, 1989).

Enquanto estava na porta decidindo se entraria para observar a missa que estava chegando ao final, ou se iria tomar café no salão paroquial com os romeiros, percebi que entrava na Catedral, com ajuda de um rapaz, um senhor, medindo em torno de 1,65m, cego, de calça jeans clara e casaco azul marinho de tãctel. O rapaz que o conduzia solicitou ajuda de outro que estava na entrada distribuindo folhetos, “*por favor moço, ajuda o Joãozinho sentar*”. Bom, quando eu escutei aquele nome, tive certeza que era a pessoa que eu estava procurando. Acompanhei com os olhos onde haviam deixado ele sentado, fiquei receosa de perdê-lo de vista, ainda mais que, a cada momento transcorrido, a Catedral lotava mais.

Esperei terminar a missa das 6h. No início da missa das 7h, comecei andar pelos corredores para tentar localizá-lo e dar um jeito de conversar com Joãozinho. Andei nos dois corredores laterais, inclusive pedi ajuda para outro moço que também distribuía os folhetos da Romaria, porém não conseguimos localizá-lo. Então, esse moço foi perguntar ao seu colega que havia conduzido Joãozinho até o banco, onde havia deixado-o sentado. Enquanto aguardava, interpelei um dos cinegrafistas do documentário produzido pelo Fabiano e questionei-o como o Joãozinho fazia a procissão, pois, por um breve momento, pensei que ele fosse de carro com alguém e esperasse perto do altar monumento o início da missa das 10h, ele respondeu-me que o Joãozinho ia todo ano caminhando encostado na porta da camionete da Brigada Militar, sendo essa a sua guia até a Basílica. O moço que solicitei ajuda veio me contar que o Joãozinho havia pedido que fosse levado para os bancos próximos ao altar, em frente ao quadro da Nossa Senhora Medianeira, e lá fui eu, pedindo licença e me enfiando para conseguir chegar mais próximo possível da ponta do banco dele, fiquei do lado oposto de onde ele tinha sentado, e foi ali que permaneci até as 07h50min quando terminou a missa.

Ao final daquela missa, dirigiram-se ao altar homens vestidos com trajes típicos gaúchos (bota, bombacha, guaiaca, camisa, lenço e chapéu na mão) com as bandeiras do Rio Grande do Sul, do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) e uma com a imagem da Nossa Senhora Medianeira. Contaram que foi pedido para os organizadores do ENART (Encontro de Arte e Tradição Gaúcha), que ocorreria naquele mesmo final de semana na cidade de Santa Cruz do Sul-RS, que transferissem o Encontro para o final de semana subsequente, permitindo assim a participação dos tradicionalistas na Romaria da Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul.

Contaram que houve um comprometimento dos organizadores do ENART para que não houvesse mais a coincidência com a Romaria, pois não era intuito dividir os gaúchos e sim permiti-los a participar de todos os eventos que envolvam a tradição do Estado. Segundo Odila Savaris (vice-presidente Cultural do MTG), o ENART acontecia no segundo final de semana de novembro, e passou a ser realizado, a partir de 2009, no terceiro final de semana para não coincidir com a festa da Padroeira do Rio Grande do Sul, já que ambos fazem parte do calendário cultural do Rio Grande do Sul. A proposta foi apresentada pelo então Coordenador Regional, Sr. Erival Bertolini (atual Presidente do MTG) e pela Sr^a. Dinara Paixão, da cidade de Santa Maria. Esta alteração do regulamento foi produzida numa Convenção Tradicionalista composta pelo Conselho Diretor, pelo Conselho de Vaqueanos (ex-presidentes do MTG), pela Junta Fiscal, por Conselheiros Beneméritos e por Coordenadores Regionais, que aprovaram esta alteração.

Já havia uma fila gigantesca de pessoas para encostar no quadro da Nossa Senhora Medianeira, pois, em pouco tempo, sairia em Procissão à Basílica. Foi justamente essa fila que praticamente tornou-se “uma pedra no meu caminho”, pois ninguém permitia minha entrada, acreditando que eu poderia ser mais uma pessoa na fila para tocar na Santa, até que de tanto eu explicar que apenas queria ir para o outro lado da Catedral, alguns permitiram que eu pudesse atravessá-la. Após uns minutos de muito receio de perder Joãozinho novamente de vista, consegui chegar perto dele, que estava vindo de trás do altar com um senhor. Chamei-o e o senhor que estava com ele perguntou-me se eu poderia levá-lo até a camionete da Brigada Militar, nem acreditava que, entre milhares de romeiros, conseguia, naquele momento, conversar com aquele senhor.

2.4 O Personagem da Romaria

Enfim, consegui conversar com aquele que tinha se tornado minha missão primordial nessa Romaria, pretendia entender um pouco das suas motivações para vir de tão longe mesmo com todas as dificuldades decorrentes de sua deficiência visual, mesmo eu estando ciente das palavras de Bourdieu (2000), quando alertava para os riscos da *ilusão biográfica*: a ilusão da singularidade do biografado frente às experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes à mesma geração. Eis, que eu estava no corredor lateral da Catedral levando o Joãozinho para junto da camionete da Brigada Militar. Apresentei-me a ele, contei como havia sabido da sua presença em Santa Maria desde o início da novena móvel até o dia da Romaria.

Eu venho há tanto tempo porque eu gosto daqui, eu gosto de Santa Maria, gosto de Nossa Senhora tenho carinho por ela, e a devoção que me dá muita força, coragem, alegria de viver, motivação, um monte de coisa boa. Fazem 26 anos que participo, venho sozinho, ou melhor é Nossa Senhora e Deus que me acompanham.

A partir desse momento, em especial, tinha que estar informada da alteridade presente na singularidade do discurso êmico traduzida por mim, uma aprendiz de antropóloga na pesquisa, tema este do qual não se pode afastar a produção/construção do conhecimento antropológico em suas bases mais profundas (ECKERT e ROCHA, 2001).

Fiquei emocionada com o carisma daquele senhor e com sua fé. Esta imersão numa “outra cultura” me exigia uma postura ética-moral, ou seja, um grau da tal neutralidade axiológica, um tanto difícil naquele momento em que tudo conspirava para ser tocante/emotivo, até as canções e orações transmitidas via autofalantes. E por incrível que possa parecer, eu estava conseguindo abrir caminho entre aquela multidão de pessoas que se aglomeravam em frente à Catedral e chegar próximo de onde havia o cordão de policiais militares.

Ao chegar até o cordão feito pelos policiais, estes não estavam querendo deixá-lo entrar para parte interna do cordão de forma alguma, mesmo com todos os argumentos possíveis Joãozinho estava sendo impedido de entrar. Aquela situação da irredutibilidade dos policiais começou me dar um desespero, pois via que o Joãozinho estava com os olhos cheios de lágrimas e os policiais diziam que não iriam abrir exceção para ninguém. Mesmo explicando que fazia 26 anos que ele percorria a Procissão ao lado da camionete, eles diziam que entraria somente pessoas autorizadas, ou seja, políticos, os guardiões, bispos, padres e coroinhas. Exemplificando o que Da Matta (1980) constatou, tanto com as festas de Igreja quanto com as festas de santo no Brasil, nas quais o foco é a procissão. Esse rito da festa do santo, em geral, é iniciado com uma missa, depois ocorre a procissão, onde a imagem do santo sai de um santuário para outro, e termina com uma festa no adro da Igreja onde foi depositada a imagem. Nessa festa vendem doces, bebidas e objetos sacros. Além disso, a própria procissão teria características conciliadoras, pois seu núcleo é formado por pessoas que carregam a imagem do santo, e estas pessoas estão rigidamente hierarquizadas: são as autoridades eclesiásticas, civis e militares, e esse grupo de privilegiados é seguido por um conjunto desordenado de todos os tipos sociais: penitentes que pagam promessas, aleijados que buscam alívio para seus males, homens normais que apenas demonstram sua devoção ao santo. Isso também foi observado na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, em que as autoridades locais, dentre elas, políticos, padres, bispos, estavam ao lado da imagem da Nossa Senhora Medianeira, enquanto os demais tipos sociais percorriam a Procissão distantes da imagem.

Até que enfim passou o Fabiano filmando de dentro do cordão, chamei-o e disse que os policiais não estavam permitindo a entrada do Joãozinho, que ele chamasse alguém para ajudar. Enquanto o Joãozinho implorava para os policiais, dizendo que até o prefeito da cidade tinha permitido que ele fosse ali ao lado da camionete, naquele momento apareceu o Guardião Possobon e falou com os policiais, explicando-os que o Joãozinho sempre participou e ia ali com a imagem da Nossa Senhora Medianeira, conseguindo, dessa forma, a permissão para sua entrada. Despedi-me do Joãozinho e perguntei onde ele ficaria na Basílica, ele disse que ficava próximo ou no Altar Monumento. Esta é uma plataforma circular, construída no Parque Medianeira destinada às grandes celebrações litúrgicas.

Conforme Eckert e Rocha (2001), o método etnográfico aponta para uma ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização, onde o tema da interpretação desponta como central. Guardadas as divergências teórico-analíticas, trata-se de toda uma geração de antropólogos que priorizaram o ponto de vista do "outro" compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Um dos problemas das aprendizagens do *métier* do antropólogo, precisamente, é saber resolver as suas próprias contradições na configuração da sequência dos acontecimentos contingentes observados em campo, numa ordem compreensiva do mundo das ações humanas, onde a linguagem é lançada fora de si mesma, por sua veemência ontológica, uma vez que é através dela que a coerência interna de sua obra conjuga a experiência temporal de seu ato interpretativo, ou seja, tentar expor de uma maneira fidedigna os dados coletados, tentando manter a tão almejada neutralidade axiológica, mesmo sabendo que as conclusões alcançadas serão apenas mais uma interpretação das conversas realizadas, mais especificamente o meu próprio ponto de vista.

2.5 Início da Procissão

Quando consegui deixar o Joãozinho dentro do cordão, respirei mais aliviada, porém, como havia uma multidão de pessoas se aglomerando ali, não conseguia sair do lugar e, por mais que a cada momento me empurrassem mais em direção aos policiais, esse empurra-empurra vinha apenas de um lado, algo memorável era a da presença das caixas de som, localizadas há 2 metros de distância, com um som ensurdecedor. Ficou muito pior quando ocorreu a saída do quadro da Nossa Senhora Medianeira da Catedral, só pensava que realmente o tempo havia colaborado, pois estava com uma temperatura agradável e sem sol.



Foto 6: Uma visão parcial da aglomeração de pessoas ao redor do quadro. Fonte: arquivo pessoal.

No início da Procissão, ou seja, no momento em que a camionete que levava o quadro da Nossa Senhora Medianeira saiu, parecia, literalmente, como umas senhoras que estavam nesse instante do meu lado comentaram: “*parece que soltaram uma boiada*”. Não precisava nem fazer o esforço de caminhar, de tanto que as pessoas empurravam, era assustador, cuidava para não tropeçar para não cair. Algunsromeiros que estavam ao meu lado, indignados com aquilo, diziam que nem parecia estarem participando de um evento religioso, um momento de caminhada e reflexão, “*isso mais parece um bando de bichos*”. Um bispo e um padre foram os únicos que conseguiram passar entre a multidão próxima da Catedral, os privilegiados graças a sua função naquele ritual.



Foto7: As autoridades ao lado do quadro durante a Procissão Fonte: arquivo pessoal

Segundo da Matta (1980), a procissão reúne componentes da hierarquização da parada militar no seu centro, e os elementos da reunião polissêmica no seu conjunto, e como o desfile carnavalesco une o alegre e o triste, o sadio e o doente, o puro e o pecador e as autoridades e o povo. Os ritos seriam modos de dizer algo sobre a estrutura social, mas a partir de certo ponto de vista. São discursos diversos a respeito da mesma realidade, cada qual salientando certos aspectos críticos, essenciais da realidade. O discurso das festas religiosas mostra a estrutura social enfocada nos valores locais e universais. Há uma tentativa de conciliar o povo com o Estado através do culto ao santo, permitindo o encontro e a convivência dos diversos elementos da estrutura social sob a égide da Igreja, corporação que tem o monopólio das relações com o espiritual. As festas religiosas colocam lado a lado num mesmo momento o povo e as autoridades, sadios e doentes, santos e pecadores, que atualizam seu discurso através de uma sistemática neutralização de posições, grupos e categorias sociais. Os ritos são momentos especiais construídos pela sociedade, situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, sendo por ele programada.

Segalen (2002) diz que o rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. Os ritos são um conjunto de comportamentos

individuais ou coletivos relativamente codificados com um suporte corporal, verbal ou gestual com caráter repetitivo e forte carga simbólica. A essência do ritual consiste em misturar tempo individual e tempo coletivo. Por meio de sua dimensão simbólica, o rito possui eficácia em sua ação na realidade social. Essa definição abarca uma dimensão coletiva, ou seja, o ritual faz sentido para aqueles que o partilham, possui uma eficácia social, ordena a desordem, confere sentido ao acidental e ao incompreensível. Permite, dessa forma, dominar o mal, o tempo e as relações sociais.

“Pelo que dava para perceber”, aquele empurra-empurra nada mais era do que a ânsia dos romeiros de percorrerem a Procissão ao lado do quadro da Nossa Senhora Medianeira. Era praticamente impossível ficar mais de meia quadra ao lado dos mesmos romeiros, em especial no meio da rua, havia uma disputa muito grande por esse espaço, não que ele fosse mais agradável de percorrer, mas pela passagem da Santa acontecer justamente nesse local, uma espécie de *caminho santo*. Para Steil e Carneiro (2008, p. 121), “caminho” veicula e media o contato com algo externo, sobrenatural, mágico, transcendente, ao mesmo tempo em que permite um encontro consigo mesmo. O sagrado é buscado no próprio caminho a ser percorrido por cada peregrino, em sua experiência pessoal e coletiva. É no movimento, na ação e na percepção do ambiente que o peregrino encontra-se com o sagrado.

Os estabelecimentos comerciais, as farmácias - únicos estabelecimentos abertos nesse horário nas manhãs de domingo - baixaram as suas grades quando a procissão passou pela frente, seus funcionários ficaram em frente observando-a, demonstrando através de tal atitude um sinal de respeito com aquele momento, aquele ritual. Nas duas primeiras quadras, os romeiros permaneceram em silêncio, em sua grande maioria, ou rezando, como era solicitado aos romeiros via autofalantes colocados nos postes em toda extensão do caminho da Procissão. No caminho havia dois caminhões de som transmitindo as mesmas orações e saudações dos autofalantes, pediam reiteradamente para que os romeiros repetissem palavras de saudação: “*Viva a Nossa Senhora Medianeira*”, e os romeiros acenavam com seus lenços, panfletos, velas ou mesmo com a própria mão. Já no restante do trajeto, houve mais conversas paralelas, risos, pessoas falando no celular, alguns eram mais discretos, falavam baixinho e outros não se importavam com os que estavam ao seu lado e falavam altissonante chamando bastante atenção dos demais contíguos.

Turner mostra que nas romarias forma-se uma situação liminar na qual o indivíduo liberta-se das obrigações cotidianas e vive temporariamente um novo modelo de vida. “A romaria libera o indivíduo dos constrangimentos cotidianos obrigatórios de status e papéis, o define como um ser humano integral com capacidade de fazer escolhas livres, e dentro dos

limites de sua ortodoxia religiosa, lhe apresenta um novo modelo de vida, de fraternidade humana” (1974, p.107). Este estado de liminaridade que se encontra “no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial” (TURNER, 1974, p.117), permite, pois, a experiência da *communitas* que, segundo o autor, pode ser analisada a partir de três diferentes tipos. A primeira, existencial ou espontânea, resulta de um sentimento momentâneo de uma identidade coletiva e homogênea, como se os romeiros fossem, em determinados momentos, nos santuários, membros de uma irmandade. A segunda, normativa, relaciona-se à necessidade de organização e controle social de seus membros por meio de regras determinadas. A terceira, ideológica, refere-se a modelos e projetos utópicos baseados na *communitas* existencial. Para Turner, a *communitas* normativa é a predominante porque, nas romarias, a distância geográfica entre o lugar de origem e o santuário, além do grande número de participantes, compele à organização e à disciplina. Todavia, esta situação não elimina as regras da estrutura social, mas as simplifica.

Muitos romeiros estavam pagando suas promessas e/ou fazendo seus pedidos, percorriam o trajeto da Procissão de pés descalços, diferente do ano anterior em que havia pouquíssimos dessa forma. Esses romeiros pagadores de promessas eram compostos de um grupo heterogêneo, sem nenhum estereótipo pré-determinado, eles eram jovens, mulheres, homens, idosos e inclusive crianças. Além da presença de várias crianças sendo carregadas no colo vestidas de anjo, como todo ano observa-se, em sua esmagadora maioria, são crianças com idade inferior a sete anos de idade. Isso ocorre graças a promessas feitas pelos seus pais e/ou avós, pedindo saúde para elas, e a promessa de levar a criança vestida de anjo, caso a graça seja alcançada, geralmente é feita por sete anos. Cada um tinha o seu motivo pessoal para estar ali: pagar promessas, agradecer os pedidos que foram alcançados, superar obstáculos, manter a tradição da família. Ser romeiro é ser persistente, ter confiança que a cada passo estarão fortalecendo a fé. Essa beleza de expressão, demonstração de fé com a participação de classes populares e de classes abastadas, de crianças, mulheres, homens, mostra a diversidade de um povo que se molda. Para Shohat (2002), definições raciais, hierarquias étnicas, identidades de gênero e formas de pertencimento ligadas ao sexo são conjunturais e historicamente situadas, sempre se alterando, transmudando-se através de histórias e geografias. Esses romeiros estavam reunidos visando um fim último, a chegada na Basílica da Nossa Senhora Medianeira, e naquele momento da Procissão não eram relevantes as questões raça, etnia e gênero.

De acordo com Rosado-Nunes (2005, p.363), historicamente, os homens dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as

religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. Grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam. Através disso, pode-se verificar a importância do papel da religião em reiterar a construção social dos sexos.

Para Souza (2004, p.124), a religião, ainda hoje, exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que têm influência direta sobre as relações sociais de sexo. As representações sociais acerca do homem e da mulher, portanto, não podem ser entendidas sem lançarmos o olhar sobre elas e sobre suas implicações na construção social desse homem e dessa mulher. Se a religião não mais aparece como constituidora solitária das identidades, principalmente num contexto de identidades múltiplas e frágeis, ela ainda tem um papel importante nesse processo.

A grande maioria dos homens presentes na Procissão estavam acompanhados de suas filhas, namoradas ou esposas, enfim, havia uma presença feminina ao seu lado. Foram raros os homens participantes da Procissão que caminhavam sozinhos ou acompanhados de outros homens. Uma dessas exceções foi um senhor que aparentava ter uns 70 anos, que caminhava sozinho, de pés descalços, rezando e segurando, em suas mãos, santinhos impressos da Nossa Senhora Medianeira para distribuir para os que estavam ao seu lado. Tentei interpelá-lo querendo saber quantos anos participava da Romaria, se estava pagando promessa, mas ele apenas me respondeu “*a vida toda, toda vida, acredito muito Nela*”, sem me dar maiores detalhes, nem demonstrando muito interesse em conversar. Romeiros como esse senhor que, segundo ele, participa toda vida, ou seja, há mais de trinta anos, fazem questão de cumprir todas as práticas sagradas envolvidas na romaria. Acompanham a procissão, rezam durante o caminho, assistem à missa na Basílica e contribuem com oferendas à Igreja, isto também foi visualizado por Além (s.d.) em seu estudo feito no santuário da cidade de Romaria-MG.

Tentei permanecer o maior tempo possível no meio da rua, onde havia aquela disputa por esse espaço - o caminho santo – porém, a Procissão depois da terceira quadra começou a fluir mais rapidamente e, por consequência, a minha dor na perna não suportou aquele ritmo, somado ao meu receio de ser empurrada e tombar. Dirigir-se até a calçada era algo relativamente fácil de conseguir durante a Procissão, pois, apenas dessa maneira os que estavam ao meu lado conseguiriam mais espaço e não se importaram de se apertarem por alguns instantes. Nesse momento, a dor estava tão lancinante que não sabia como proceder, se pegava um táxi até a Basílica, mas isso além de ser impossível em tal altura da Procissão, também não conseguiria

acompanhá-la de uma forma mais detalhada. Engoli outro anti-inflamatório e continuei a Procissão, mas fazendo muitas paradas até a Basílica. Na calçada havia uma maior dispersão, a conversa rolava mais solta, havia muita distração, muitos conhecidos se reviam durante a Procissão e paravam na calçada para conversar, também havia muito riso, abraços e beijos. A caminhada acontecia conforme o ritmo de cada um, não havia muitas pessoas que vinham atrás caminhando com pressa, conseguia-se observar melhor a Procissão.

Chegou-se às cercanias da loja de artigos religiosos, com presença maciça de imagens das religiões de matriz afro, porém muitas vezes, são os mesmos símbolos religiosos que, dada a polissemia de sentidos a eles atribuídos, são procurados por membros de diferentes religiões (ORO, 1998, p.19). Os romeiros não continham sua curiosidade e ficavam olhando para ver quem entrava naquele estabelecimento comercial. Foi interessante parar próximo a essa loja e perceber que muitos olhavam diretamente para dentro da loja, tecendo comentários com conhecidos ao seu lado, ou até mesmo deixando transparecer, em seus rostos através do balanço de suas cabeças de forma negativa, a desaprovação da entrada das pessoas na loja. Duas senhoras passaram ao meu lado e disseram uma à outra: *“ih, quem entra aí tá perdido”*. Muitos romeiros carregavam objetos em suas mãos, fotos de parentes, terços, imagens e estátuas da Nossa Senhora com intuito de abençoá-los.

No início da Av. Medianeira já havia vendedores ambulantes vendendo calendário da Nossa Senhora Medianeira, porém, aquela presença maciça de camelôs no canteiro central da Avenida, como nos anos anteriores, não havia mais.

A religiosidade que se estabelece, atualmente, na sociedade contemporânea é marcada pela heterogeneidade, sincretismo e incompletude, pode-se notar também que a religiosidade tem sido vivenciada em locais, rituais e eventos, mediada por elementos tidos como seculares, mas agora capazes de inspirar experiências religiosas (FRIJERIO, 1998). Não é pelo objeto em si, mas pelo significado a que ele é remetido, no caso a presença na Romaria, que muitas pessoas acabam comprando objetos. Muitos calendários comprados desses ambulantes, por exemplo, iriam ser abençoados pela Nossa Senhora Medianeira através desses romeiros pelo toque no quadro e seriam levados para suas casas como algo bento. A intenção no ato de quem compra é a materialização de uma crença, é proximidade da Santa homenageada na Romaria.



Foto 8: Vendedor ambulante oferecendo calendário aos romeiros Fonte: arquivo pessoal

As calçadas próximas à Basílica estavam mais livres, isso ocorreu graças a um pedido do Reitor da Basílica para o Prefeito Municipal, que o espaço de atuação desses vendedores ambulantes fosse distribuído/loteado nas ruas posteriores à Basílica, e claro, que houvesse uma fiscalização que coibisse a presença deles pelo menos durante a Procissão. A partir desse trecho, havia muitas sacadas com faixas em tons de azul e branco, saudando os romeiros e/ou agradecendo a Nossa Senhora Medianeira pelas graças alcançadas. Muitas pessoas estavam retornando, ou seja, já tinham feito a Procissão e retornavam para suas casas. Na quadra anterior à Basílica, mesmo com todo o aparato anti-camelôs, havia barraquinhas na calçada vendendo imagens sacras, terços, escapulários, pulseiras e outra vendendo camisetas de times de futebol. Um casal que passou ao meu lado fez o seguinte comentário: *“que nojo esses camelôs, ocupando espaço, até que os de imagens de santos ainda vai, mas vendendo camiseta de futebol numa Romaria, não tem nada a vê”*.

Cheguei à Basílica às 10h15min, e a fila de pessoas para tocar no quadro da Santa que fica dentro da Basílica chegava até a esquina. Dentro do Parque Medianeira, onde estava acontecendo a Missa Campal das 10h, considerada como a mais importante do dia, a dispersão era grande perto das copas, muitos estavam mais envolvidos em beber ou em comer algo do que

com a própria celebração que ocorria no Altar Monumento. Muitos romeiros levaram cadeiras ou colchas para sentarem durante a celebração, e não apenas nela, nessa Romaria, foram colocadas duas arquibancadas para que os romeiros pudessem sentar. E, mesmo com todas as pessoas que já haviam ido embora, e as que estavam em frente à Basílica, o Parque estava lotado de romeiros assistindo a missa.

Fui procurar o meu noivo, conforme havia me dito, estaria próximo ao banheiro feminino, estava me dirigindo para lá quando me deparei com a mãe e com a tia de uma amiga minha que mora em Foz do Iguaçu-PR. Como já tinha observado durante a Procissão, a Romaria é local de encontro de amigos que não se veem há muito tempo, e foi o que aconteceu comigo, fazia um ano que não a via. Como Brandão (1982) observou, até a década de 70, a maioria dos habitantes da zona rural de Mossâmedes-GO iam para a cidade apenas durante as festas de santo: de São José, padroeiro de Mossâmedes, e do Divino Espírito Santo. A visita à cidade de Mossâmedes fazia-se apenas por intermédio das festividades. Eram as únicas ocasiões de encontro com parentes, compadres e amigos da cidade; de compras de objetos e participação em formas de lazer “da cidade”. Fazendo um paralelo entre o que ocorria naquela época em Mossâmedes e o que ocorre hoje em Santa Maria, mesmo sendo locais tão distintos em vários aspectos, uma semelhança permanece: a Romaria como local de encontro de amigos. Acompanhei a mãe e a tia da minha amiga até onde estava minha amiga e o restante de sua família extensa, permaneci com eles até o final da celebração. Os avós dela são naturais de Santa Maria e frequentam a Romaria há pelo menos sessenta anos, contaram-me que apenas em algumas ocasiões extraordinárias não vieram, como por exemplo, em dias muito chuvosos, ou quando ficavam com os netos, mas segundo eles, não estavam ali de corpo presente apenas, mas acompanhavam via rádio, já que em tais ocasiões não era transmitida pela televisão a Romaria. Conversei bastante com a mãe da minha amiga e, de vez em quando, minha amiga olhava para nosso lado e dizia que o padre viria chamar nossa atenção devido a tanta conversa, sua mãe ria e a chamava de “*carola*”. Antes de terminar a celebração da missa, já havia romeiros comendo o risoto vendido ali no Parque, alguns levaram cadeiras e isopor junto, este para as bebidas. Outros levaram o seu próprio lanche de casa, todos estavam sentados debaixo das árvores, já que temperatura, naquele momento, estava próxima dos 30°C. Ao final da missa, despedi-me da minha amiga e de toda sua família.

Ao final da celebração, foi impressionante a rapidez com que todos foram para suas casas, para o salão paroquial ou para os restaurantes, rapidamente o Parque Medianeira estava com pouquíssimos romeiros. Vacilei uns instantes, não sabia se iria direto almoçar ou se ainda tentava achar o Joãozinho, já que estava cheia de curiosidades sobre aquele senhor que vinha de

tão longe, porém não sabia como poderia achá-lo. Decidi ir em direção ao Altar Monumento, pois foi lá que ele disse que ficava durante a missa e deduzi que, com aquela multidão, ele não teria como ter ido embora. Felizmente tive sorte, foi justamente o que aconteceu.

2.6 Nada é coincidência, tudo é providência

Tal frase foi dita pelo Joãozinho para demonstrar o que acontece cotidianamente em nossas vidas, os encontros que temos com diversas pessoas, que, segundo ele, é tudo obra de Deus.

Quando estava chegando mais próximo do Altar Monumento, avistei o Guardião Possobon conduzindo o Joãozinho até o final das escadas, cumprimentei-o e me identifiquei, agradei ao Guardião por ele ter vindo pegar o Joãozinho pela manhã e ter colocado-o ao lado da camionete, contei o susto que levei com a reiterada negativa dos policiais no que tangia ao acesso de Joãozinho à camionete. Joãozinho beijou-o e novamente agradeceu-o chorando por tudo o que aquele senhor havia feito por ele, o Guardião ficou um pouco sem jeito e disse:

Que é isso, é por isso que estou aqui, para ajudar, e de mais a mais, faz muitos anos que tu vai ali do lado, é esses policiais que vieram de fora e não sabem nada, são alunos que passaram agora no concurso, se tivesse aquele motorista de sempre, com certeza não teria acontecido isso, já que ele conhece o Joãozinho há muitos anos.

Joãozinho perguntou novamente meu nome e onde iríamos almoçar, eu disse que no centro e convidei-o para ir conosco, ele aceitou prontamente, pois disse que no hotel que ele estava não ofereciam alimentação, e comer a carne que estava sendo vendida no Parque ele não conseguiria por causa de seus dentes. Comentou o que fazia até aquele momento no Altar Monumento: “Faz horas que eu precisava conversar com as pessoas, cumprimentar o Dom Dadeu entendeu, e os outros bispos lá”.

Ele questionou-me se chegaríamos novamente no Parque antes das 14h, para que pudesse participar do terço antes da missa da Bênção da Saúde, garanti que estaríamos lá com certeza. Fiquei muito feliz, pois teria mais uma oportunidade de conversar com aquele que tinha se tornando o meu personagem daquela Romaria.

Conseguimos pegar o táxi numa rua perpendicular à Basílica e fomos até um restaurante de *buffet* por quilo, como chegamos as 12h15min, havia poucas pessoas e consegui servi-lo melhor, pois tinha que dizer a ele as comidas disponíveis no *buffet*. Enquanto eu me servia, meu noivo deu um auxílio para o Joãozinho, como por exemplo, cortar sua comida. Joãozinho é uma

pessoa muito comunicativa e carismática, isso, com certeza, foi um dos facilitadores para sua grande rede de relações estabelecidas em Santa Maria, um local tão distante de sua terra natal. Essa postura poderia ser considerada como uma espécie de papel social, uma forma de ele se adaptar ao meio, ainda mais em função de ser uma pessoa com deficiência visual, que dependia dos outros para realização de muitas tarefas corriqueiras. Mas, pelo que deu para perceber através da conversa que tivemos e dos outros momentos em que tive oportunidade de conversar com ele, percebi o quanto ele gostava de conhecer novas pessoas e manter com elas uma relação de amizade.

Joãozinho me relatou um pouco da sua história, como conseguiu vir para Santa Maria a primeira vez. Tal situação remeteu-me a Bourdieu (2000), quando se refere que o relato biográfico ancora-se no pressuposto de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto. E o enredo de uma vida não é uma trajetória retilínea em direção e um fim determinado.

Olha, eu vim aqui em 1984 no aniversário de um padre de 25 anos de sacerdócio, e aí tomei conhecimento da Basílica e fui na Basílica visitar, que quando vem num estado pela primeira vez a gente quer conhecer tudo. Aí como eu sou muito ligado a igreja. Ah!! Me falaram aqui que tem uma basílica da Nossa Senhora Medianeira, é que a Nossa Senhora Medianeira é padroeira do círculo dos operários que têm uma presença intensa. Eu sou de Belo Horizonte, sou de Minas Gerais, eu não sou gaúcho, mas eu conheço tudo aqui porque eu gosto do Rio Grande do Sul. Quando eu era pequeno eu tinha três sonhos: 1º era andar de avião, eu sou doido por andar de avião. 2º conhecer o Rio Grande do Sul, porque eu gosto de tudo que é gaúcho, as músicas gaúchas me encantam, eu fico assim emocionado até choro porque tem umas músicas que tem uma letra muito profunda né!? Como aquele Gildo de Freitas, não posso nem ouvir. Eu choro à toa, sou muito sentimental entende!? Aí e o que que acontece. E o 3º sonho era participar da festa desse meu amigo né. Então, Deus me deu essa graça no dia 5 de abril de 1984. Consegui já a passagem de avião, assim, por milagre não paguei nada, bom eu não sei como, foi uma benção tão grande. Eu tinha combinado com um amigo meu que trabalha lá na caixa econômica que ele ia comprar a passagem e ele iria pagar parcelado. Mas aí sabe o que acontece, ele não podia ir lá na empresa na Varig, na época né, me emprestou os documentos dele e disse pra eu passar lá, e pra não esticar muito, eu tava lá com os documentos dele esperando para ser atendido, eu escutei um moço perguntando assim onde que esse rapaz vai? Aí que esse cara tá interessado assim né?, Aí eu chamei ele, vem cá vi você perguntando ali, você também trabalha aqui? Não eu também to tirando uma passagem, vou para Brasília. Eu já fui prefeito aqui em Belo Horizonte. Aé mesmo?! Qual é seu nome? Aí ele falou o nome dele. Ah!! Conheço muito, sua esposa já foi lá no meu bairro fazer inauguração de sei que lá o que, aí começamos a bater papo, de repente ele chamou a moça e falou assim! Oh Menina, por favor, tira mais uma passagem de ida e volta que eu vou pagar a passagem desse moço. Aí minha perna até tremeu na hora, mas daí o que acontece. A menina falou: Ah o senhor não pode tirar passagem não, porque é só para parente, não sei que o lá. Aí ele disse pra ligá pra Brasília aí, aí ela ligou e ele pegou o telefone, ele xingou tanto, tanto que nem te conto. Ele falou eu já ví muita gente passar o fim de semana com a mulher e ir para o estrangeiro, e isso não é nada, e eu não vou fazer uma coisa boa agora que eu quero fazer para esse meu amigo. Não, e não admito que vocês façam isso. Eu não sei o que aconteceu, eu só sei que deu 10 minutinhos eu tava com a

passagem de ida e volta, eu falei misericórdia, que que é a força do pensamento. Eu ministro palestra sobre autoestima e motivação.

Joãozinho também me relatou um pouco da sua extensa rede de relações adquiridas com o passar dos anos em Santa Maria. Joãozinho conhecia não apenas os clérigos e aquele pessoal diretamente ligado à Romaria, mas muitas pessoas, desde donos de grandes imobiliárias, prefeitos e ex-prefeitos, donos de hotéis, até o moço da tele-moto, na casa do qual muitas vezes foi jantar, como uma senhora que se prontificou em preparar a comida e levá-la no hotel para ele. O hotel no qual estava hospedado é do pai de uma amiga dele, o qual cede um quarto a ele nesses dias.

Ontem na Catedral o Schirmer (Prefeito Municipal) chegou perto de mim e me abraçou tanto que nem queria me soltar, ai falava: que bom que você conseguiu vir mais uma vez, que maravilha!!! Ai eu falei com ele: Ó, amanhã preciso de dois favores seus: um, me colocar em contato com o rapaz da TV Rede Vida e o outro favor, eu preciso que você me coloque em contato com o Dom Dadeu, que vai celebrar a missa. Eu tava sentado ao lado do Schirmer no Altar Monumento agora no altar e lembrei ele que não esquecesse de me levar para conversar com Dom Dadeu. Eu sou muito espontâneo para falar, chamo de você mesmo, não gosto dessas frescuras de chamar de vossa excelência, somos todos iguais perante Deus. Sim, eu já falei com ele, o Schirmer me disse, ele que tá logo ali, ele tá conversando com outros bispos, daqui a pouco eu te levo para falar com ele. O cara da Rede Vida porque eu quero participar do terço que aparece na TV, eu queria saber como era feito aquilo e se eu poderia tentar participar disso também, aí eles me deram um papel com contato para eles agendarem lá em São José do Rio Preto.

Contou-me um pouco o que fez na véspera da Romaria, e como foi o dia da Romaria, que foi considerado por ele o grande ápice da sua estada em Santa Maria, o Dia da Romaria.

Tava na Basílica ontem, eu fui participar da Jornada da Juventude na basílica ontem, e eu combinei com o Padre Bertilo que amanhã na primeira missa eu estaria na Basílica e queria receber a comunhão dele, e ele me disse que era para subir lá no altar depois que terminasse o Pai-Nosso para tomar o pão e o vinho. Hoje eu acordei as 03h30min porque eu tomei banho, e 03h45min já tava rezando, 4h liguei para o moto-táxi e a missa começou 5h em ponto. Depois da missa eu saí dali e fui nas Irmãs [Pequenas Operárias] e tomei um cafezinho e comi um pãozinho com elas. Daí eu chamei a tele-moto para me levar para a Catedral, nem o Fabiano [do documentário] sabia que eu estaria na missa da Basílica as 5h da manhã. Larissa, vou te falar, nesse mundo de Deus, nada é coincidência, tudo é providência. Pra ti ver, com 280 mil pessoas ali, você foi me encontrar e eu poder comer esse almocinho tão gostoso. Pra ti ver o que iria passar, eu teria que almoçar lá, aquilo lá é um labirinto, lá não tem ar-condicionado, é quente à beça, mas eu ia me fazer privilegiado dos amigos que eu tenho lá, tem conhecidos que trabalham lá dentro, daí eles me pegam, me sentam, me colocam numa mesinha lá. E pra mim não é muito bom comer o churrasco por causa dos meus dentes, não dá. Não ia poder comer essa torta fria que tava uma bênção.

Explicou-me um pouco do porquê de sua devoção à Nossa Senhora Medianeira.

Essa expressão santa não é certa, porque Nossa Senhora ela é mãe de Jesus, ela não é Santa, ela é mais do que santa, essa expressão Santa Maria, ela é mais do que santa, Medianeira porque ela é entre nos e Jesus uma ponte, então por isso que ela é medianeira. O que que é Medianeira? O pessoal não sabe, vou te dar um exemplo prático, é que nem eu pedir para o Lucas, oh Lucas, quero falar com a Larissa, e daí o Lucas vai ser um mediador, medianeira entre eu e você. Entendeu, mas o povo não entende isso não. Que Aparecida, Fátima, Rosário, tem tantas, mas na verdade é tudo a mesma coisa, os símbolos é que mudam. Medianeira não é conhecida fora do Estado do Rio Grande do Sul, lá em Belo Horizonte é por causa do Círculo Operário, bem como no norte de Minas tem Círculo Operário forte lá também.

Joãozinho não estava motivado para ir à Romaria, porém segundo ele, na metade do mês de outubro, começou se motivar pensando como vir para cá o deixa feliz, poder rever todos os amigos que fez durante esses 26 anos. Como ele conhece várias pessoas de alto poder aquisitivo localmente, pode decidir vir à Romaria poucos dias antes, sem preocupar-se com os gastos envolvidos com isso.

Essa vez agora eu pensei que eu não vinha, ah eu tava assim meio desanimado, tava me sentindo meio grogue, daí quando chegou no meio de outubro começou a me dar aquela força aquela vontade e tal , eu comecei a ligar para o pessoal fazer os contatos, daí mudou tudo. Tenho 62 anos, fiz dia 2 de outubro.

A sua vinda para Santa Maria, durante a década de 90 até o ano 2000, ocorria mais de uma vez por ano, pois ele participou de uma preparação para o século XXI do Padre Lauro Trevisan, com o amparo desse grupo de amigos, os quais ele não cita nomes.

Particpei de todos eles, Congressos com Padre Lauro Trevisan que preparavam as pessoas para o ano 2000, particpei desde 1990 até 2000, na passagem do século. Nessa passagem eu tava aqui, não ocorria na época da Romaria, eu vinha duas vezes por ano para cá, mas depois que acabou os congressos eu vinha para cá. Eu já vim de ônibus muitas vezes, saía de Belo Horizonte 8h da noite, chegava em Curitiba as 3h da tarde do dia seguinte, pegava ônibus para Santa Maria as 5h da tarde, chegava aqui 10h30min. da manhã do outro dia, quase três dias de viagem. Fiz isso muitas vezes, pois foi agora que surgiu esse negócio de avião que o povo começou a andar mais. Depois disso, o povo começou me conhecer, fazer amizade comigo, daí um ajuda daqui, outro dali, pagam a passagem e me ajudam na estadia.

Além disso, ele contou-me um pouco da sua rotina em Belo Horizonte, frequenta diariamente a Igreja, é muito amigo dos clérigos e das freiras. Graças a sua facilidade em comunicar-se, aliada a sua frequência diária nas missas, ele criou uma rede de solidariedade com

tais pessoas. Estas o ajudam na parte que considera mais “falho” em sua vida, que é na alimentação.

Eu moro sozinho, eu saio de manhã, vou à missa, da missa eu faço um lanchinho na lanchonete, tomo um cafezinho lá em BH, nunca fui seminarista, eu sou apóstolo leigo. Minha mãe era muito mais católica, ambos já partiram, eu aprendi muita coisa com ela, meu pai também, mas para homem sempre é mais desligado. A minha família não comunga com os mesmos ideais que eu, mas daí eu saio, chego e eles nem ficam sabendo. Eu moro muito perto deles, moro sozinho, num quartinho, eles não ficam preocupados comigo não, acham até bom quando eu sumo, daí dou menos trabalho para eles. Única coisa que eles me ajudam é que eu moro num quartinho cedido pelo meu cunhado, e não me cobram aluguel. Aí eu posso gastar água, tomar banho. Mas quanto a parte de alimentação é muito falho, mas eu não me importo por que eu tenho muitos amigos que me ajudam.

Soube como havia sido sua viagem para Santa Maria, era incrível a memória dele, falava com a mesma destreza sobre acontecimentos de poucos dias como os que ocorreram há quase três décadas atrás.

Eu vim pra cá esse ano, da mesma maneira que eu venho sempre. De Belo Horizonte a Porto Alegre de avião, e de Porto Alegre a Santa Maria de ônibus. Tomei um chá de cadeira, cheguei em Porto Alegre as 23h40min., pensei que tivesse ônibus a meia noite, não tinha, tem a 1h30min. Cheguei 6h15min. por que agora caiu a ponte. Daí o que acontece, cheguei, fui direto para o Santuário da Mãe Rainha, participei da missa, tomei um cafezinho com o padre João, tomei uns banhos que tem aqui na Rua Conde de Porto Alegre, uns banhos térmicos, que queria ter tomado dez banhos, mas a fisioterapeuta viajou foi fazer um curso de especialização na Bahia daí eu só pude tomar sete banhos. Isso é bom para artrose, artrite. Isso desde 84, 85 um amigo meu me levou lá pra tomar um banho quente, aí eu falei: “ai meu Deus, o que é isso?” É um negócio que um alemão inventou, aí eu tomei, mas foi tão bom que toda vez que eu venho aqui eu tomo. Daí a água vai a 40°C. Você sai cozido de lá, mas é bom porque você transpira, mas é bom porque pode fazer massagem pro seu joelho, ou o que tiver doendo. Ah!!! Eu achei ótimo. Parece que até melhorei um pouco disso aí (Se referindo a sua artrose no joelho).

2.7 Romaria durante a tarde

Como havia prometido ao Joãozinho, retornamos do almoço as 13h50min, pois antes de sairmos ele comentou diversas vezes o quanto gostaria de retornar antes do início da reza do terço. Nesse momento o comércio informal em frente à Basílica estava movimentado, os camelôs já haviam ultrapassado o local limite para a sua atuação - rua subsequente à Basílica - e estavam no meio da avenida e na calçada. Mesmo com todo o calor que fazia, temperatura próxima aos 33°C, o movimento de pessoas nos camelôs era intenso. Todos que pretendiam almoçar, já o tinham feito, e tinham esse momento para usufruir olhando as mercadorias à venda, o próximo “compromisso” de muitos deles era a missa das 15h, conhecida como Bênção da Saúde.

De acordo com Pinheiro Machado e Scalco (2009), o Brasil é frequentemente apontado como um dos países que mais consome produtos piratas do mundo. A partir dessa constatação estatística, alguns setores intelectuais e midiáticos deduzem que isso se deve ao fato de se tratar de um país em desenvolvimento e, portanto, ainda possuir uma grande parte da população em estado de pobreza. Nessa perspectiva, a razão prática ancorada no fator “baixa renda” explicaria a escolha por um produto pirata, que é mais barato, no lugar do original, que é mais caro, bem como muitas outras estratégias de consumo.

Segundo Canclini (1999), consumir é tornar mais inteligível o mundo onde o sólido se evapora, é estabelecer uma continuidade entre o imaginário e a vivência real, construindo para si uma identidade. O romeiro consome para si bens religiosos (terços, imãs, santinhos, fitinhas, etc.) e outros produtos associados a imagens de santos. A fé do romeiro não se sustenta somente com promessas e votos, mas com o consumo. A concentração dos mais variados produtos em um só local transforma na verdade uma espécie de zona de liminariedade entre o sagrado, na Basílica e no Parque Medianeira, e o profano, na avenida em frente com a presença dos camelôs.

Como eu conduzi o Joãozinho por entre aquela multidão até o Altar Monumento, percebi o quanto é difícil locomover-se e quão mal-educadas são as pessoas. Mesmo pedindo “com licença” para elas abrirem caminho, nem sempre era atendida em minha solicitação. Ao chegar às escadas do Altar Monumento, no qual estava o quadro da Nossa Senhora Medianeira, que veio em Procissão da Catedral, a fila de romeiros que havia para tocar na imagem chegava até a metade do Parque Medianeira. Tivemos que entrar pelo lado no qual as pessoas saíam, se caso tentássemos passar pelo lado em que eles estavam, não conseguiríamos. Chamei um dos Guardiões para permitir a entrada do Joãozinho ali, fui prontamente atendida. Deixei-o sentando

nas cadeiras atrás do altar, ele questionou-me se poderia dá-lo carona para o hotel após a missa. Combinei que pegá-lo-ia ali mesmo no final da celebração da Bênção da Saúde.

Por mais que houvesse muitas árvores no Parque Medianeira, não era suficiente para fornecer sombra a todos que ali estavam, e como estava quente, havia uma disputa pelas melhores sombras. Eu tinha levado uma cadeira de abrir para eu sentar durante a missa, e até esta começar, fiquei observando o que as pessoas faziam durante esse intervalo. Muitas como eu levaram sua cadeira de abrir para se sentarem, mas em sua grande maioria estavam sentados no chão. Outros tantos estavam deitados nas gramas, cochilando, demonstrando um cansaço mais que aparente. As 14h10min iniciou a reza do terço, cada dezena foi rezada por uma pessoa diferente, a segunda dezena foi rezada pelo Joãozinho. Poucas pessoas rezavam junto de forma altissonante, algumas apenas mexiam os lábios, outras não estavam ligadas com o que estava acontecendo e conversavam, riam, e claro, muitos dormiam.

A partir da 14h30min começou a chegar, cada vez mais, mais fiéis, muitos traziam consigo cadeiras de abrir ou colchas para sentarem nas gramas. Algumas senhoras e mães com filhos pequenos levaram guarda-chuva para se protegerem do sol. O folheto distribuído com toda a programação da Romaria agora servia de leque para tentar espantar o calor. Na missa das 15h, no Parque Medianeira, havia milhares de fiéis, mas nem de perto comparava-se à celebração da Missa Campal ocorrida pela manhã. Havia muitas pessoas idosas presentes, muitos participavam apenas dessa celebração da Romaria, denominada como Bênção da Saúde. Muitos que estavam deitados assim permaneceram durante toda celebração, e entre um cochilo e outro respondiam no momento em que todos devem falar durante a cerimônia. Os únicos vendedores ambulantes que andavam por entre as pessoas durante a missa eram os que vendiam água e refrigerante, mas a valores exorbitantes, como por exemplo, R\$3,00 a garrafinha de 500 ml de água, o triplo do preço do mercado.

No final da missa, como já havia ocorrido durante a manhã, as pessoas saíram rapidamente do Parque Medianeira. Muitos se dirigiram aos camelôs, agora podendo olhar mais atentamente tudo que esse comércio disponibilizava para venda. Fui buscar o Joãozinho no Altar Monumento, ele já estava tentando ligar para o meu celular, porém, ele havia decorado o número errado e dava mensagem que “esse número não existe”. Ele disse: *“Pensei que tivesse esquecido de mim, liguei pra teu celular e só dava aquela mensagenzinha”*.

Ele estava com um moço da Paróquia São José que ele havia conhecido durante a novena móvel. Despediu-se dele com agradecimentos, dizendo que falaria com ele no ano seguinte *“se Deus e Nossa Senhora Medianeira quiserem”*. No final da escadaria, ainda estava o quadro da Nossa Senhora Medianeira, e Joãozinho aproveitou e encostou nele novamente, dando *“adeus*

Mãezinha”. No trajeto do Altar Monumento até a saída do Parque Medianeira, fomos parados mais duas vezes, uma por uma moça que queria cumprimentá-lo, depois que ela saiu, ele comentou que, na Paróquia dela, foi ela quem o ajudou. Ele relatou: “*mas é muito apressadinha, me canso muito, bom mesmo é andá contigo, pois tu anda bem devagarinho e não me dói meu joelho*”. Outro que nos parou foi o Fabiano que queria pedir o seu endereço para enviá-lo, assim que ficasse pronto, o documentário em que ele seria um dos personagens principais. Despediram-se e comprometeram-se de se reverem no ano seguinte.

Joãozinho comentou: *Eu conheço as pessoas pelo toque de suas mãos e pela forma com que elas falam, o Fabiano é uma pessoa muito boa, ele é sério, mas é bom demais. Vocês que conseguem enxergá tem outros meios, mas eu é desse jeito.*

Enquanto íamos para o carro, Joãozinho quis saber um pouco mais da minha história, da minha cidade natal, com quem eu morava, a minha idade, quantos anos estava junto com o Lucas, do qual ele gostou muito, adjetivou-o como “*uma pessoa boa demaaaaiiss*”. O levamos ao hotel em que estava hospedado, deixei-o na portaria, ele agradeceu por tudo que fizemos por ele, sendo corrigido por mim que, na verdade, quem havia me ajudado tinha sido ele. Demo-nos os números dos celulares e despedimo-nos com abraço afetuoso, como se fôssemos conhecidos de longa data.

Através da transcrição da conversa realizada com o Joãozinho, tento demonstrar porque o considero como o personagem da Romaria de 2010. A Romaria tornou-se para ele, primeiramente, além da realização de um sonho de conhecer o Estado do Rio Grande do Sul, em sua primeira vinda, também uma forma na qual ele adquiriu um grande número de amigos. Todos esses amigos envolvidos, de alguma forma, com a Romaria. Joãozinho criou uma rede de relações responsável pela sua reiterada participação na Romaria da Nossa Senhora Medianeira, mais precisamente há 26 anos. Em palestras ministradas por ele, um dos exemplos dados é sua fé em Nossa Senhora Medianeira, sendo essa responsável por várias realizações em sua vida, e o quanto ela lhe trouxe benesses.

A Romaria da Nossa Senhora Medianeira, com seu caráter de fato social total, através de múltiplas dimensões: religiosas, sociais, políticas, culturais e econômicas, revela-se algo extraordinário com importância social para os fiéis, romeiros, peregrinos e turistas. Essa condição de ser fiel, romeiro e turista, participante do rito da Romaria como um todo, motivado pelo mito da Nossa Senhora Medianeira, é justificada pela construção biográfica sistematizada pelo próprio indivíduo. Essa condição explica os porquês das suas participações na Romaria, ao mesmo tempo mostra a força de atração dela, capaz de incorporar essa diversidade e conseguir suprir as demandas desses diferentes atores sociais.

CAPÍTULO 3

A ETERNA BUSCA

Neste capítulo trarei um pouco da parte conceitual do que configura uma romaria e/ou peregrinação, mostrando que o ser humano, desde os tempos mais remotos, é motivado por uma religiosidade que o faz deslocar-se. Com o passar do tempo, as romarias e/ou peregrinações tornaram-se algo economicamente rentável, afetando diretamente o turismo. Este trouxe para si muito da mística das romarias e/ou peregrinações, originando o turista com seu *olhar exótico* através de um distanciamento simbólico em relação ao outro grupo. Logo após apresentarei e analisarei os dados obtidos numa pesquisa feita pela Secretaria de Turismo de Santa Maria sobre as principais características da Romaria da Nossa Senhora Medianeira.

3.1 A eterna busca: romaria e/ou peregrinação

Todo mundo peregrina, cristãos, muçulmanos, judeus, místicos, não importa como é feita a peregrinação, de avião, de ônibus, de carro, a cavalo, de bicicleta ou a pé. Essa é uma característica do pensamento religioso, de escolher ou elegeer determinados espaços como mais importantes ou mais significativos, os lugares especiais que os diferenciam dos outros lugares. Peregrinar é como se fosse participar de um retiro, onde se sai do seu dia-a-dia e começa repensar na vida, já que a vida é uma passagem. Na romaria, consegue-se verificar isso também, através da procura do equilíbrio.

A romaria originou-se como referência, no Império do Oriente, aos peregrinos que iam à Terra Santa e depois aos que iam à Roma. Genericamente, trata-se de uma peregrinação a lugares santos, religiosos, de devoção; reunião de devotos que participam de uma festa ou de uma comemoração religiosa. Mas peregrinar a locais especiais, sagrados, é uma prática anterior ao cristianismo, ainda que em muitos casos por ele apropriado. Segundo Silva (2010, p.16) as peregrinações foram cada vez mais influenciadas pela Igreja, aumentando progressivamente o fluxo das viagens. As abadias e os mosteiros acolhiam e alimentavam os peregrinos, e como retribuição à hospitalidade cristã; as doações dos peregrinos eram bem aceitas. Por volta do século XV, as peregrinações se tornaram um organizado fenômeno de massa, servido por uma grande rede de hotéis de caridade e um comércio florescente de venda de objetos religiosos.

Já os dicionários dizem que peregrinar é como ir à Romaria, e Romaria é como peregrinar a um Santuário. O ser humano descobriu que uma das mais rudimentares experiências com os pés é uma das demonstrações mais fortes de fé, e os caminhos estão aí para comprovar que, cada vez mais, mais pessoas buscam algo diferente através da peregrinação. A religião está na origem das peregrinações, mas hoje há outra motivação para longas caminhadas, há uma nova religiosidade onde a questão mais importante é uma questão pessoal, interior, subjetiva do peregrino. Quando se faz um caminho, os peregrinos se humanizam, é normal escutá-los falando que, ao terminar o caminho, tornam-se outra pessoa, mais solidários, mais cooperativos, menos irritados, mais alegres, enfim, o peregrino volta diferente. Não importa qual é a peregrinação, se de cunho religioso, onde o que vale é o destino, ou se novas peregrinações, onde o que importa é o caminho, ambas mostram que os caminhos fazem bem ao ser humano.

Como afirmou Pierre Sanchis (2006), sobre o que era Romaria em seus primórdios:

[...] um caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos-imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho - até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “Santo”: santuário próximo ou longínquo, Sagrado feito gente, com quem se vive uma pequena porção de tempo, o tempo feito Festa: comida, bebida, encontros, dança, até a volta do cotidiano transfigurado, já na espera de outra romaria. [...] Uma relação tradicionalmente pouco regulada pela instituição (Igreja) em princípio investida da missão de apresentar, representar, concretizar e distribuir este Sagrado à sociedade profana em que os homens instauram o cotidiano de suas vidas (2006, p.86).

Sanchis (2006, p.88) diz que as “romarias” são um caso típico de encontro e fricção (criativa) entre a religião do “povo” e a do “clero”. E segue [...] santuário, relíquia, sacramento, clero e suas mensagens institucionais, santo e suas imagens... todas essas realidades, que afinal, compõem uma “religião”, se constituem em mediações entre o peregrino e o sagrado: o gesto peregrino hesita entre “Romaria” e “peregrinação” (2006, p.89-90).

Sanchis (1973 *apud* NASCIMENTO, 2010), em seus estudos sobre peregrinações e festas populares em Portugal, aponta para uma noção de “estrutura de encontro” das romarias: estas revelariam os permanentes conflitos entre as formas de religiosidade popular e aquelas consideradas oficiais pela Igreja Católica. Dessa maneira, o autor procura demonstrar que as romarias formam-se por uma ambiguidade intrínseca de conflito e compatibilidade entre uma religião popular e a religião católica oficial. Segundo ele, a romaria, no caso específico português, representaria um espaço de tolerância e reivindicação da religião popular como resposta à ordenação e regulamentação da religião oficial.

Essa ambigüidade fundamental, na visão das coisas e no comportamento cultural, terá tendência a permanecer viva, de uma vida subterrânea, para emergir e se alojar, desta vez visivelmente, em qualquer nicho de legitimidade oferecido pelas manifestações religiosas aceitas pela hierarquia. A principal, desde então e até hoje, será a romaria (SANCHIS *apud* NASCIMENTO, 2010).

Cada um tem motivações diferentes e pessoais para participar da Romaria: agradecer os pedidos que foram alcançados, pagar promessas, manter a tradição (de família) de frequentar a Romaria, lazer, superar obstáculos. Ser romeiro é ser persistente, ter confiança que a cada passo estarão fortalecendo a fé. Essa beleza de expressão, demonstração de fé com a participação de classes populares e de classes abastadas, de crianças, jovens, idosos, mulheres, homens, mostra a diversidade de um povo que se molda.

A fé está na origem das peregrinações e/ou romarias, o homem caminha para encontrar o sagrado, é como se procurasse o conforto para sua própria existência, equilíbrio para seguir a jornada diária, força para superar os obstáculos. As pessoas começam reavaliar suas próprias relações com os outros, com seu trabalho e todo seu entorno, relativizam a importância que normalmente dá-se a esse tipo de coisa, então de fato as pessoas não voltam iguais depois de fazer uma peregrinação e/ou romarias.

Me disseram, porém
 Que eu viesse aqui
 Prá pedir de
 Romaria e prece
 Paz nos desaventos
 Como eu não sei rezar
 Só queria mostrar
 Meu olhar, meu olhar
 Meu olhar
 Sou caipira, pirapora
 Nossa Senhora de Aparecida
 Ilumina a mina escura e funda
 O trem da minha vida
 (Trecho da música Romaria de Renato Teixeira,
 nela vê-se a relação da vida com a Romaria).

Todas as motivações dramáticas para participar de uma peregrinação e/ou romaria variam conforme a gravidade com que as aflições são representadas, com a ressalva de reconhecer que a percepção dos romeiros não é a mesma de quem analisa seus motivos, no caso específico, uma aprendiz de antropóloga dando seus primeiros passos nessa ciência cativante e cheia de vieses. Assim, a diversidade de motivos e a gravidade com que são tomados expressam densidades também diversas de convicção e de fé na santa e nos rituais que a reverenciam.

Dessa constatação se depreende certa hierarquia entre os romeiros, que os tornam heterogêneos no plano simbólico e os recortam em grupos com identidades particularizadas. Ainda que compartilhem a mesma santa de devoção, no caso estudado a Nossa Senhora da Medianeira, suas práticas rituais e suas representações da devoção variam em extensão e intensidade.

Denomina-se romaria o conjunto de atividades que o indivíduo realiza ao viajar a lugares sagrados por livre disposição e sem pretender recompensas materiais e espirituais. Quando alguém visita lugares sagrados para cumprir promessas ou votos anteriormente feitos a divindades ou espíritos bem aventurados, o conjunto de atividades chama-se peregrinação. E finalmente, quando alguém, empenhado em redimir-se de suas culpas ou de seus pecados, de forma livre e espontânea ou por conselho ou disposição de líderes religiosos, dirige-se a lugares sagrados, é designado como viagem de penitência ou viagem de reparação (CYPRIANO, 2008).

Muitos devotos permanentes, que motivados ou não por milagres alcançados, peregrinam até o santuário anualmente, sem interrupção. Entre os mais idosos, observa-se uma demonstração profunda de fé, típica dos que participam há muitos anos. Não são poucos os que declaram que participam da Romaria há mais de vinte anos. Devotos desse tipo cumprem quase todas as práticas sagradas envolvidas na caminhada, na chegada ao santuário e no retorno, incluindo rezar no caminho, assistir missa, acompanhar a procissão, contribuir com oferendas à Igreja. Há os pagadores de promessas eventuais, sujeitos que passaram por aflições, que foram resolvidas através de pedidos à santa e participam para agradecer às graças alcançadas, sejam relativas a problemas próprios, sejam relativas a aflições de amigos e familiares.

Para Steil (1996), o santuário é um espaço de trocas simbólicas que inclui um circuito de comércio religioso, espiritual e material. Assim como se podem alcançar favores materiais por intermédio de orações e penitência, também se podem alcançar graças sobrenaturais, através de doações em dinheiro.

Segundo o que foi dito por Além (s.d.), e também observado em campo, para solucionar problemas antigos ou recentes, muitos recorrem à santa por sugestão de parentes, de amigos ou de devotos conhecidos, que testemunharam graças recebidas sob promessas. Esses devotos eventuais ou os sujeitos afins, comprometidos em suas promessas, tendo recebido as graças, devem pagar suas dívidas conjuntamente. Neste ponto, é possível perceber que, mesmo as práticas e representações com sentidos religiosos aparentemente unificadores, diferenciam os romeiros, pois o primeiro grupo de peregrinos define sua identidade com a santa pelo voto, enquanto o segundo se define pela promessa. O voto significa uma relação muito mais duradoura com a santa, um elo permanente e profundo que o romeiro mantém com a santa, enquanto a promessa tem um sentido de comprometimento a "curto prazo", caracterizando uma

espécie de "relação contratual" mais pragmática, suscetível de suspensão temporária e até definitiva, conforme os resultados obtidos das promessas feitas.

Alba Zaluar *apud* Sales (2009, p.61) demonstra que a promessa e a romaria adquirem sentidos e são legítimas em um determinado tipo de sociedade, em determinada situação social. Estabelecem conexões e mudanças nas práticas rituais e nas relações sociais, não concebendo as mudanças rituais como a consequência mecânica das alterações sociais, mas demonstrando que o sentido destas também deve ser buscado nas relações entre os indivíduos e grupos sociais. Trabalham com elementos simbólicos duradouros, como a promessa, que passa, porém, por alterações em seu significado.

Os indivíduos na atualidade padecem de alguns sintomas das mais variadas dimensões de sua existência, muitos ficam paralisados pelo medo. A religião foi e ainda continua sendo uma das condições essenciais de sentido da existência humana. Nos dias atuais, os fenômenos religiosos tomam maior força e há uma obrigação de reaprendê-lo, reordená-lo e repensá-lo dentro de novas referências.

Com a modernidade, começou a se considerar os aspectos de dispersão das crenças e condutas por um lado, e da desregulação institucional da religiosidade, por outro. A razão de ser de um fato, no caso específico - a Romaria de Nossa Senhora Medianeira - acaba dando sentido à experiência subjetiva de cada indivíduo. Redescobre-se que tais crenças pertencem às práticas, linguagens, gestos, automatismos espontâneos que constituem o "crer" contemporâneo baseado em muitas bricolagens (HERVIEU-LÉGER, 2008).

A religiosidade na modernidade flexibiliza-se, deixa de ser algo hereditário, adentrando cada vez mais o âmbito da opção, da escolha, da procura e da experimentação pessoal. A experiência na modernidade tende a ser a experiência emocional, ligada ao sentimento, ao corpo e à subjetividade (ORO, 1996, p.66). A religiosidade que se estabelece atualmente na sociedade contemporânea é marcada pela heterogeneidade, sincretismo e incompletude, pode-se notar também que a religiosidade tem sido vivenciada em locais, rituais e eventos, mediada por elementos tidos como seculares, mas agora capazes de inspirar experiências religiosas (FRIJERIO, 1998).

Hervieu-Léger (1997) identificou um profundo processo de dessimbolização, ou seja, perda da eficácia do símbolo na esfera religiosa que, paradoxalmente, trouxe à sociedade laica a emoção, a experiência religiosa como o cerne de religiosidades emergentes, reconfigurando outros tipos de experiência: a viagem, o prazer, o fluxo turístico.

As expressões religiosas, tais como: rituais, festas, procissões, romarias, orações, oferendas, músicas, etc. revelam a necessidade que os grupos possuem de encontrarem-se com o

Transcendente, o Ser Superior, nos momentos importantes de sua vida. A expressão “cultura religiosa”, a noção de cultura, na verdade, adquire mais de um significado: ela é o conjunto de costumes de uma sociedade, entre os quais estariam os religiosos; mas ela é também a própria religião, cujas expressões imprimem marcas no plano pessoal e coletivo. Enfim, a religião oscila em ser parte ou todo.

Busca-se, incessantemente, a religiosidade como magia ou salvação. O sentido etimológico de peregrino remete a estrangeiro, aquele que vem de fora, que é de outro lugar. E um dos enfoques possíveis sobre o comportamento turístico se assenta na ideia de que o turismo poderia ser lido como uma atualização da peregrinação, o qual carrega sentidos e valores que em outros momentos históricos foram condensando nesta experiência religiosa. O turismo poderia, portanto, ser um substituto moderno de formas de vivência das religiões tradicionais. Mas, em parte, porque convive, entrecruza, simultaneamente, com formas que poderiam ser consideradas, em princípio, como peregrinação e/ou romaria.

Para Steil e Carneiro (2008, p.121) “caminho” veicula e media o contato com algo externo, sobrenatural, mágico, transcendente, ao mesmo tempo em que permite um encontro consigo mesmo. No caso das peregrinações estudadas, não há um santuário ou relíquias a se buscar, nem um santo a se reverenciar. O sagrado é buscado no próprio caminho a ser percorrido por cada peregrino, em sua experiência pessoal e coletiva. É no movimento, na ação e na percepção do ambiente que o peregrino encontra-se com o sagrado, ou seja, segundo Steil (2009, p.87), ao se criar um espaço e um tempo sagrados, a peregrinação transforma o movimento ordinário em metamovimento, identificado por Coleman e Eade no sentido de um movimento reflexivo, mediante o qual o peregrino se apropria de seu lugar no mundo e o redefine.

A peregrinação é uma experiência de ruptura com a condição estruturada do tempo ordinário. O corpo-peregrino se dirige em direção à outra temporalidade, fundamentalmente diversa daquela que os peregrinos experimentam em seu cotidiano. A identidade do peregrino se delineia no próprio transcurso, na medida em que o caminhar se volta para a aprendizagem, um meio de reflexão pessoal e de compromisso no mundo. Na realização desta experiência, marcada pela densidade emocional deste processo de aprendizagem na peregrinação, emergem algumas disposições orientadas para a reflexão pessoal revelando a dimensão introspectiva do Caminho (STEIL, 2008, p.32).

Segundo Clifford (1997 *apud* Steil, 2009, p.74), peregrinar deixou de ser um movimento acidental ou esporádico e tornou-se constitutivo das conjunturas socioculturais interativas, nas quais grande parte da população do planeta se encontra envolvida, num processo complexo em que migração, turismo e peregrinação aparecem sobrepostos. Se na história da antropologia do

século XX os ‘informantes’ apareciam como nativos, no século XXI, eles aparecem como viajantes.

3.2 Turismo Religioso

Para encontrar uma compensação para tudo o que falta no cotidiano, para aquilo que desapareceu, viaja-se, deseja-se liberar da dependência social, desligar-se e refazer as energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, estabelecer contatos, descansar, viver a liberdade e procurar encontrar-se. O turismo funciona como uma espécie de terapia da sociedade atual, como válvula que permite manter o bom funcionamento do mundo. Ele exerce efeito estabilizador não apenas nas pessoas, mas também sobre toda a sociedade e a economia.

As peregrinações no contexto da sociedade contemporânea têm influenciado grandemente em um dos setores mais significativos da vida social, afetando diretamente o turismo. Se for verdade que elementos da peregrinação foram absorvidos pelo turismo moderno e secular, também o é, que o turismo tem canalizado a mística da peregrinação para si. Neste sentido, pode-se constatar que a maioria das experiências de peregrinação são permeadas por um sofisticado sistema de turismo que lhes fornece suporte material e viabilidade, ao mesmo tempo em que muitas atividades turísticas têm como motivação elementos religiosos (SILVA, 2010, p.67).

Segundo Siqueira (s.d), os poucos consensos existentes na área movem-se em torno da reiterada definição da Organização Mundial do Turismo (OMT). Esta destaca o deslocamento voluntário e temporário fora de sua residência habitual (superior a 24 horas, com pelo menos um pernoite e um período máximo de 90 dias), por uma razão diferente que a de exercer uma atividade remunerada, ou seja, movida por razões distintas de atividades de negócios ou profissionais. A ênfase é posta no aspecto recreacional. Assim, de maneira geral, seguindo este referencial, priorizam-se, nas várias definições correntes, o tempo fora da residência habitual, a ausência do objetivo lucro, por parte do turista, e as relações decorrentes da viagem. De qualquer forma, pode-se identificar a centralidade de uma perspectiva economicista (e/ou) empresarial, na atualidade, por exemplo, na recorrente ideia de que os viajantes são consumidores de serviços turísticos, quaisquer que sejam suas motivações, sejam eles turistas, excursionistas ou visitantes, segundo classificação da OMT.

Nos tempos atuais, as religiões não estão mais confinadas aos limites da comunidade, mas comunicam-se entre si e com fenômenos como o turismo. Nessa interatividade, ocorrem processos complexos de complementariedade/ oposição entre as representações culturais das

diversas Igrejas/ movimentos religiosos e as novas formas de relacionar trazidas pelo turismo. O impacto será tanto maior quanto maior for a circulação de pessoas, valores, consumo, objetos, crenças e práticas, podendo-se até traçar uma genealogia do impacto dos estilos de religiosidade e do turismo sobre o espaço (SILVEIRA, 2007, p. 97).

Uma das condições básicas para ser reconhecido ou reconhecer-se como turista é adquirir este *saber-ver* ou este *olhar exótico* de ordem cultural que possibilitam um distanciamento simbólico em relação aos outros que não compõem o próprio grupo. Viaja-se, portanto, não apenas para conhecer o *modus vivendi* de outros grupos sociais ou regiões, mas também para iniciar-se na forma de ser de sua classe ou grupo social. Trata-se, na verdade, de uma aprendizagem relacional, onde a transação cultural com o outro permite estabelecer uma melhor definição de si e reforçar o sentimento de pertencimento ao seu próprio grupo (STEIL, 1998, p.79).

Cohen (1979 *apud* SANTANA, 1997, p.40) distingue os turistas do que para eles significa a viagem, separando claramente as visitas dirigidas ao prazer daquelas que colocam ênfase sobre a peregrinação em que haja uma nova experiência pessoal. No caso de que o “centro espiritual” de atração seja puramente hedonístico, denomina viagem de diversão ou recreacional, escape da rotina diária. Frente a estes, situa dois tipos de turismo cuja motivação resulta de alguma forma de peregrinação, isto é, viajantes que solicitam uma resposta através das formas experimentais (experimentando os estilos de vida diferentes do próprio), e os existenciais (adquirindo um novo “centro espiritual” como resultado da experiência da viagem).

Segundo Aoun, o turismo pode hoje

[...] transformar a idéia de paraíso perdido numa forma terrena e atraente ao alcance de todos. Ressurge, assim, o turismo como um mago que, com poderes especiais, consegue promover o reencontro do indivíduo com o paraíso, e realiza, dessa forma, o antigo e acalentado desejo de voltar ao jardim do Éden ao lugar da origem humana. O paraíso no universo do turismo não é mais um sonho impossível ou outra utopia fantástica, inventada no século XX (2001, p.116).

Segundo Moesch (2002 *apud* SILVEIRA, 2004, p.10), o critério deslocamento ainda não é suficiente para construir tipologias turísticas, aponta a insuficiência das teorias funcionalistas e fenomenológicas em suas tentativas de construção de um saber turístico próprio. A metamorfose da religiosidade e do fato turístico anuncia um tempo de descolamento da identidade de suas raízes locais/territoriais.

Para Carneiro (2004, p.75 e 78), como um campo permanentemente dinâmico, o turismo apresenta sempre novos desafios, resultado da evolução das formas de organização do trabalho,

da possibilidade de novas experiências no contato com a realidade, associadas ao desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, bem como da emergência de novas preocupações sociais e ambientais. Desta forma, o turismo afirma-se não só como fenômeno de consumo, mas também como fenômeno de produção. Esta maneira de conceituá-lo permite incorporar ao debate tanto a noção de produto turístico como a figura dos agentes produtores. Entre os cristãos, normalmente, as peregrinações têm duas origens distintas: uma, a veneração aos lugares santos, ou seja, aqueles em que o salvador santificou com sua presença; a outra, o culto dos santos e de suas relíquias. É importante também assinalar que as peregrinações podem ser compreendidas em suas interrelações com a lógica prática e teórica do turismo. Pois, a princípio, nada impede de considerá-las como “viagens turísticas”, mesmo requerendo todo tipo de cuidado, ao convertê-las em deslocamentos peculiares, dignos de um tratamento específico.

Das inúmeras manifestações religiosas, três tipos podem se tornar objeto do turismo: as do patrimônio arquitetônico (igrejas barrocas, templos budistas e protestantes, etc.), as do ritual (Semana Santa, ritos celebrativos ou de comemoração, etc.) e as de eventos (festas religiosas, festivais de música, etc.).

O turismo teria sua dinâmica atrelada à imagem segundo Silveira (2004), que interagindo com outros fatores econômicos e sociais direciona fluxos de pessoas pela (re)criação dos desejos e das necessidades. Assim, aos olhos de determinados agentes do mercado e de parte da instituição, o “*turismo religioso popular*” passa a se encarnar no católico que leva seu ex-voto e deposita aos pés da imagem, objeto de veneração.

A condição de “mercantilização”, ou seja, de torná-los desejáveis porque comercializáveis, dos lugares e da religião, com seu aparato de festas e tradições “populares”, está na confecção das imagens. E é aí, no imaginário veiculado pelas mídias e em interação com o fluxo de visitantes/turistas, que turismo e religião vão encontrar seu ponto de convergência e o tecido no qual vão estar alinhavados pelo consumo. Religião torna-se espetáculo e performance, não só pelo olhar externo, advindo do turista, mas pelo próprio olhar interno, do adepto, à medida que as modernas transformações culturais vão impactando a maneira como os fiéis manifestam e vivem a religião, mesmo que a opção seja viver os costumes e a tradição. Esses ciclos de transformação abrem negócios: os transportes multiplicam, empresas de ônibus e aéreas criam e revitalizam novas e antigas rotas, surgem novos empregos; o comércio de artesanato e de outros artigos cresce, enfim uma série de mudanças passam a ocorrer e que podem significar a revitalização da economia local de muitos municípios de pequeno porte no Brasil (SILVEIRA, 2004).

Para Siqueira (s.d) turismo pode ser lido como um substituto moderno de formas de

vivência das peregrinações e/ou romarias. Mas o movimento é de mão dupla. Porque ele contém, abarca, inclui, simultaneamente, buscas anteriores à separação do tempo de trabalho e do tempo livre e a necessidade dos capitalistas, dos estadistas e de muitos intelectuais, de criar mecanismos materiais, simbólicos e ideológicos para ocupar, de forma saudável e higiênica, e por último o lazer. E esta partição é recente, do ponto de vista da história da humanidade. Assim, a hipótese que complementa a anterior é a de que a peregrinação e a romaria contém, elas mesmas, elementos que caracterizam o turismo.

Para Steil (1998), o significado do turismo religioso é quando o sagrado migra como estrutura de percepção para o cotidiano, para as atividades festivas, o consumo, o lazer, quando enfim, os turistas passam a viver eventos, como os Natais, não mais vinculados à tradição cristã e ao que ela prescreve, mas como uma experiência inusitada, espiritual e consumista ao mesmo tempo.

Se no contexto popular tradicional o sincretismo se fazia a partir da crença de que o campo religioso era obra divina e, portanto, todas as religiões eram sagradas e não podiam ser excluídas, no contexto da modernidade as escolhas e as bricolagens religiosas parecem se darem a partir de uma visão secular do campo religioso onde as idéias de consumo ou de mercado são predominantes. É o indivíduo, que opta frente a uma imensa variedade de alternativas religiosas que se apresentam (STEIL, 2001, p.120).

Não são as mesmas motivações que movem turistas e romeiros/peregrinos. É conhecido, inclusive dos seus organizadores, que locais de rituais e manifestações religiosas, eventos de cunho místico-espiritual, atraem turistas, mas por consequência também romeiros, peregrinos e fiéis. Todos frequentam os mesmos espaços, já que eventos dessa natureza incitam os mais diferentes públicos.

Por conseguinte, ao se naturalizar o “turismo religioso”, operou-se um deslocamento etimológico, ou seja, no significado das palavras/termos, permitindo inferir as transformações operadas no eixo religião/política/turismo/cultura popular. Parece que uma categoria mercadológica da segmentação de mercado gerou novas estruturas, a ponto da Igreja criar uma pastoral, existente na Europa desde 1960, específica para isso: a pastoral do turismo que apenas agora está sendo estruturada no Brasil (PONTIFÍCIO CONSEJO..., 2009).

Na definição oficial, segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960, o turismo religioso é compreendido como uma atividade que movimenta peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas que são

celebradas periodicamente, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso. Reuniões para definições oficiais são como assembléias de bispos definindo dogmas, o que crer e como crer. Uma definição oficial não significa que não possa ser questionada e apontada em suas incoerências. A categoria turismo religioso começa assim a uma espécie de “transversalização”, ou seja, perpassa, atravessa, viaja desde as esferas dos agentes econômicos do turismo (agências de viagem, especialistas em turismo, etc.) a nomenclatura de determinados agentes eclesiais (SILVEIRA, 2004).

Segundo Siqueira (s.d.), há um processo em andamento, sobretudo a partir da década de 1970, com a aceleração da transmutação de viagem lúdica, de férias, recreacional, em viagem turística, que vem sofrendo novas diferenciações, mas, se trata de um movimento de transversalização, porque a peregrinação não exclui o turismo e vice-versa. Assim, algumas interseções podem orientar, na forma de eixo, a reflexão: a existente entre peregrinação e turismo; romaria e turismo. Trata-se de transcender as noções referenciais da maioria da bibliografia existente: gasto de dinheiro ganho em outro lugar e consumo de serviços turísticos. Um local de romaria e/ou peregrinação vai se transformando em receptivo turístico na medida em que o processo mais amplo de modernização avança, criando condições - serviços e representações sociais e simbólicas do turismo, como forma de viajar, que lhe deem sustentação. A visita ao templo, o pagar a promessa, a viagem para a realização de um milagre, da devoção, transformam-se em turismo. Deve-se admitir a possibilidade do movimento contrário. Afinal, na viagem, rompe-se com o cotidiano, buscando algo que o transcenda, seja esta transcendência entendida como sagrado, numinoso, misterioso, integração com o todo, enfim uma experiência holística.

O turismo religioso ocorre de forma individual ou organizada, em programas cujos objetivos se caracterizam como romaria, peregrinação e penitência, de acordo com os objetivos religiosos, dogmáticos e morais dos fiéis visitantes. Esse tipo de turismo é o que mais cresce, porque - além dos aspectos místicos e dogmáticos - as religiões assumem o papel de agentes culturais importantes, em todas as suas manifestações de proteção a valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de prevenção no que se diz respeito ao futuro dos indivíduos das sociedades (ANDRADE, 2000, p. 79-81).

Siqueira (s.d) observou que tanto na peregrinação quanto no turismo, a alteridade, a criação do outro, do estranho, é central. Ambos permitem a reinvenção da experiência, que permite neste enfrentamento e estranhamento, um distanciamento crítico em relação aos valores, regras, práticas, papéis que norteiam o cotidiano. A conexão turismo-religiosidade é nodal para se refletir as mudanças culturais mais amplas de nossa sociedade e de nosso tempo. Constroem-

se e se reconstruem práticas, valores, representações, a partir da expansão dos símbolos, dos signos e da materialidade (instalações e serviços) da modernidade.

O turismo religioso ocorre quando o lazer, a festividade e o consumismo transcendem o sagrado, a espiritualidade. É a junção de elementos como a cultura popular, a urbana e a religiosa, presentes todos eles em apenas um local. Já para Andrade (1996, p.77), o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, denomina-se turismo religioso.

Para Cypriano (2008), além dos espetáculos, marcados pela valorização da festividade, a EMBRATUR considera mais duas categorias de roteiros religiosos: padrão, como se as festas não integrassem o turismo religioso; e ritual, uma mistura do sagrado com o profano, marcado pelo sincretismo. De forma genérica, os seguintes atrativos podem ser considerados religiosos: festas populares; lugares e eventos, caminhos sagrados, paisagens (templos, santuários, construções históricas, etc) e manifestações sacro-profanas, esta última marcada pela interação com a prática do turismo cultural. No prisma da organização, o turismo religioso efetua-se sob formas individuais ou coletivas, em programas cujos objetivos se caracterizam, majoritariamente, por romaria, peregrinação e penitência.

Segundo Silveira (2007), o pluralismo religioso intensifica-se a partir das décadas de 1980 e 1990. São as décadas em que a modernização industrial e a urbanização explodem no país. Também é a década de construção de mercado turístico nacional. O governo brasileiro, por meio da EMBRATUR, investe em programas de incentivo ao turismo e empresta dinheiro para a construção de extensas redes hoteleiras, as agências de turismo espalham-se.

O Brasil é um dos maiores países católicos do mundo, segundo Fundação Getúlio Vargas em pesquisa feita em 2007⁸, e com uma população identificada por possuir uma grande religiosidade. Fazendo uso de tal fator, o turismo religioso pode tornar-se um segmento com enorme potencial de desenvolver-se, e isso ocorrerá se for bem planejado e organizado. Diversas manifestações religiosas, misturadas à nossa cultura, transformam-se em verdadeiros espetáculos de devoção, mobilizando para si milhares de peregrinos e/ou romeiros.

Para Oliveira (2005, p.326), é necessário que se discuta as interfaces reveladas pelo encontro das peregrinações contemporâneas com a religiosidade presente nos mais diversos aspectos do cotidiano nacional, estabelecendo um panorama de possibilidades de práticas turísticas por meio da dimensão religiosa existente nas regiões brasileiras. Uma pesquisa feita pelo Ministério do Turismo em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

8 http://www.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/Clippings/jc281.pdf

(FIPE) mostra que vem aumentando o número de turistas que se deslocam internamente com motivação religiosa. De acordo com o estudo, 3,2% do total de turistas viajaram pelo Brasil em 2006, um total de 1,184 milhão, o fizeram por motivos religiosos. Em 1998, esse percentual era 2,7%.

Entretanto, os números de peregrinos, de turistas e romeiros crescem exponencialmente (SALGADO, 2008):

A los centros de culto religioso más grandes en el mundo cristiano, que atraen en total a casi 25 millones de peregrinos (el 15% de los fieles migratorios de esta religión), pertenecen: Roma con el Vaticano (aproximadamente 8 millones), Lourdes (6 millones), Claromontana (4 - 5 millones), Fatima (4 millones) y Guadalupe, México (2 millones.). Entre los santuarios cristianos, un papel importante lo desempeñan los santuarios marianos. [...] La mayoría de los lugares de peregrinación del cristianismo está relacionada con el culto de la Virgen (alrededor del 80%).

Para se ter uma ideia das diferentes percepções sobre o mesmo evento entre o adepto e o turista, bem descrita pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2001, p.59), referindo-se a Semana Santa em Ouro Preto, MG:

Ainda que em maioria católicos, os turistas que chegam a Ouro Preto em caravanas as quais as empresas de turismo promovem, não vem por um igual espírito religioso. No fundo é preceito canônico que cada católico viva a Semana Santa em sua paróquia. Participar das cerimônias [...] em Ouro Preto significa vive-las como uma ‘ rara experiência de cultura’. Dificilmente estarão imbuídos dos sentimentos de pesar e dor que a igreja codifica e prescreve [...]. Se para os devotos do lugar a festa vale como culto, e o sinal dele é a dor; para o turista o culto vale como festa, e o símbolo dela é a alegria da rara novidade. Deixarão de comer carne, fazer jejum [...] e evitar as delícias do sexo na ‘Sexta-feira Santa’? [...] Não faltarão jovens, e para eles os bares e outros locais coletivos de alegria e ‘curtição’ terão de permanecer abertos.

De acordo com Pires (2007, p.27) o turismo de não-mercado se caracteriza por usar minimamente os equipamentos turísticos. Isso, porém, não o define completamente, pois lhe falta a espinha dorsal, ou seja, o enfoque não se encontra mais no montante dos gastos deixados nas destinações, mas na fruição decorrente das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos. Esse tipo de turismo de não-mercado, não apresenta um retorno econômico considerável que possa contribuir com o desenvolvimento da região. Os considerados turistas religiosos quase não injetam recursos financeiros na cidade, limitando-se apenas a pífios gastos no comércio informal. Por isso, não há interesse do setor comercial em estimular ou contribuir com o desenvolvimento de eventos religiosos. Mas nem por isso esse tipo de turismo deve ser deixado de lado. Desconsiderar o desenvolvimento de uma nova forma de turismo só por esta ser

desconecta dos fins comerciais, é desprezar a complexidade do fenômeno turístico, minimizando-o aos aspectos mercadológicos. O turismo de não-mercado pode ser mais bem explorado por instituições de fins não-lucrativos, entidades religiosas, organizações culturais e outras, com o intuito de melhor satisfazer o visitante. Novas formas alternativas de turismo e lazer, afastadas dos caminhos batidos pelo grande turismo, também devem ser consideradas e bem recebidas, sendo o turismo religioso uma dessas alternativas.

No entanto, deve-se entender o bem receber e o acolher apenas como um dos campos de preocupação e atenção da comunidade local e/ou do anfitrião em relação ao seu visitante/ turista, mas como uma categoria para análise da própria ação hospitaleira, do prazer de receber tanto no aspecto público/comunitário como no comercial ou privado/particular, que vá além do cunho religioso, mas que contemple o corpo social como um todo (SILVA, 2010, p.36)

A forma como se vive a religiosidade mudou, mesmo optando-se pelas formas tradicionais, as mudanças alteram, em menor ou maior grau, por reação ou por influência, a religião na vida e no cotidiano dos peregrinos, visitantes e turistas, dando a mesma uma maior visibilidade e uma nova forma de mercantilização: o seu aproveitamento turístico. Entretanto, o termo turismo religioso é cada vez mais usado e possui uma base empírica: os rituais/eventos/festas, que eram primordialmente manifestações de fé e religiosidade, se tornam, na sociedade de consumo atual, espetáculos artísticos, culturais e turísticos (SILVEIRA, 2004).

Embora muitos não considerem que suas motivações religiosas sejam turísticas, quando comparadas com as demais motivações, ambos, os romeiros e os turistas, utilizam-se de serviços e produtos comuns, trazendo consigo o surgimento e/ou desenvolvimento de inúmeras atividades econômicas que geram empregos e renda para uma determinada região graças ao consumo produzido através de eventos desse porte. Assim o turismo religioso é uma forma de viagem na qual a motivação principal é religiosa, mas podem ocorrer outras motivações, como: curiosidade ou interesse cultural em compreender as manifestações.

3.3 A Romaria da Nossa Senhora Medianeira entre o sagrado e o profano

Segundo Steil (1996, p.59), as romarias são portadoras de uma tradição que é continuamente reinventada por romeiros, moradores e pelo clero, como uma forma de legitimar valores, ações, normas de comportamento que cada uma das categorias considera centrais dentro de suas redes de convenções. Quando evocam a tradição, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, com ou sem o selo da ortodoxia, mas que hoje são usadas

para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento.

Turner (*apud* CARNEIRO, 2004, p.79) salienta ainda alguns aspectos gerais do fenômeno, ao afirmar que todos os locais de peregrinação têm em comum o fato de serem lugares onde se acredita que ocorreram milagres, que acontecem milagres ou que ainda podem acontecer novamente, e também que, em sua maioria, as peregrinações são as maiores experiências liminares da vida religiosa. Desta forma, sustentam que, se o misticismo é uma peregrinação interior, a peregrinação é a exteriorização do misticismo. Desta forma, a peregrinação, para Turner, longe de refletir ou reforçar a estrutura secular, é antes um fenômeno liminar que indica a possibilidade de suspensão, parcial ou completa, da estrutura. Adquirindo com isso um caráter de antiestrutura que tende sempre para a *communitas*, principal motivação dos peregrinos, que se despem de sua *persona social*, vivida na estrutura, para restaurar sua individualidade essencial na experiência da *communitas*.

A possibilidade do consumo para o turista surge a fim de observar a “autêntica” cultura da crença na Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Peregrinos, turistas juntos na Romaria numa mesma cadência, não conseguindo distingui-los na massa de participantes.

La mirada es construida a través de signos, y el turismo abarca una colección de signos. La mirada del turista se dirige a la búsqueda de la “cosa en sí”, del francesismo, del anglosajonismo, del exotismo, de la autenticidad. (...) esse modo de mirar demuestra cómo los turistas son, de cierto modo, practicantes de la semiótica, leyendo el paisaje en la búsqueda de significantes o de ciertos conceptos o signos preestablecidos, que derivan de los varios discursos del viaje y del turismo. (JOHN URRY *apud* STEIL, 1996, p. 28 e 29)

Evidencia-se um desejo de ruptura com a vida cotidiana e com a rotina de trabalho, ao mesmo tempo, tenta transpor para a superfície da existência ordinária em direção ao encontro com algo que transcenda a vida cotidiana. Peregrina-se na crença de que podem ser reapropriados por meio do movimento do corpo, modos de vida adormecidos nos sujeitos, que foram pouco a pouco suplantados e reprimidos pelos valores e o *modus operandi* citadino e moderno (STEIL, 2008, p.39).

Segundo Carneiro (2004, p.74) a principal diferença entre turismo e peregrinação, consideradas como estruturas de significados, caracteriza-se pela externalidade do olhar e pelo grau de imersão que cada uma das experiências proporciona às pessoas que delas participam. Por isso, aqueles que se autodenominam peregrinos resistem ao uso do termo turista para designar a experiência que definem como “transformadora”.

Steil em seu estudo sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa:

Os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna determinados lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado (STEIL, 1996, p.23).

Pode-se perceber essa noção de um espaço sagrado com o Santuário da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, já que foi justamente neste local, em que hoje há o Santuário e o Parque Medianeira, que havia o antigo Seminário São José, onde iniciou a devoção popular à essa santa. Outro fator que reforça tal ideia é a quase inexistência de outro local, no Brasil, onde haja uma Romaria em homenagem à Nossa Senhora Medianeira.

Para Sales (2009, p.62), os locais de peregrinação, chamados Santuários, possuem uma referencia geográfica fixa. O espaço do Santuário é considerado sagrado pelos devotos, permanentemente sagrado, sendo realizadas peregrinações constantes para esses locais. Embora na época de realização da Festa o número de peregrinos seja maior, trata-se de um espaço permanentemente sagrado. Já o Santuário Basílica da Nossa Senhora Medianeira, onde o maior número de visitantes ocorre durante o dia da Romaria, não pode ser considerado um local que configure como representante significativo do turismo religioso no âmbito nacional, pois é pouquíssimo visitado durante o restante do ano.

Caminar, y más aún escalar, significa transformar la espera em esperanza, por obra de la sola virtud del movimiento. Los hombres, siempre han tenido la necesidad de puntos fijos para alejarse y retornar, para gozar sucesivamente de los placeres de la distancia e de la emoción de la aproximación, la necesidad de introducir em su vida el sentido de lo sagrado. (...) los lugares privilegiados atraen a la vez a los peregrinos y a los turistas. Los peregrinos piensan reanimar allí su fe, su visión del mundo y de la historia, su certidumbre de existir. Los turistas solo creen movidos por la curiosidad. Pero em esos lugares todos se mezclan. Los peregrinos asimilan de buen grado los turistas, a su vez, aprecian em la presencia de los peregrinos una señal suplementaria de autenticidad. (AUGÉ, 1998, p.64 e 66).

Menezes (*apud* ARRUDA, 2008, p.88) ao se dedicar ao exame sistemático das práticas votivas, que observa que os atos de pedir e agradecer aos santos revelam vínculos mais complexos do que o sugerido no modelo interpretativo das três etapas (promessa-graça-agradecimento/devoção), pois:

[...] nem todos os pedidos são promessas: a promessa parece ser um tipo específico de pedido que “é pago”, como forma de retribuição, enquanto que os demais pedidos “são agradecidos” ao santo. Ou ainda nem todos os que pedem e obtêm a graça de um santo se consideram seus devotos: é possível pedir a um santo porque ele domina uma

especialidade da qual se necessita, ou por ter ouvido falar de sua reputação, sem que a pessoa se torne necessariamente sua devota [...] (MENEZES, 2006, p. 4).

A relação de devoção, de acordo com Menezes (*apud* ARRUDA, 2008, p.89):

[...] um vínculo duradouro e permanente [...], vínculo que pode se estender pela vida afora [...] envolve a fidelidade, mas não a exclusividade, pois é possível se combinar devoções a vários santos [...] é ainda marcada pela amizade, a fé, a confiança, a gratidão e reconhecimento [...] e principalmente a devoção fervorosa manifesta-se ainda numa atitude de doação do devoto ao santo. (MENEZES, 2006, p.5-6).

De acordo com Rigo (2006), a procissão, como prática da maioria das religiões, é costume muito anterior à redação da Bíblia. É uma viagem dos fiéis para um local consagrado por uma manifestação divina para aí apresentar sua prece em um contexto favorável. A motivação da participação na Romaria da Nossa Senhora Medianeira: a tradição familiar, passada de geração em geração; a fé pessoal; a mobilização dos meios de comunicação; as promessas feitas durante o ano; aumento da devoção popular que une multidões em torno do sagrado.

Segundo Rigo (2006), a cada ano, durante a avaliação da Romaria da Nossa Senhora Medianeira, depara-se com a questão do comércio de ambulantes ocorrido durante a mesma, e até hoje não se chegou a alternativas. Há ambulantes que viajam de norte a sul com objetos religiosos, perambulando de romaria em romaria, sobrevivem desse trabalho. Ele infere que o trabalho dos ambulantes se aproveitam da falta de possibilidades de controlar o espaço público, como a Avenida Medianeira, administrado pelo poder municipal.

Uns já utilizavam fatos históricos que envolvem a instituição promotora do evento como causa inicial do comércio, outros acusam a prefeitura e os próprios vendedores de incitadores do fator ‘profano’ da religiosidade, outros se colocam como constituintes desse processo, mesmo tendo clareza dos seus efeitos sobre a sociedade.

Na Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, o tempo e o espaço organizam-se em âmbitos sagrados e profanos, o que determina diferentes condutas e posturas dos seus participantes. No entanto, não são âmbitos totalmente separados, assim como também não se consegue distinguir as motivações de maneira absoluta, pois nem todo romeiro dará uma “olhada” no comércio informal existente em frente à Basílica, já aquele que se denomina turista terá que frequentá-lo necessariamente.

3.4 A Pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo Municipal

Soube da realização dessa pesquisa feita pela Secretaria de Turismo de Santa Maria no dia da Romaria de 2009, e lá mesmo conversei com a Secretária de Turismo e pedi a ela se depois de concluída poderia ter acesso aos seus dados. Optei pelo uso dessa pesquisa motivada pelo que esta representava para o município e também como uma fonte antropológica para o meu estudo. Considerei a pesquisa, pelo seu ineditismo, um marco de aproximação do poder público com a paróquia da Basílica, demonstrado através do maior interesse para com o evento da Romaria, reconhecendo-o como algo digno de ser melhor compreendido, para quiçá ajudar de maneira mais efetiva. Vou expor primeiramente a pesquisa com um resumo dos seus dados quantitativos, depois farei uma breve análise desses dados, com intuito de mostrar “uma outra Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, que com a minha pesquisa etnográfica eu não conseguiria obter.

A pesquisa quantitativa foi realizada no período de 31 de outubro de 2009 a 20 de janeiro de 2010 foi formatada por meio de três momentos (pré, trans e pós-evento). No pré-evento buscou-se dimensionar a participação da comunidade e os envolvimento dos setores público, privado e da sociedade civil organizada na preparação do evento. No trans evento procurou-se definir as principais características do evento, seu público e os impactos gerados pelo mesmo. E no pós-evento tratou-se de colher informações resultantes da opinião pública formada, para assim estruturar os dados referentes à Romaria.

No pré-evento, verificou-se quanto a estrutura turística foram pesquisadas 40 empresas, entre as quais se destacam as transportadoras turísticas, as agências de viagens e os hotéis. Pelos resultados obtidos, percebe-se que é incipiente a participação do mercado turístico local no evento. Do total de empresas pesquisadas apenas 20% tem participação direta com a Romaria. Dentre os partícipes o maior índice é do setor de meios de hospedagem. Dos hotéis entrevistados, 83,33% registram pequena alteração do fluxo de hóspedes no período da Romaria, mas não ficou claro se estes hóspedes estão nos estabelecimentos motivados pela Romaria ou não, por falta de mecanismos de identificação das causas desta presença na cidade. O maior impacto do evento deu-se na hospedagem extra hoteleira e na hotelaria econômica. Constata-se que o universo de pessoas hospedadas foi composto por romeiros e pessoas que vieram à cidade para comercializar produtos no evento.

No que diz respeito ao fluxo do terminal rodoviário, percebeu-se um aumento de 25% do fluxo normal diário na entrada de visitantes para a Romaria da Nossa Senhora Medianeira.

Quanto ao transporte coletivo, houve um aumento da frota para atendimento ao evento, incluindo linhas extras. Também há participação com colocação de linhas gratuitas do bairro Camobi ao Centro de Santa Maria.

Foram entrevistadas 16 pessoas (4% do total de pessoas de acordo com dados da Basílica), as quais trabalharam no Parque do Santuário da Medianeira. Os resultados obtidos demonstram que, devido à característica comunitária do evento, a equipe de trabalho foi composta por pessoas que vem trabalhando com a Romaria há muitos anos. Conforme os dados, 87,5% dos entrevistados já participaram do evento e, desses, 50% estiveram presentes em mais de oito edições. Indagados sobre o que os motiva a trabalhar no evento, 81,3% dos entrevistados responderam que participam da Romaria pela fé.

A preparação do Parque é iniciada mais intensamente cerca de vinte dias do evento. Dos entrevistados, 75% afirmaram dedicar-se ao trabalho no evento de 03 a 20 dias antes da Romaria. Em relação à geração de emprego na operação do evento, o impacto observado não teve relevância. A maioria da estrutura do evento é permanente e os serviços contratados são mínimos. De acordo com dados da Basílica os serviços contratados foram os de sonorização e alguns de apoio ao grupo de infraestrutura do Parque.

A pesquisa realizada no setor comercial e de estrutura da cidade resultou em um cenário rico em possibilidades. Constatou-se a importância do evento para a comunidade produtiva santamariense em geral. No entanto, destaca-se o afastamento do comércio local com o fechamento dos estabelecimentos no dia da Romaria, destacando-se os *shopping centers* da cidade. Perguntados sobre a importância do evento para o município, 33,3% dos empresários destacaram a possibilidade de geração de trabalho e renda para a comunidade. A maioria dos entrevistados (66,7%) reforçou o caráter da fé e da religiosidade, que marcam esse encontro de povos romeiros e curiosos.

No dia da Romaria foram entrevistadas 62 pessoas nas imediações da Romaria. Observa-se que 85,5% dos entrevistados são do sexo feminino e destes 62,9% são casados. Quanto à faixa etária há uma predominância entre adultos de 45 a 64 anos (41,9%) seguidos pela faixa de 25 a 44 anos (35,5%). As respostas referentes à ocupação dos sujeitos turistas apresentaram que 16,2% são profissionais autônomos ou empresários, funcionários do setor público representam 14,5%, do setor privado 12,9%, e os aposentados 12,9%. A renda mensal predominante do visitante é de até R\$ 1.000,00 (43,5%), seguido das faixas de R\$ 1.000,00 a R\$ 3.000,00 (19,4%) e de R\$ 3.000,00 a R\$ 5.000,00 (12,9%).

Os entrevistados já participaram, em sua maioria (85,5%), de outras edições da Romaria da Medianeira, sendo que 60,4% desses vieram entre 06 a 09 vezes ao evento. Os entrevistados

são procedentes de municípios distantes do estado (59,7%) e da região (38,7%), o que categoriza o evento como predominantemente regional/estadual. O deslocamento à Santa Maria, 35,5% afirmaram vir de ônibus de excursão, 32,3% de carro próprio e 22,6% de ônibus regular. Percebe-se que há uma relação entre o tempo estimado de permanência na cidade com o tipo de transporte escolhido. Cerca de 40% dos entrevistados afirmaram permanecer em Santa Maria de 21 a 30 horas, o que permite o alojamento destas pessoas. Outros 22,6% permaneceram na cidade até 10 horas, o que se caracteriza em visita temporária ou de excursionismo.

Com relação à hospedagem dos Romeiros que se alojaram na cidade, 66% ficaram em casa de amigos e de parentes, demonstrando a relação estreita e anterior com a cidade. Constatou-se que a participação na Romaria, como ato de fé, é realizada em família. Todos os entrevistados vieram a Santa Maria com seus familiares, sendo que 58,3% destes acompanhantes participaram da Romaria. Os demais realizaram atividades de lazer (25%) e visitaram amigos e parentes (16,7%).

A organização da viagem também é destacada, dos entrevistados, 37,5% organizam sua própria viagem, 27,8% são organizadas por amigos ou parentes e 20,8% são organizadas pela igreja ou pessoas que montam excursões. Justifica-se, assim, a ausência das empresas denominadas agências de viagens. Questionados sobre como souberam do evento, 41,7% responderam que já é um evento conhecido e tradicional. Outros 25% tomaram conhecimento do acontecimento pelos meios de comunicação e 22,9% através de amigos e parentes.

Dos entrevistados, 78,26% ressaltam qualidades positivas, dentre as quais: estrutura da romaria, segurança, alimentação e informações sobre o evento. Observa-se a opinião positiva do visitante em relação à cidade. Perguntados sobre o que mais gostaram em Santa Maria, 35,7% afirmaram ser a religiosidade, 11,9% o comércio e 7,21% o bem receber. Dentre os pontos não favoráveis, destacam-se a falta de limpeza (16,1%) e o trânsito desorganizado (16,1%).

A caracterização da amostra dos sujeitos trabalhadores no trans-evento, foram entrevistados 15 profissionais. Dos entrevistados, 61,5% são do sexo masculino. Dos trabalhadores, 30,77% possuem entre 28 a 39 anos. Também foram entrevistados profissionais menores de idade (7,7%). Referente ao cenário social destes sujeitos, 84,6% possuem baixo grau escolar e 30,77% tem como modo de vida o comércio ambulante. A maioria dos entrevistados são moradores de Santa Maria (69,23%), porém muitas pessoas são oriundas de outras localidades, como Bagé, Viamão e Porto Alegre, formando uma caravana composta de vendedores ambulantes que acompanham os principais eventos religiosos do estado e do país.

Com referência ao “comércio regular”, ou seja, aquele que paga imposto para Prefeitura Municipal para obter seu alvará, 53,8% dos produtos comercializados são alimentos e bebidas,

seguidos de peças de vestuário (18,5%) e de artesanato (20%). Os trabalhadores se preparam para o evento, investindo na compra de produtos, alimentos e souvenirs. Observa-se que muitos cidadãos organizam-se para prestar algum serviço ou vender produtos em tempo sazonal e informalmente. Atraídos por perspectivas de ganhos sinalizados pelo evento, investem aleatoriamente, sem pesquisa de mercado, de forma empírica, arriscando ganhar ou perder.

No pós-evento, foram levantadas as opiniões das forças operativas locais, dos realizadores da Romaria, e encaminhadas às opiniões dos vários públicos do evento. De acordo com os informantes da Basílica, o evento atingiu seu objetivo, sendo que a parte espiritual teve maior destaque em relação aos demais anos. Os serviços de apoio foram essenciais para o bom andamento do evento.

Para análise dos dados da pesquisa, foram realizadas 69 entrevistas com a comunidade de Santa Maria querendo conhecer a sua percepção em relação ao evento. Dos entrevistados, 62,3% são do sexo feminino. As faixas etárias são assim divididas: 39,1% de 25 a 44 anos, 33,3% de 18 a 24 anos e 18,8% de 45 a 64 anos. Os entrevistados solteiros representaram 52,2%, seguido dos casados com 46,4%. Questionados sobre o valor do evento, 89,1% dos entrevistados destacaram a fé e a religiosidade como fatores relevantes. Quando se perguntou sobre a importância do evento para cidade, 48% dos entrevistados afirmaram que é um acontecimento importante para o turismo e para economia do município, e ainda 28% dos pesquisados colocaram a questão do desenvolvimento para a cidade. Observa-se a participação bastante expressiva da comunidade local no evento. Dos entrevistados, 74,5% responderam que participam da Romaria.

Referente à hospitalidade da cidade, 61,4% afirmaram que há uma preparação para receber o evento e os romeiros. Os entrevistados apresentaram propostas de melhorias no atendimento do evento. Foi sugerida a ampliação e melhora da infraestrutura do parque (32,7%), capacitação da hotelaria, turismo e informações (17,30%), melhoria na divulgação e sonorização (11,53%), organização do comércio local (7,70%) e melhoria na organização do evento (7,70%).

Ao analisar os dados coletados pela Secretaria de Turismo de Santa Maria, pude chegar a muitas constatações. A Romaria da Nossa Senhora Medianeira ainda não configura um evento com características que o possa enquadrar como sendo turístico. Já que a grande maioria das pessoas que se dirige para Santa Maria não permanece por mais de 24 horas, não beneficiando de forma expressiva a estrutura turística municipal. Uma pequena porcentagem vislumbra a Romaria como geração de trabalho e renda, os demais a veem como um evento religioso na qual os seus participantes interessam-se apenas com a fé, daí o desinteresse dos empresários em investir nela.

O perfil do romeiro é do sexo feminino, de 45 a 64 anos de idade, com renda mensal de até R\$1000,00, já havia participado da Romaria e proveniente do Estado do Rio Grande do Sul. Um grande número de pessoas vem de ônibus de excursão, esta organizada por elas mesmas ou por parentes. Alojaram-se na casa de parentes, sendo a Romaria dessa forma um ato de fé realizado em família. Consideram a Romaria como um evento tradicional no campo religioso estadual.

Quanto à amostra de trabalhadores ambulantes localizados em frente à Basílica, a maioria é do sexo masculino, de 28 a 39 anos, com baixa escolaridade, tendo como modo de vida o comércio informal. A grande maioria são vendedores do Estado, mas também se observou a presença de caravanas de vendedores ambulantes que participam de vários eventos religiosos pelo país.

Dos moradores de Santa Maria entrevistados nos pós-evento, a grande maioria era composta do sexo feminino, de 25 a 44 anos de idade e solteiras, participam da Romaria, destacando como fator relevante dela a fé e a religiosidade. Já quanto à hospitalidade da cidade consideram que há uma preparação para receber o evento e os romeiros. E como sugestão deu-se a melhoria da infraestrutura do Parque Medianeira e a melhora na capacitação hoteleira, de turismo e informação.

Após entender que a peregrinação faz parte da vida dos cristãos, muçulmanos, judeus e místicos, enfim todos aqueles possuem uma religiosidade mais aflorada em sua vida. Elencar algumas das motivações da participação de romeiros e/ou peregrinos e turistas em Romarias, bem como a perspectiva do turismo em relação a esse mercado religioso em desenvolvimento. Em seguida pude observar os dados obtidos através da pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo e o Curso de Turismo da Unifra, mesmo sendo um número tão restrito/pequeno de entrevistados deu ter uma noção macro de como ocorre e se percebe a Romaria da Nossa Senhora Medianeira. Graças às opiniões dos diretamente envolvidos em sua organização, os que a percebem como uma fonte de renda e lucro, os romeiros e/ou peregrinos, turistas, e os habitantes de Santa Maria.

A Romaria da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças para a grande maioria de seus participantes é um evento que possui um perfil mais próximo aos que os estudiosos denominam romaria, pois para ser considerada peregrinação teria que haver um deslocamento, uma caminhada por vários quilômetros, além é claro de um envolvimento de outra natureza que esse tipo de evento requer; diferentemente do que observei na romaria estudada, em que seus participantes se percebem/ significam como romeiros e não como peregrinos.

Segundo Brum (2010, p.67 e 68), cada caminho é uma peregrinação ímpar que deve ser

pensada a partir da proposta que encerra, das motivações dos participantes e do espaço percorrido, como um processo social. No seu estudo que relaciona o Caminho das Missões e o Caminho de Santiago de Compostela, as representações produzidas pelos peregrinos os caracterizam como relacionados ao multiculturalismo, ao turismo, à religião e à alteridade no mundo contemporâneo, numa construção de identidades forjada a partir da passagem também presente nas caminhadas. Não considero a Romaria da Nossa Senhora Medianeira como um caminho, pois neste os seus participantes carregam consigo um esteriótipo através do uso de mochilas, chapéu já que para sua realização requer um espaço de tempo maior. Na Romaria da Medianeira pude perceber com os depoimentos que os romeiros vêm motivados pela Nossa Senhora Medianeira, considerada por muitos como milagreira, por tradição de família, e claro, por sua fé.

A importância dada a Romaria pelos seus participantes em quase sua totalidade é a “fé” e tudo o que essa carrega consigo. Esses indivíduos participantes da Romaria elaboram com seu grupo um conjunto de representações do que seria a fé em Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, esta como sendo uma santa milagrosa e sujeita à adoração. Na forma como se apresenta atualmente a Romaria, a considero ainda como um evento incipiente no que tange a questão turística, não se configurando como turismo religioso de grande expressão nacional.

Há um longo caminho a ser percorrido para isso ocorrer, segundo Padre Bertilo além de incentivar a participação dos fiéis durante a novena, já que nesse período poderia haver um envolvimento maior do comércio, enfeitando suas vitrines com símbolos religiosos como o fazem em datas como Dia das Mães, Natal, Páscoa e demais datas comemorativas. Acredita que um dos motivos é o envolvimento dos lojistas com a FEISMA, e falta de “tino” por parte dos empresários da quantidade de pessoas que Romaria atrai para Santa Maria. Para Padre Bertilo, também se deve impulsionar a visita de fiéis e turistas durante o ano como ocorre em Aparecida do Norte-SP, movimentando dessa forma a economia local através do turismo religioso.

As sugestões feitas pela pesquisa da Secretaria de Turismo foram encaminhadas para análise dos gestores. A necessidade de criar datas especiais para atrair mais turistas, programar a Romaria evitando a sobreposição de eventos na cidade, aumentar a sua divulgação, abrir o comércio aproveitando o fluxo de pessoas, aumentar o conforto dos romeiros através da melhora da estrutura. E os pontos que considere de maior relevância: criar uma comissão da Secretaria de Turismo e da cidade para dialogar com a organização da Romaria, enfim conseguir um maior apoio das autoridades para esse evento.

Considero as reclamações do Padre Bertilo pertinentes, pois mesmo ele requerendo essas mudanças e colaboração para sua paróquia, também vislumbra o crescimento do setor turístico

na cidade de Santa Maria. Já as sugestões feitas pela Secretaria de Turismo foram muito relevantes, e acima de tudo factíveis de realização, e após essas realizações poderá haver na cidade de Santa Maria uma ampliação do setor turístico religioso tendo como motivação o melhor aproveitamento do Santuário Basílica de Medianeira, para quem sabe poder atrair um número semelhante de fiéis e turistas durante o ano, como ocorre com o Santuário da Nossa Senhora Aparecida.

CONCLUSÃO

Santa Maria foi uma localidade em que nos primórdios de sua história a presença da Igreja Católica era incipiente, pouco significativa. Havia a presença de imigrantes alemães com a sua fé protestante, bem como a uma Igreja Católica pouco atuante. Entre as décadas de 1870 a 1890, para exemplificar as condições da Igreja Católica em Santa Maria, o vigário foi surrado de relho na praça central, o bispo foi ameaçado de morte durante sua visita pastoral, outro pároco teve que fugir da paróquia durante a madrugada para salvar sua integridade física. E durante os meses de novembro de 1895 a março de 1896 a cidade sofreu interdição decretada pelo bispo do Rio Grande do Sul, sendo proibido qualquer ato religioso no município de Santa Maria (BIASOLI, 2010, p.185).

A religiosidade esteve sempre presente na cidade de Santa Maria através das manifestações de religiosidade popular, representadas pelas tradicionais Festas do Divino e a de Santo Antão. Porém, essa religiosidade de cunho devocional, leigo e familiar teria que ser substituída por algo com caráter mais clerical, dando ênfase aos sacramentos e colocando a autoridade eclesiástica entre o povo e o Estado. Essa atitude foi conhecida como catolicismo ultramontano, na qual a figura do padre busca manter o controle sob os seus fiéis.

Mesmo na atualidade em Santa Maria, a Igreja Católica ocupa um espaço de relevância nas relações que reproduzem, com especificidades, o mito ao João Maria D'Agostini- Santo Monge, e a crença em Santo Antão. Dada a força da tradição e derivada dela o *habitus* de seus seguidores, a Igreja Católica segue negociando, apesar de secundarizar a devoção ao Santo Monge nas suas proposições de consagração destes dois espaços de afluência dos peregrinos no Morro do Campestre (GÓES, 2007, p.179 e 180). O mesmo ocorre com a Nossa Senhora Medianeira, que mesmo tendo sido trazida por um padre e colocada no Seminário São José, a sua devoção se populariza graças a um grupo de senhoras que realizam uma caminhada da Catedral até onde hoje localiza-se a Basílica. Atribuem à Nossa Senhora Medianeira a responsabilidade pela não ocorrência de uma Revolução na cidade de Santa Maria. Foi considerada a partir daí como milagrosa, e a Igreja rapidamente apoderou-se desse mito com intuito de ser a única responsável pela realização do rito - Procissão e a Romaria, enfim, tornado-a com caráter clerical. Essa comparação do uso pela autoridade eclesiástica de Santa Maria das devoções populares é um tema pertinente para um trabalho futuro, quiçá o doutorado.

A vinda dos italianos vai modificar substantivamente o cenário social, econômico e religioso da cidade, principalmente a partir de uma aliança de interesses realizada entre estes imigrantes e o catolicismo ultramontano. Os italianos encontraram na Igreja Católica uma forma

de identificação da sua própria *italianità*, confundiam sua fé com o seu nacionalismo, sendo uma forma de remetê-los a sua terra natal.

A partir da construção da ferrovia em 1885, em apenas quinze anos a população santamariense dobrou o seu número de habitantes, modificando os padrões sociais existentes, reconfigurando o seu cenário. Em 1896, os palotinos assumiram a paróquia de Santa Maria, o primeiro foi Pedro Wimmer, após veio um dos seus maiores expoentes, Caetano Pagliuca, e assim a Igreja Católica foi adquirindo prestígio e reconhecimento social. Seu ponto culminante foi a edificação da catedral e a criação da Diocese de Santa Maria em 1910.

Houve a disseminação da crença em Nossa Senhora Medianeira no Seminário São José, através do Frater Ignácio Rafael Valle. Contudo, na Bélgica, de onde veio essa Santa, recém estava sendo feito um estudo teológico pelo alto clero para verificar a viabilidade de torná-la cultuada popularmente. Em maio de 1930, foi celebrada oficialmente a primeira festa em honra à Medianeira e em outubro de 1930 um grupo de mulheres fez a caminhada da Catedral Diocesana até o antigo Seminário São José (atual Basílica de Medianeira) agradecendo a proteção da Nossa Senhora Medianeira para a cidade de Santa Maria. A partir daí iniciou a devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, e rapidamente alcançou uma parcela significativa da população, tanto que na segunda Romaria já havia mil romeiros. Em 1942 Nossa Senhora Medianeira é consagrada padroeira do Estado, ocorrendo em 1943 a primeira Romaria Estadual, sendo a partir daí conhecida no Estado inteiro.

Surge dessa forma o mito de origem da devoção popular da Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças em Santa Maria, considerada como uma santa milagrosa, havendo a reiteração desse mito através do rito da Romaria. Desta forma, tal mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva. O rito possui o poder de acender/ promover o mito ou, no mínimo, reafirmá-lo. Através do rito da Romaria, o homem aciona o mito da Nossa Senhora Medianeira, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. Para Segalen (2002) o ritual faz sentido para aqueles que o partilham, possui uma eficácia social, ordena a desordem, confere sentido ao acidental e ao incompreensível, permite dessa forma dominar o mal, o tempo e as relações sociais. A conexão entre ambos mostra um caminho, um exemplo do sagrado a ser seguido, enfim forma um *ethos* católico. Além do mais, o rito reiterando o mito, aponta o caminho, oferece um modelo exemplar, colocando o homem na contemporaneidade do sagrado. A religiosidade está repleta de símbolos, e ao conhecer tais símbolos em suas variadas dimensões colheremos os elementos para a construção social da realidade, assim como os valores e os modelos, preparam o comportamento na sociedade.

Após a entrevista com Padre Bertilo, pude perceber um certo mal-estar entre a Paróquia da Basílica e a Prefeitura Municipal, devido à falta de apoio desta à Romaria, sendo vista como aquela que apenas quer usufruir das benesses trazidas pelo turismo gerado por ela através das autorizações para as bancas dos camelôs. Contudo, esse impasse foi amenizado pela aproximação da Prefeitura Municipal da Romaria da Nossa Senhora Medianeira através da pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo com ajuda do curso de Turismo da Unifra.

Na pesquisa foram verificados os efeitos da Romaria para a cidade de Santa Maria, realizando entrevistas no pré, trans e pós-evento. Demonstrando dessa forma, um interesse do poder público com aquele evento que reúne um número tão expressivo de pessoas em apenas um dia, observando o quão pode ser desenvolvido em termos turísticos para que haja uma maior permanência dos romeiros e turistas na cidade através de eventos ligados direta ou indiretamente com a Romaria. Foram feitas sugestões passíveis de aplicação imediata, não requerendo gastos demasiados em sua viabilização: Incentivar a participação à novena que a antecede, onde a imagem da Nossa Senhora Medianeira percorre diferentes paróquias de Santa Maria, através da inclusão de um circuito de recitais artísticos com músicas sacras; conceder descontos nas redes hoteleiras para os romeiros e turistas; ordenar os espaços cedidos para os vendedores ambulantes, tentando transparecer uma imagem mais positiva para conquistar um maior número de turistas, e por consequência romeiros e/ou peregrinos. Além disso, tornar o espaço urbano mais agradável e hospitaleiro, tanto no que envolve o rito da Romaria, e o mito da Nossa Senhora Medianeira envolta pela fé das pessoas, remetendo-as ao sagrado, como pelo lazer ligado às compras e todo o aparato turístico ligado ao profano.

Dentre vários depoimentos, em especial um me chamou bastante atenção, motivado também pela conversa um pouco mais demorada que tivemos. Esse romeiro que eu considerei como “o personagem” da última Romaria pesquisada chama-se Joãozinho. Joãozinho é mineiro de Belo Horizonte, deficiente visual, com 62 anos de idade e participa da novena móvel e da Romaria há 26 anos. Uma pessoa extremamente carismática, e graças a tal adquiriu uma rede de relações dos mais diferentes estratos sociais em Santa Maria. Pois pelo que deu para perceber através da nossa conversa, se fosse para vir de tão longe e hospedar-se em hotel por tantos dias com recursos próprios ele não teria condições financeiras. Joãozinho considera-se um apóstolo leigo, nunca foi estudar em seminário, frequenta a Igreja diariamente, e essa é considerada sua verdadeira família. Depende exclusivamente dos olhos dos outros, necessita ajuda para se locomover, para comer, e durante a Procissão tem como seu guia a camionete da Brigada Militar que carrega a imagem da Nossa Senhora Medianeira.

A tradição da Romaria da Nossa Senhora Medianeira é reiteradamente reinventada pelos

romeiros. Os variados grupos que participam da Romaria, cada um concede um determinado sentido para sua participação. Antes de ir realizar a pesquisa de campo, esperava obter respostas mais complexas e elaboradas do que a “fé” como principal motivação daqueles milhares de pessoas participantes da Romaria. Mas na verdade eu não tinha a percepção necessária para compreender o que a fé faz e representa para tais pessoas. Através dos depoimentos obtidos, percebi na verdade que é justamente essa fé em Nossa Senhora Medianeira, a qual não dava o seu devido valor, que as “*mantém em pé*”, concede a devida estabilidade emocional de superar muitos percalços vividos em seu cotidiano.

A Romaria da Nossa Senhora Medianeira, considerada por mim como um fato social total de Mauss, pois põe em ação a totalidade da sociedade e de suas instituições. Esse evento é ao mesmo tempo religioso, econômico, jurídico, e mesmo estético e morfológico enfim, toda a vida social se mistura e está presente ali. Pude constatar durante minha pesquisa na Romaria, essa como um lugar de encontro de amigos, momento de fazer novas amizades, local onde- nem que seja num curto período de tempo- ocorre a *comunitas*. Local onde as pessoas confraternizam, cantam, rezam, comem, realizam compras, vendem produtos, há os mais diferentes perfis de participantes uns mais interessados com sua religiosidade, outros em observar essa religiosidade, e outros almejando seu sustento. Mostra-se como algo de extrema importância para a sua vida de romeiros, reiteram a importância do rito da Romaria e do mito da Nossa Senhora Medianeira, conhecida como milagreira pelos fiéis. Reiteram que através da participação na Romaria fortalecem a sua religiosidade, uns tendo essa como meta como o caso dos turistas, e outros tendo como apenas um momento de renovarem seus votos como os romeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÉM, João Marcos. **Travessia**: a instituição imaginária da peregrinação a Romaria-MG. (s.d.) Disponível em:< <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/fmY7oQ/Alem%20Joao%20Marcos.doc> > acesso em 10 abril 2010.

ALMEIDA, Ronaldo & MONTERO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. In: **São Paulo em Perspectiva**, vol. 15, n.3, jul-set. São Paulo: Fundação Seade, 2001.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo Fundamentos e Dimensões**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

ARRUDA, Bianca. **As sagas de Jorge**: Festa, Devoção e Simbolismo. Dissertação (Mestrado): UFRJ/ Museu Nacional/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2008. Disponível em:< http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_M/BiancaArruda.pdf > acesso em 14 de março de 2010.

AUGÉ, Marc. **El viaje imposible** el turismo y sus imágenes. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação /IEL/DAC/SEC,1975.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BELÉM, João. **Histórias do município de Santa Maria**:1797-1933. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIASOLI, Vitor Otavio. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria** (1870-1920). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

BIASOLI, Vitor Otavio. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte** (Rio Grande do Sul-1870/1920) 2005. Tese de Doutorado em História pela Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BORELLI, Viviane; SILVA, Gilson L. P. Radiofonização do fenômeno religioso: os dispositivos midiáticos co-determinam a própria festa. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007, Santos. Disponível em:<<http://www.adevento.com.br/INTERCOM/2007/resumos/R1483-2.pdf>>,acesso em 31 jan. 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína.(Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Festa do Espírito Santo na Casa de São José, In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 8, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ouro Preto: arte, antiguidade e artesanato. In _____ . **A cultura na rua**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.

BRUM, Ceres Karam. Pé na estrada: uma etnografia da circulação transnacional de peregrinos, **Debates do NER**, Porto Alegre, Ano II, n. 17, p.65-96, jan./jun.2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas Peregrinações Brasileira e suas interfaces com o turismo, **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 6, n.6, p.71-100, outubro de 2004. Disponível em:< <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2267/972> > acesso em 15 mar. 2010.

CARRANZA, B. **Renovação Carismática Católica: Origens, Mudanças e Tendências**. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Editora UNESP 2. Ed., Paralelo 15, 2000.

CARVALHO, José Jorge. Os encontros de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Reneé (org.). **Misticismos e Novas Religiões**, Petrópolis, Vozes, 1994.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In **Desvendando Máscaras Sociais** (Alba Zaluar, org.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CIPRIANI, R. Biografia e cultura: da religião à política, In: MORAES, O. (org.) **Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)** Von Simpson, São Paulo: Vertice Editora Revista dos Tribunais, 1988.

Código de Ética do Antropólogo Disponível em:< <http://www.soleis.adv.br/codigoeticadoantropologo.htm> > acesso em 05 nov.2009.

COSTA, Nestor da. El Catolicismo em uma Sociedad Secularizada: El caso Uruguayo. **Revista Ciências Sociais e Religião**, Vol.1, nº1, 1999. <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2155/844> > acesso em 14 out. 2009.

CYPRIANO, Pedro dos Santos. Turismo Religioso em São Paulo: Uma abordagem mercadológica. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, número especial, 2008. Disponível em:< <http://www.eca.usp.br/turismocultural/RELIGIOSOSP.pdf> > acesso em 16 nov. 2010.

DE BONI, Luis Alberto. **O catolicismo da imigração: do triunfo a crise**. In: DACANAL, José H. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 235.

DEBERT, Guita Grin. Ética e as Novas Perspectivas da Pesquisa Antropológica. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben Oliven; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (organizadores) **Antropologia e ética o debate atual do Brasil**, Niterói: EdUFF, 2004.

DINIZ, Débora; GUERREIRO, Iara. Ética na Pesquisa Social: desafios ao modelo biomédico. **In: Anis- Instituto de Bioética.** Disponível em: <<http://www.foar.unesp.br/comite/Modulo09.pdf>>, acesso em 17 dez. 2009.

DINIZ, Débora. Ética na Pesquisa em Ciências Humanas- novos desafios. **In: Ciência & Saúde Coletiva**, 13(2): 417-426, 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=63013213>>, acesso em 15 dez. 2009.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sónia Pereira da Silva, Purity and Danger [1966]). Disponível em: <http://reocities.com/Athens/acropolis/9070/fichas/douglas_purity.pdf> acesso em 20 maio 2010.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, Porto Alegre, Vol.9, nº21, 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Perspectiva, São Paulo, 1972.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EMBRATUR- Instituto Brasileiro de Turismo. **Turismo Religioso:** roteiros da fé católica no Brasil. Brasília: 2000.

FRIJERIO, Alejandro. El futuro de las religiones mágicas em Latinoamérica. IN: **VIII Jornadas de Alternativas Religiosas latino-americanas.** São Paulo, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GÓES, César H. B. **Nos Caminhos do Santo Monge:** Religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/12507>> acesso em 7 jan. 2011.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. **O antropólogo e sua magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras. 1ª Ed-1ª reimp., São Paulo: Editora USP, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**, vol. 18, n1. Rio de Janeiro: CER/ISER, 1997.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido** a religião em movimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E; RANGER, T. A

invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.9-24.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as Ruínas da velha Matriz:** religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria- Rio Grande do Sul- 1880-1900). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

LEVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In:_____. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1975, p.237-266

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/ago 2004.

MARTINS, Paulo Henrique. A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 73, dez. 2005. Disponível em:<http://www.ces.uc.pt/rccs/ficheiros/073/artigos/RCCS73-045-066-Paulo_H.Martins.pdf >, acesso em 4 jul. 2009.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva e esboço de uma teoria geral da magia. In.: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Kosac-Naify, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. A festa vai à cidade: uma etnografia da Romaria do Divino Pai Eterno, Goiás. In: **NAU- Núcleo de Antropologia Urbana da USP.** Disponível em:<<http://www.n-a-u.org/Nascimento1.html> > acesso em 12 dez. 2010.

OLIVEIRA, C. D. M. Turismo Religioso no Brasil: Construindo um investimento sociocultural. In: TRIGO, L. G. G. (editor). **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. Pesquisa em *versus* pesquisa com seres humanos. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben Oliven; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (organizadores) **Antropologia e ética o debate atual do Brasil**, Niterói: EdUFF, 2004.

ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e Reação Católica.** Petrópolis, Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro. Religião e Mercado no Cone-Sul: as religiões afro-brasileiras como negócio. IN: **Anais da XXII Reunião Anual da ANPOCS**, Caxambu, 1998. GT: Religião e Sociedade. Disponível em:< <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/oro.rtf> > acesso em 30 nov. 2010.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu:** sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHEIRO MACHADO, Rosana e SCALCO, Lucia Mury. Pirataria, tô dentro, tô fora! Notas etnográficas sobre o gosto e o estilo de vida dos grupos populares brasileiros a partir do consumo. IN: **Anais do 33º Encontro Anual**, GT 09 - Cultura brasileira: modo e estilos de vida, Caxambu, 2009. Disponível em:<
http://www.anpocs.org.br/portal/component/option,com_docman/task,catalog_view/gid,60/Itemid,8/> acesso em 10 dez. 2010.

PIRES, M. J. Turismo de Não-Mercado: perigoso porém libertário. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.18, n. 1: p. 24-32, mai. 2007.

PONTIFICIO CONSEJO para la pastoral de los emigrantes e itinerantes. Orientaciones para La pastoral Del turismo. Disponível em:<
http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20010711_pastorale-turismo_sp.html> acesso em 27 mar. 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Um Sopro do Espírito**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo- Fapesp, 1996.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889 – 1922**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. (Dissertação de Mestrado). (www.dominiopublico.gov.br)

RIGO, Enio José. **A Romaria da Medianeira e a eucaristia**: um estudo teológico pastoral. Santa Maria: Biblos, 2006.

ROCHA, Ana Luiza e ECKERT, Cornélia. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. **Iluminuras**, vol.1, n.1, 2001.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião Dossiê. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(2): 363-365, maio-agosto/2005. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>> acesso em 30 nov. 2010.

SALES, Lílian. Redes e Peregrinações: A Circulação nas Manifestações Marianas. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 11, n.11, p.59-91, setembro de 2009.

SALGADO, Javier Robles. **Turismo Religioso**: alternativa de apoyo a la preservación del patrimonio y desarrollo. Disponível em:<
<http://www.aguaforte.com/antropologia/JavierSalgado.html> > acesso em 19 set. 2008.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n.8, p.85-97, outubro de 2006.

SANTANA, Agustin. **Antropologia y turismo**, nuevas bordas, viejas culturas? Barcelona, Editorial Ariel, 1997.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

SEIDL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/3976> > acesso em 18 abr. 2009.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, Colonização e Identidade Étnica. **Revista de Antropologia**, Volume 29, São Paulo: USP, 1986.

SHOHAT, Ella. A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória. **Revista Estudos Feministas**. vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100006 > acesso em 20 nov. 2010.

SILVA, Alexandra Begueristain. **As Práticas Humanizadoras de Hospitalidade nos Eventos Programados em Santa Maria- estudo de caso: Romaria de Nossa Senhora de Medianeira**. Trabalho Final de Especialização em Gestão de Turismo Sustentável Centro Universitário Franciscano, 2010.

SILVA, Renata. **O Turismo Religioso e as Transformações Sócio-Culturais, Econômicas e Ambientais em Nova Trento-SC**. Trabalho de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. Disponível em:<https://www6.univali.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2005-12-16T074347Z-17/Publico/Renata%20Silva_parte%201.pdf > acesso em 5 mar. 2010.

SILVEIRA, Emerson Sena da. Turismo Religioso Popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. **Revista de Antropologia Experimental**, número 4, 2004. Disponível em :< <http://www.scribd.com/Turismo-Religioso/d/6703407> > acesso em 28 nov. 2010.

SILVEIRA, Emerson Sena da. **Por uma Sociologia do Turismo**. Porto Alegre, Zouk, 2007.

SIQUEIRA, Deis. **Turismo e Religiosidade em Brasília**. Disponível em:< <http://fama2.us.es/eee/ponencias/coloquioreligion/ponencia17.html> > acesso em 19 abril 2010.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos Feministas, **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(N.E.): 122-130, setembro-dezembro/2004. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a14v12ns.pdf> > acesso em 30 nov. 2010.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: Um estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia**. São Paulo: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. In: **XXII Reunião Anual da ANPOCS**, Caxambu, 1998.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações sociológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (org.) **Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, Turismo e Nova Era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124, 2008.

STEIL, Carlos Alberto; MARQUES, Bruno. El Camino de las Misiones: reflexiones teórico-metodológicas a partir de una experiencia de peregrinación contemporánea. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 10, n.10, p.17-48, outubro de 2008.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: GRABURN, Nelson (et al.) **Turismo e antropologia**: Novas abordagens, Campinas, Papirus, 2009.

TERRIN, Aldo Natele. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo, Paulus, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor. **O Processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: EdUFF 2005.

URRY, John. **O olhar do turista**; Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VELHO, Otávio. **Besta-Fera**: Recriação do Mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

VÉSCIO, Luiz Eugenio. Imigração Italiana: o caso de Santa Maria – RS. **Cadernos do CEOM**. No prelo 2010.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma** Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.